

PAUL SINGER:

Uma tese e 8 hipóteses sobre socialismo/autogestão



Claudio Nascimento

Novembro, 2018

.à Ademar Bertucci (*in memoriam*).

Índice:

Parte 1.

- 1.Introdução
2. Obra e Afinidades p. 7
- 3.Socialismo e Autogestão p.19
- 4.campos de memória e ciclos longos p. 25
5. experiência pedagógica p. 31
- 6.A Odisseia de Singer p. 34
- 7.As 8 hipóteses / o caminho do socialismo p.38
- 8.periodo da SENAES p. 55
- 9.Educação e economia solidária p. 61
10. Pedagogia da Autogestão p. 69

Parte 2.

- 1.Experiencias comunitárias p. 69
- 2.Modos de Produção /
Modo de Vida p. 79
- 4.M. Lowy: o socialismo do século XXI p.x
5. a modo de Conclusão / os ciclos e suas fases p. x
- 6.Bibliografia p. x

INTRODUÇÃO

Na minha formação político-intelectual, três teóricos tiveram grande influência: Mario Pedrosa, Michael Lowy e Paul Singer. Meu foco de análise sempre foi o tema da autogestão, inspirado nas obras de José Carlos Mariategui, Rosa Luxemburgo e Mário Pedrosa, depois foi ampliado com a visão de mundo do “romantismo revolucionário” (Lowy). Inclusive, foi na obra de Lowy que extraí a ‘chave mestra’ para entender a obra político-estética de Pedrosa. Em ensaio para revista “Perseu”, comemorando os 100 anos da Revolução soviética, escrevemos: “Sem dúvida, podemos destacar Pedrosa, militante da política e das artes, no filão que Michael Lowy caracteriza como a sensibilidade ‘romântico anticapitalista’ (Revista Perseu. n.º 14. 2017).

Pedrosa, em toda sua vida, articulou orgânica e dialeticamente as artes e a política, elaborando nos seus ensaios, mesmo de forma, às vezes, apenas intuitiva e/ou embrionária, uma crítica radical à civilização industrial do capitalismo, reclamando sempre uma revolução da vida e da sensibilidade”.

A ideia de ‘romantismo revolucionário’ tem sido uma chave através da qual tenho feito a reflexão sobre o socialismo, articulada com a ideia da autogestão comunal. Com esta chave teórica, articulei numa mesma constelação intelectual-política, Mariategui, Pedrosa, Luxemburgo e Singer. Dessa forma, Michael Lowy está de tão presente em minhas reflexões, que não escrevi algum ensaio, à parte, sobre sua obra. Sabemos que ele escreveu inúmeros ensaios sobre Luxemburgo, Mariategui e Walter Benjamin. Porém, sobre Singer, tinha feito referências em alguns ensaios, mas nunca abordei de forma sistemática sua obra. Por exemplo: no verbete para a obra “A Outra Economia”, recorri as ideias de Singer.

No item “Atualidade e importância do socialismo autogestionária”, dizíamos “Paul Singer afirma que “o fracasso do ‘socialismo realmente existente’ revela que o socialismo sem aspas terá de ser construído pela livre iniciativa dos trabalhadores em competição e contraposição ao modo de produção capitalista, dentro da mesma formação social (SINGER, 1998).

A essência do socialismo, enquanto modo de produção, é a organização democrática de produção e consumo, em que produtores e consumidores livremente associados repartem de maneira igualitária os ônus e os ganhos do trabalho e da inversão, os

deveres e os direitos enquanto membros de cooperativas de produção e/ou consumidores (...) A transferência do controle dos meios de produção aos trabalhadores, para ser autêntico, não pode ser decretado de cima para baixo, mas tem que ser conquistado de baixo para cima, dentro do capitalismo”. Para Singer, esta conquista implica em uma longa e verdadeira revolução cultural”. (SINGER, A Outra economia.2003-p.230).

Retomei algumas de suas ideias no ensaio “A autogestão e o cooperativismo”, feito para debate no Primeiro Seminário Nacional de Autogestão (Joinville. Dez. 2003)

Em Seminário sobre a “Economia Socialista”, ele fez referência à disputa ocorrida na revolução soviética entre os partidários da “planificação centralizada” pelo Estado e os defensores da autogestão. Segundo ele, com a derrota desta última alternativa, abriu-se o caminho para as experiências do chamado “socialismo real”, caracterizadas pelo planejamento geral e pela concentração do poder. (SINGER. 2000).

A outra via, a do “socialismo como autogestão”, se expressava através da ruptura com a ditadura do capital, nas empresas e sua substituição pela gestão coletiva dos meios de produção, exercida pelos produtores livremente associados. Estas ideias inspiraram os defensores das “cooperativas de produção autogestionárias”, das quais Rochdale, fundada em 1844, foi a pioneira.

A corrente autogestionária socialista tem uma experiência histórica que é a da própria história das lutas dos trabalhadores. E. P. Thompson, em sua “Formação da Classe Operaria Inglesa”, remarca que, “Em fevereiro de 1819, os operários ingleses do tabaco, após onze meses de greve, começaram a organizar a produção por sua própria conta”.

Paul Singer recorrendo, também, à história da classe operaria inglesa, apoiado em George Douglas Howard Cole assinala o caráter revolucionário do cooperativismo em suas origens:

Mas greves e ‘lock-outs’ logo se multiplicaram em outras partes do país e os recursos da União estavam longe de poder manter os excluídos. A detenção e condenação dos trabalhadores de Worcester, em março de 1834, foi mais um golpe, pois ameaçava os sindicatos em todos os lugares com penalidades legais, somados à hostilidade dos empregadores. A GNUMM (Grande União Nacional Moral das Classes Produtoras) e a maioria dos seus afiliados aboliram os juramentos, que eram comumente parte das cerimônias de iniciação sindical e haviam fornecido a base para as condenações de Worcester (SINGER. 2000).

Mas, em face da crescente militância dos empregadores e da declarada hostilidade do governo, os sindicalistas em muitas áreas começaram a perder o ânimo. Owen e seus discípulos puseram-se à frente da demanda pela libertação dos trabalhadores de Dorchester e

entraram na GUNM em bloco, na esperança de salvar a situação. Mas uma greve sem sucesso dos alfaiates de Londres –que em seu decorrer cobriram Londres de cartazes anunciando que estavam partindo em bloco para a Produção Cooperativa – piorou seriamente a situação; e os empregadores de Yorkshire, retomando a ofensiva do ano anterior, conseguiram em maio e junho quebrar o poder do Sindicato de Leeds. O Sindicato dos Trabalhadores em Construção também estava ruindo face a repetidos ataques (...). E uma após a outra, as associações de ofício foram deixando o sindicato, que no fim de 1834, se extinguiu. As oficinas corporativas em Derby tiveram de fechar, e os homens foram forçados a voltar ao trabalho nas condições impostas pelos empregadores. O Sindicato dos Oleiros, que montou uma olaria cooperativa em junho de 1834, teve de abandoná-la seis meses depois. Sem glória, a grande aventura sindical estava chegando a um fim. ”

Esta é a origem da economia solidária. Seria justo chamar esta fase inicial de sua história de “cooperativismo revolucionário, o qual jamais se repetiu de forma tão nítida. Ela tornou evidente a ligação essencial da economia solidária com a crítica operária e socialista do capitalismo. ” Apesar de inúmeras derrotas, permaneceu viva a ideia de que “trabalhadores associados poderiam organizar-se em empresas autenticamente autogestionárias e desafiar assim a prevalência das relações capitalistas de produção. (NASCIMENTO. Claudio. Autogestão e novo cooperativismo. Novaes, H./Sarda, M.Faria/Benini, Édi/Dagnino, Renato: “Gestão Pública e Sociedade.vol.1-Outras expressões. 2011. p.91)

Também utilizei algumas ideias de Singer no ensaio “Beco dos Sapos”, escrito para SENAES em 2005.

Singer, repensando o Socialismo, também nos apresenta uma reflexão em que podemos encontrar “afinidades” com alguns conceitos de Henri Lefebvre. Assim, ” A história da cooperativa dos Pioneiros de Rochdale” é, neste sentido, riquíssima em lições. O êxito econômico da cooperativa, que depois foi replicado em numerosas localidades da Grã-Bretanha e de outros países em transição ao capitalismo industrial, demonstra que o modo de produção capitalista apresenta “brechas” que podem ser aproveitadas para organizar atividades econômicas por princípios totalmente diferentes dos capitalistas e que, por isso, devem ser denominados socialistas. Nestas “brechas”, “pontos frágeis” ou “lacunas” é onde podemos construir o que ele chama de “implantes de socialismo”, que se define na perspectiva da autogestão (SINGER. 1998).

Mesmo no capitalismo, os implantes socialistas desempenham um papel positivo ao difundir valores essenciais ao convívio em sociedade. Este fato abre um certo leque de possibilidades de que algumas destas sementes germinem. O que poderia significar isso? Que a democracia política se difundisse do âmbito estatal ao das instituições privadas, como, empresas, escolas, igrejas, prisões etc.; ou que o fortalecimento do sindicalismo fizesse crescer a influência sobre a gestão econômica dos representantes de operários nas fábricas, bancos e demais empresas; ou ainda, que cooperativas de consumo e de serviços se unissem para formar um grande mercado cooperativo preferencialmente voltado à aquisição de produtos de cooperativas de produção.

Na visão de dele, o socialismo, enquanto utopia militante, desencadeou o que se pode considerar ter sido um vasto processo de tentativas e erros no sentido de modificar o capitalismo, compensando suas tendências à concentração e à destruição.

E, assim, diz Singer:

Os implantes socialistas no capitalismo resultam de algo como um processo de tentativas e erros. E dificilmente poderia ser diferente. A revolução socialista, por esta conceituação já em curso há quase dois séculos, não é a concretização de um projeto, mas o resultado de inúmeras lutas no plano social e econômico, que se estenderam por um número de nações, à medida que a revolução capitalista foi se estendendo a novos países e continentes (SINGER; 1998).

É nesta conceituação que Singer fala do “ressurgir do cooperativismo” e do que “genericamente” se chama “**economia solidária**” como resposta à crescente exclusão social produzida pelo neoliberalismo. Ela é formada por uma constelação de formas democráticas e coletivas de produzir, distribuir, poupar e investir e segurar. Suas formas clássicas são relativamente antigas: as cooperativas de consumo, crédito e de produção, que datam do século dezenove.

Elas surgem como solução, algumas vezes de emergência, na luta contra o desemprego. Ocupações de fábricas por trabalhadores, para que não fechem, são semelhantes a ocupações de fazendas por trabalhadores rurais sem-terra. Ambas são formas de luta direta contra a exclusão social, tendo por base a construção de uma economia solidária formada por unidades produtivas autogestionária (claudioautogestao.com.br. Beco dos Sapos.2012).

Em muitas atividades de formação operário-popular-sindical fizemos uso, em trabalho

de grupos, do seu livro de 1980, “O que é socialismo hoje? ” Foi determinante para uma geração de pessoas engajadas nas lutas do final dos anos 70. Caiu como uma luva também para desenvolver atividades de formação político-sindical sobre o Socialismo/autogestão.

Foi por impulso vindo de um ensaio de Singer (depois refeito junto com Valmor Schiochet) que resolvi desenvolver o SITE (‘claudioautogestao.com.br’), em que postei o que tinha escrito em vários anos de militância e alguns vídeos de palestras sobre autogestão. No ensaio “A Construção da economia solidária como alternativa ao capitalismo” a partir de um ‘Memorial’ que fiz para UNB, Singer ressalta cursos de formação que realizamos pelo país, em torno do tema ‘socialismo autogestionário’. Sobretudo, o debate em torno da autogestão e do Solidarnosc da Polônia (Singer. 2013).

Após sua morte, em 2018, fui impulsionado a fazer esse ensaio, ao me comprometer na organização de um Memorial em homenagem a Singer, na Feira de Ecosol de Santa Maria, Seria um pequeno texto sobre Singer. Contudo, ao ir me adentrando na sua obra, o desafio foi tomando dimensão bem maior que o previsto. E, então, mergulhei fundo, e, assim, preenchi uma grande lacuna em meus trabalhos. Uma pena que só o fiz após sua morte, pois, sem dúvidas, teríamos muito para conversar.

O objetivo central deste ensaio é cascavilhar na obra de Paul Singer o par dialético “Socialismo/Autogestão” e, também extrair alguns elementos no eixo “Economia Solidária/Educação”, pedagogia da autogestão.

Por fim, delinear Hipóteses sobre elementos que Singer, por razões internas e externas a sua obra, não conseguiu avançar em suas práxis por causa de alguns limites teóricos e práticos. Por um lado, devido a sua função na SENAES, como secretário de Governo, e por outro lado, devido ao caráter e composição de forças do Governo e a um caráter “corporativo-pré-hegemônico” (Gramsci) do próprio movimento social-operário, sobretudo, da economia solidária. Esses elementos, Singer não teve tempo ou condições políticas de aprofundar e sistematizar. Mas, também devido a limites em sua própria visão de mundo, por exemplo, a questão ecológica e o papel das forças produtivas e da tecnologia na transformação socialista.

Dizemos que é não um ‘tema ausente’, pois, nos anos 70, Singer quando se referia as comunas agrarias falava de “comunidade **ecológica**’ e “organização **ecológica da sociedade**’. E, nos anos 2000, no ensaio “Economia Solidária e Socialismo”, chegou a falar de

“construção de **implantes socialistas e ecológicos** na economia” (ALMEDINA. p.117. 2018. grifos nossos).

Do mesmo modo, Singer desenvolveu trabalho com agricultura. Por exemplo, “Procurei desenvolver uma análise histórico-estrutural da agricultura, sobretudo em economias não-desenvolvidas”. O primeiro trabalho teórico nessa área foi “Agricultura e Desenvolvimento econômico”, publicado na Revista Brasileira de Estudos Políticos n.º 2/1961. (Memorial. 2013. p.27).

Em 1962, realizou também “extenso estudo da agricultura na bacia do Paraná-Uruguaí”. Neste ensaio, Singer analisou a agricultura em cada um dos estados da bacia: Mato grosso, Goiás, Minas gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul, publicado na Revista Brasileira de ciências Sociais, n.º 02/1963 (Memorial. p.28).

Estes entraves diversos, não permitiram a Singer desenvolver um ‘máximo de autogestão possível’ (R.Williams) em relação ao “potencial revolucionário” da Ecosol. Sobretudo, numa possível relação com o pensamento crítico latino-americano desenvolvido em outros países. Nesse sentido, que chamamos a parte final de “Com Singer além de Singer”. E ‘uma hipótese!

Dividi o ensaio em duas partes: a primeira sobre “a Odisseia de Singer”, e a segunda: ‘além de Singer’. Na primeira, busco traçar a peregrinação de Singer em relação a construção do nosso eixo temático /socialismo e autogestão. Na segunda, partindo de uma posição de Jose Luiz Coraggio, sobre o debate sobre Modos de Produção e economia solidaria:

=Esta linha de pesquisa teórica não está fechada e sem dúvidas vai crescer na medida em que a esquerda de vertente marxista se interesse e comece a debater sobre as variantes da economia alternativa não estatal socialista, e reabrirá e remoçará velhos debates (Coraggio.2007.p.25)

Pensei em levantar algumas questões em relação a ideia de Ecosol como ‘um modo de produção’. O objetivo maior dessa segunda parte seria traçar afinidades com teóricos do ‘sistema comunal’, que entendem a ecosol mais como ‘Um Modo de Vida’. A partir de ideias de Meszaros, Linera, Zavaleta, Echeverria, Bartra, Raquel, Zibechi.

Enfim, à guisa de conclusão, tracei algumas Hipóteses em relação ao momento atual da ecosol.

Vamos, então, cascavilhar a obra de Singer!

2. A Obra:

Alfredo C. Filho, na Revista Estudos Avançados (2001), de certa forma adverte das dificuldades de abordagem da obra de Singer, destacando alguns pontos: A avaliação das contribuições de Singer à análise econômica no Brasil fica dificultada pela **extensão e diversidade da sua obra** (grifos nossos). Facilita-a seu sentido de coerência e alguma concentração em temas da economia marxista, da urbanização, do trabalho e emprego, ou de demografia, saúde etc. A meticulosa análise de toda sua produção, teórica ou técnica, seria imprescindível para fazer-lhe melhor julgamento. Isto implicaria examinar perto de 170 títulos, distribuídos ao longo de aproximadamente 40 anos.

A filho concentra em ‘três vertentes’ a obra de Singer: Economia, Sociologia e Demografia: “Economista de origem, doutor em sociologia e livre-docente em demografia”. E, marca vários Temas: “Preocupações dominantes com a práxis e com a pedagogia marcaram definitivamente seus aportes à análise econômica. Urbanização, população, desenvolvimento e formação do mercado interno, trabalho e emprego em economias capitalistas não-desenvolvidas, fixação de salários como função de movimentos do capital, estrutura de classes e modos de produção no Brasil, além de ciclos de conjuntura”.

Visando a obra econômica-política de Singer, Costa Filho a divide em quatro grandes blocos:

- 1 - A longa tradição ortodoxa de Singer;
- 2- Sua percepção do socialismo real;
- 3-reflexões mais atuais, centradas na economia solidária;
- 4- Algumas conclusões gerais”. (COSTA FILHO. p. 363. 2001).

Muitos ensaios do conjunto da obra Singer estavam dispersos. Todavia, veio a facilitar nosso trabalho, o fato que a Fundação Perseu Abramo recolheu vários ensaios em uma Coletânea sobre “Desenvolvimento e Urbanização” (2016), e, o próprio Singer coletou vários ensaios em “Desenvolvimento e Crise” (1968). Mas, de Portugal, veio, após a morte de Singer, a principal contribuição pela editora Almedina, lançando um livro: “Paul Singer”, Ensaios sobre economia solidária”, incluindo seus textos sobre socialismo e autogestão

(2018). Através de outras fontes, como inúmeras entrevistas feitas com Singer, temos um material fundamental para nosso objetivo.

O Acervo de Paul Singer foi doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP, consta da Biblioteca e Documentação pessoal, ao total, 9 mil itens. O diretor do IEB, Paulo Teixeira Iumatti declarou:

Trata-se de um Acervo que espelha a produção e a militância de um intelectual que possui um pensamento original, com projeção dentro e fora do País, tendo inaugurado uma vertente da economia solidária – que tem imensa repercussão no Brasil, a ponto de afetar o cotidiano de parte da população”, portanto, as condições estão postas para pesquisas sobre o ‘pensamento original’ de Singer (IUMATTI. Jornal da USP. 01.10.2019)

Aliás, Singer em ensaio intitulado “A teoria na prática da economia solidária”, de forma otimista, dizia que:

O movimento da economia solidária tem sido guiado sobretudo, por necessidades imediatas. Agora ela precisa ser analisada criticamente para que teorias bem fundamentadas permitam delinear sua possível trajetória futura e a transformação social e econômica que poderá induzir. Em analogia a um celebre debate, há necessidade de uma teoria de “transição para a economia solidária” como modo de produção dominante” (Almedina. 2018. p.35).

Somada à idéia de Coraggio ,que expomos logo acima , essas palavras de Singer são um convite aos militantes e intelectuais da ecosol.

De nossa parte, uma questão foi se impondo ao desenvolvermos o estudo do conjunto da obra de Singer: Será possível estabelecer um ‘fio condutor’ que forneça uma certa unidade a obra de Paul Singer? Que perpassasse toda sua multiplicidade temática? Vamos notar que, em muitas ocasiões, Singer fala de um ‘esquema teórico’ que foi construindo e que permanece em toda sua obra.

Com o curto tempo que tive para traçar o percurso e as ideias de Singer, foi possível trabalhar uma metodologia, dividindo em ‘constelações temáticas’ a obra de Singer, tendo como foco o eixo temático “autogestão/socialismo/ecosol”. Três “constelações temáticas” destacam-se, em sua obra:

1) Socialismo/Autogestão/Economia solidária

2) Economia / Desenvolvimento/Urbanização

3) E, podemos, de sua obra, destacar elementos que contribuem para reflexão sobre uma “Pedagogia da Autogestão”

Enfim, seguindo orientação de método do próprio Singer, quando do seminário sobre “Autogestão e Socialismo” (SINGER.1998): “Em vez de teses, vou apresentar hipóteses”! Sobretudo na parte final deste ensaio.

Nesta imersão na obra de Singer, nos deparamos com uma Síntese/Resumo de suas ideias sobre o eixo temático Socialismo/Autogestão: suas Oito hipóteses para um socialismo via autogestão, elaboradas para apresentação em um Seminário de 1998, onde? Pela sua constante preocupação em tornar as ideias muito claras, sistematizadas, Singer tenta sintetizar onde chegou na sua reflexão sobre o tema. Digamos, tipo ‘o máximo de consciência possível’.

Sabemos que Karl Marx tentou sintetizar sua visão da filosofia das práxis nas “11 Teses sobre Feurbach”; com muita modéstia, o que lhe era tão peculiar. Singer o fez com “8 Hipóteses sobre o Socialismo”. Contudo, essas hipóteses nigerianas pressupõem, no meu modo de ver, uma Tese, que é a base de todo seu arcabouço teórico. Por isso, o título do ensaio presente: “Uma Tese e Oito Hipóteses...”.

2. AFINIDADES: Singer, Pedrosa. Lowy e Rosa

Vamos antecipar o que entendemos por TESE de Singer, e adiante iremos ver as oito hipóteses.

A TESE de Singer vem de seus estudos da obra de Rosa Luxemburgo. Como é sabido, Singer está inserido na ‘corrente subterrânea luxemburgista’ no Brasil. Em entrevista a Loureiro, em 2008, em plena maturidade político-intelectual, e, com seis anos na SENAES, Singer destaca Três legados da Rosa:

1- A democracia de massas, em sua crítica a Revolução Russa; Explica:

E’, acho que há um legado luxemburguesa do qual eu não estava consciente antes deste momento. E o legado me parece ser este: para Rosa Luxemburgo, quem dirige a revolução é o que ela chama de ‘as massas’; são os próprios trabalhadores, homens, mulheres, os jovens, enfim (SINGER.2008. p.19).

Mas de qualquer forma, na crítica de Rosa à Revolução Russa, essa visão das massas como carregando o ímpeto da mudança **é uma coisa que calou fundo em mim**. E eu a reencontrei na economia solidária”. (Idem. p.24.grifo nossos).

2 - A dinâmica da revolução é de baixo para cima, pela ação das massas;

Para Singer a economia solidária ‘foi uma criação das pessoas em situações difíceis, mas recorrendo às forças comunitárias que são socialistas, em última análise “Agora, o que me encanta na economia solidária é que ela vem de baixo” ((Idem. p.25).

E, a Tese de base de seu pensamento:

3= a ideia de Rosa em “A Acumulação do Capital, da “coexistência dos modos de produção”.

Paul Singer, teve uma oportunidade especial de analisar a obra de Rosa sobre “O Capital” de Marx. Em 1983, fez a apresentação da obra de Rosa editada na Coleção “Os economistas” do abril Cultural. Vejamos os destaques que fez sobre “A acumulação do capital”.

Além do livro sobre Rosa, e pensando na formação intelectual de Singer, é importante destacar que em um período curto, Singer fez as apresentações de 3 obras fundamentais. A obra de Rosa, “A Acumulação de Capital”, publicada pelo abril em 1983; a obra de Ernst Mandel, “O Capitalismo Tardio” (1982), e a organização/introdução ao número sobre “MARX”, da coleção “Economia” /editora Atica-1982.

Em relação à obra de Luxemburgo, Singer dedica grande parte a análise da “Acumulação do Capital”: “não é somente a principal obra teórica de Rosa Luxemburgo, mas também uma das mais significativas do campo da Economia Política marxista”. (p.XXXVI). Rosa elaborou essa obra a partir das dificuldades que achou em Marx na exposição sobre o processo total da produção, quando estava escrevendo sua “Introdução à economia política’, resultado das aulas que Rosa dava na Escola do partido.

Em menos de um ano, Rosa Luxemburgo realizou uma análise da acumulação do capital admirável pela sua extensão, profundidade, consistência, erudição e originalidade (Idem).

Singer destaca o ponto central da obra: ” A Seção III, ‘A condição Histórica da Acumulação’ da obra constitui a contribuição mais importante de Rosa Luxemburgo à Economia Política. Ela mostra que o capital não se limita a entrar em relações comerciais com

seu entorno não capitalista. À luz de rico material histórico, ela demonstra que o capital vai solapando as bases da economia natural, onde ainda sobrevive, de modo a quebrar sua autossuficiência, fazendo surgir em seu lugar uma economia de mercado. Esta é a base econômica do Imperialismo”. (P. XLI)

Numa entrevista de 2008, concedida a um grupo coordenado por Isabel Loureiro, para um livro sobre a “recepção da obra de Rosa Luxemburgo no Brasil”, Singer fala de suas origens luxemburgistas.

Isabel põe o tema: “Mario Pedrosa e você foram considerados os primeiros luxemburgistas brasileiros. Depois de vocês, veio Michael Lowy, são os três mais importantes.

E, Singer diz que “Eu tomei conhecimento que existia Rosa Luxemburgo, que foi uma figura importante no movimento operário, ATRAVÉS DE MARIO PEDROSA, CREIO QUE NAS PÁGINAS DA ‘VANGUARDA SOCIALISTA’, se bem me lembro, nós começamos a ler Rosa Luxemburgo, primeiro, essa crítica à Revolução Russa, em seguida Reforma ou Revolução, foi um dos livros de cabeceira”. Singer diz que tinha na época 14 ou 15 anos.

Vale ressaltar que Pedrosa publicou o ensaio sobre “A revolução russa” em 1946 no jornal Vanguarda Socialista. (Loureiro.1998.p. 13/14.o grifo é nosso)

Singer prossegue:

Provavelmente comecei a ler VS um pouco depois. Eu me lembro que lá por volta de 1947 comecei a frequentar o PS aqui em SP, que era bastante mais à esquerda que a direção nacional, e que depois o próprio Mario entraria no partido lá no RJ. (*idem*)

Sobre a ‘corrente luxemburgista’, Singer diz:

Olha...eu realmente não saberia responder essa pergunta a você. Eu sei que através da influência de Mario Pedrosa, de Michael Lowy e minha, entre outros, Rosa passou a ser uma autora de peso (SINGER. 2008. P. 13 e 14)

Aproveitando que Singer citou Pedrosa, vamos, então, recorrer a uma obra fundamental sobre o livro de Rosa Luxemburgo. Trata-se da obra do pioneiro da ‘corrente luxemburgista’ no Brasil, MARIO PEDROSA. Este, escreveu um livro sobre a “Acumulação do Capital” de Rosa Luxemburgo. O mesmo que como vimos foi apresentado por Singer na Coleção da editora Abril. A obra de Pedrosa foi elaborada no exílio parisiense, datado de julho

de 1976: “A crise mundial do Imperialismo e Rosa Luxemburgo” (PEDROSA.1979). E, não por acaso, Pedrosa pôs como Apêndice no seu livro o ensaio de Rosa sobre “A Revolução russa”, que tinha traduzido em julho 1946, 30 anos antes.

Pedrosa tomou contato com a obra de Rosa nos anos 20, em Berlim e depois em Paris, onde chegou no início de 1929. Em carta para o amigo Lívio Xavier, datada de agosto 1928, dizia que “Quanto ao frustrado imperialismo –Lenin, Rosa Luxemburgo – é muito complicado. E eu mesmo ainda não li a Rosa. O que vou fazer em breve”. Pedrosa escreve que assistiu cursos de Luciene Revo, na casa de Naville, ‘Gostei dele. Ele sabe pra burro, “Ele é luxemburgista”’.

A França foi palco de um longo debate sobre a obra de Rosa Luxemburgo, iniciando em 1923 e indo até 1930.

Pedrosa participou na casa de Naville de um seminário tipo “O Capital”; aulas dadas pelo austríaco Otto Maschl, que foi para Paris em 1928, e adotou o nome Lucien Laurat; aulas para um seleto grupo, “um curso aprofundado sobre O Capital, capítulo por capítulo”, “um dia por semana’ (Naville).

Laurat publicou em 1930 um resumo da obra de Rosa “A Acumulação do Capital”. Suas aulas versavam sobre “O Capital” e sobre esta obra de Rosa. Laurat fundou a Revista “Le Combat marxiste” e viveu muitos anos na URSS. (Paquot, Thierry.” *Rosa Luxemburg et les marxismes français ,1909-1939/in: “Rosa Luxemburg aujourd’hui.P.U.de Vincennes.Paris. 1986.p.75)*

Para analisar o Imperialismo das multinacionais, Pedrosa após viver a trágica experiência do Chile de Allende, recorreu ‘a Rosa:

Tendo definido a crise na qual se está mergulhado como uma crise capitalista de âmbito, enfim, mundial, é oportuno que se vá às estantes da imensa biblioteca marxista já imersa na poeira dos tempos e que se pegue nela a obra mais aberta a esse tema: “A Acumulação do Capital”, de Rosa Luxemburgo (PEDROSA. 1979. P. 19).

Na obra de Rosa, Pedrosa, tal qual o fez Singer, assinala a ‘tese fundamental’ de Rosa: “O capitalismo é o primeiro modo econômico munido da arma da propaganda, um modo que tende a engolir o globo inteiro e a varrer todas as outras economias, não tolerando nenhuma outareis aí seu traço primeiro e mais profundo” (PEDROSA.1979. p.18).

E, “O segundo traço fundamental do capitalismo, que foi pela primeira vez e mais

corajosamente definido por Rosa Luxemburgo: ...é também o primeiro modo econômico incapaz de existir por si mesmo, uma vez que ele precisa de outros sistemas econômicos como um meio e um campo”. (Idem. p.20)

Como vimos, daí decorre a ideia de ‘coexistência dos modos de produção’, tão cara a Singer.

Para Mario, “Rosa Luxemburgo não se contentou em ficar no funcionamento abstrato dos esquemas de reprodução ampliada de Marx (vol. II do Capital). Diante do impasse em que se encontrou, ela decidiu submetê-los à prova dos acontecimentos da história”. (PEDROSA. 1979. p.77)

Com base nos estudos antropológicos de Maurice Godelier (“L’Anthropologie, Science des sociétés primitives? ”), Pedrosa afirma que

De todos os processos socioeconômicos que a história nos apresenta, o único a interromper a rotina dos tempos estabelecida pela preguiça criadora do bom Deus e a se desenvolver ao longo de gerações e gerações de humanidade até nossos dias foi o sistema de trocas” (PEDROSA. 1979. p.55)

E que “Isto se passou, se nos permitem falar brutalmente, quando as primeiras virtudes sociais do agrupamento humano, ou a doação, a troca, o escambo antes da moeda e a moeda se institucionalizaram” (PEDROSA. 1979. p. 55). Vem da antropologia a distinção entre “as formas simples de circulação das ‘mercadorias’ com ou sem dinheiro, e as formas capitalistas de circulação de mercadorias; os povos primitivos desde os primeiros contatos, compreenderam a lógica das doações, e a do escambo e mesmo a da circulação simples de mercadorias. (Idem)

E, Pedrosa acentua o elemento principal, “Mas se explica também que a existência de formas de produção e de circulação mercantil **Não altera, por si, a natureza profunda dos diversos modos de produção no seio dos quais a encontra**. Não é circulação mercantil em geral que destrói as antigas relações comunitárias de produção ou de vida social. A produção mercantil dirigida sistematicamente para o lucro” (p.56, grifos nossos)

O capital porta uma insociabilidade inata: “De seus contatos como todas as formas de circulação das sociedades primitivas, ele tem a faculdade fatal de se distanciar de todos os condutos sociais de toda relação humana, seja ela qual for”. Ele invade como área privada a área do coletivo. Nos velhos tempos, essa última área era a área do sagrado, a área do privilégio” (p.57)

Retomando a ideia de Rosa: O processo cumulativo visa em toda parte substituir a

economia natural pela economia mercantil simples” Seu objetivo final consiste em estabelecer a dominação exclusiva e universal da produção capitalista em todos os países e em todos os esquemas de indústria”. E Mario segue o raciocínio, ”

A realização e a capitalização da mais-valia dão sem dúvidas nascimento a essa operação, mas para chegar a um impasse. E esse é o nó da questão. O capitalismo completa seu primeiro ato como capitalismo no mundo: ele substitui a economia natural, na qual o mundo vivia pela graça de Deus, pela economia mercantil, graças ao engenho do homem”. (p.78)

Mas, o que se passa então, na realidade? Pergunta Mario “O capital não para”?

Ele toma o lugar da economia mercantil simples e então se verifica que essa criação do bom Deus, que levou tantos anos a construí-la, vai ser remodelada. A extinção dessas velhas organizações não capitalistas deixa ao capitalismo um solo fértil e instrumentos passivos de trabalho. A realização da mais-valia passa, finalmente, para o capitalismo, que efetua assim seu segundo ato como tal: ele ocupa e arruína.

E, “Mais que um marxista, **só uma revolucionária**, do porte de Rosa Luxemburgo, poderia apanhar o fenômeno da acumulação nessa profundidade da história social e política: historicamente, a acumulação do capital é uma espécie de metabolismo entre a economia capitalista e os métodos pré-capitalistas de produção, sem os quais ela não poderia funcionar e que ela corrói e assimila. Assim, o capital não pode acumular sem a ajuda de organizações neocapitalistas, mas nem tampouco pode ele tolerar sua existência contínua ao lado dele. Só a desintegração contínua e progressiva das organizações não capitalistas torna possível a acumulação do capital” (Idem. p.78)

Vimos que Singer analisa essa seção III, na mesma linha de Mario: ” ...o capital vai solapando as bases da economia natural, onde esta ainda sobrevive, de modo a quebrar sua autossuficiência, fazendo surgir em seu lugar uma economia de mercado; nas regiões em que predomina a produção simples de mercadorias, o grande capital se apodera de parte do solo para abrir espaço à sua crescente acumulação, até arruinar os pequenos produtores.

“Em suma, além de explorar e condicionar o entorno não capitalista, o capital na verdade o destrói, para tomar o seu lugar, tendendo assim a expandir incessantemente o modo de produção capitalista, até moldar todo o mundo à sua imagem. ” (SINGER. p. XLI.1983.)

E, conclui, “Esta é a base econômica do imperialismo”! Ou como disse Pedrosa: “Esse é o nó da questão”!

Mas Voltemos à entrevista de Singer a Loureiro: Singer era um ‘ser dialogante/escutante’, tinha uma extraordinária capacidade para aprender dialogando. Certa vez destacou o papel pedagógico destas entrevistas: “**A entrevista é uma forma importante de captar coisas que, mesmo quando o entrevistado é um autor, como no meu caso, ele jamais sabia que sabia, porque não pensou**”. “A entrevista livre, fluindo, leva a pensar coisas em função exatamente do dialogado sou um partidário e entusiasta do método” (MANTEGA/

REGO. p.60. grifos nossos).

Vimos que Singer declarou não ter aprofundado de forma sistemática o ‘legado de Rosa’. Tudo indica que essa fala de Singer diz respeito a relação que poderia extrair/ aprofundar da obra de Rosa a “A Acumulação do Capital”, com a economia solidária. Pois, em relação à obra em si mesma de Rosa, Singer tinha um conhecimento sistemático, como veremos adiante.

Indagado por Isabel Loureiro, sobre o papel dos pequenos agricultores familiares, os artesãos, Singer responde que, ” Eu tenho dito várias vezes – **Nunca Escrevi, não tive tempo de escrever** - que o campesinato hoje é vanguarda porque é só entre os camponeses que você pode fazer agricultura ecológica” (ibid.pg 28. Grifos nossos).

Nesse ponto, Singer apontou dois temas que intuiu, mas que não desenvolveu: um, a questão ecológica, outro, a questão dos camponeses: na verdade, ambas estão articuladas no tema do Eco socialismo e /ou no Sistema Comunal. Como fica claro nas últimas obras de Lowy.

Em outro momento da entrevista, Singer aborda o tema dos camponeses e formas não capitalistas de produção. Assim, volta a falar de Luxemburgo, da obra “Acumulação do Capital”, em que há uma relação com a Ecosol. Para Singer, a segunda parte desta obra de Rosa, “é entusiasmante, porque aí ela tira as consequências político-históricas do que considera um erro de Marx, **e dá uma contribuição teórica, para mim, absolutamente decisiva**” – que é mostrar que nunca houve um modo de produção único no mundo. Sempre houve diferentes modos de produção que interagem. E é muito fácil você dizer: ‘Bom, mas esse aqui é o passado. Isso aqui são modos de produção pretéritos que ainda sobrevivem’. Não é verdade. Na realidade o campesinato, o artesanato – a pequena produção de mercadorias precede o capitalismo e convive com o capitalismo até hoje. **Isso eu percebi graças à Luxemburgo.** ((ibid. p. 18. Grifos nossos).

Singer discorre sobre o erro que Rosa assinala em Marx, em relação aos “esquemas da reprodução ampliada”:

Ela dá uma visão totalmente nova, pelo menos para nós, do que é o processo de expansão do capitalismo. Porque Marx mesmo já tinha tratado disso, mas ele não tomava a sério os modos de produção não capitalistas. Marx faz uma coisa, que é outro erro metodológico dele: ele escreve O capital na pressuposição de um sistema puramente capitalista. No mundo pressuposto por Marx, só há trabalhadores e patrões, e mais nada. Nem o Estado praticamente aparece como fator econômico, ele é só um elemento político. E com Rosa isso vem à tona: quer dizer, na imortal

análise de Marx, do capitalismo e sua dinâmica, faltava algo essencial” (ibid. p.20)

E conclui, anunciado sua tese fundamental: **“Então todo o meu trabalho teórico a partir daí pressupõe múltiplos modos de produção.** Isso tem a ver com a economia solidária, obviamente”.

E, conclui:

“Quer dizer, **eu entendo a economia solidária como um modo de produção**, entre outros, que existe dentro do capitalismo, já há duzentos anos, como maior ou menor força, mas que pode, diante das contradições que o capitalismo apresenta, ter um desenvolvimento” (ibid. p.18. Grifos nossos).

Empolgado com a obra de Rosa,

Tudo isso ela deslinda lindamente”, Singer nos fala da teoria do Imperialismo de Rosa: “Essa é uma das coisas mais inteligentes e interessantes que eu aprendi com Rosa. Ela faz estudos sobre a Índia, a Argélia e mostra como aquela população que vivia da economia de subsistência, muitas vezes sem moeda, foi forçada pelo colonizador a se transformar numa economia monetária. (Ibid. p. 19).

Por fim, essa tese se explicitou em Singer no ponto sobre **“os implantes socialistas”**: “Os implantes socialistas no capitalismo resultam de algo como um processo de tentativas e erros” (SINGER. p.132. 1998.grifo nosso); **e da economia solidária como um modo de produção intersticial**”: “A questão que se coloca naturalmente é como a economia solidária pode se transformar de um modo de produção intersticial, inserido no capitalismo em função dos vácuos deixados pelo mesmo, numa forma geral de organizar a economia e a sociedade (SINGER. p. 116. 2002. grifos nossos).

Na verdade, talvez, não seja um elemento tão obvio. Singer não teve tempo para aprofundar a relação entre a multiplicidade dos modos de produção numa mesma formação social e a economia solidária como um possível modo de produção hegemônico/socialista, mesmo que tenha diversas vezes assinalado essa relação. Nesse sentido, é possível que teria avançado na linha de Mariategui e de Lowy sobre o socialismo indo americano, do eco socialismo, e as fontes comunais da autogestão, como veremos no final deste ensaio em vários teóricos, como Mesários, e tantos outros da Nuestra América. É uma hipótese.

A Experiência da Consciência, ou A Odisseia do Espírito

Foi Georg Lukács quem analisou comparativamente a estrutura da obra de Marx com a Fenomenologia de Hegel. Em seu “El Joven Hegel”, (obra concluída em 1938 e só publicada em 1948) após expor o ‘esquema da Estrutura da Fenomenologia” hegeliana,

chama a atenção para o fato: “Há que sublinhar, que a estrutura da Fenomenologia que acabamos de expor coincide em seus traços essenciais com a agrupação proposta por Marx nos Manuscritos econômico-filosóficos em forma de índice. (Lukács. p.457. 1972).

Mas, foi o filósofo tcheco Karel Kosik quem desenvolveu essa relação entre Marx e Hegel, só que em relação a “O Capital”. Analisando “ A Estrutura de “O Capital, Kosik aborda vários elementos, a saber, o “encontro de pontos de contato entre “ O Capital” e a Lógica de Hegel; a ideia de Lenin de que não se pode conhecer O Capital sem ter estudado a Lógica de Hegel; a suposição de que “ O Capital” seja ao mesmo tempo a “ Lógica” e a “Fenomenologia” de Hegel. Kosik cita vários autores sobre esses temas, contudo não cita Luckas. Ele fez essa análise em sua principal obra, “A Dialética do Concreto” (ao analisar o que chamou de “motivo simbólico intelectual comum”, presente em “O Capital” de Marx e na “Fenomenologia do Espírito” de Hegel), aborda o tema da Odisseia, como uma metáfora da criação literária, filosófica ou científica. Adverte que a Odisseia do Espírito ou a Ciência da Experiência da Consciência não constituem o tipo único ou universal - são apenas um dos modos – de “ realização da Odisseia” (KOSIK. 1970. P. 165).

Assim define a Odisseia:

O sujeito (o indivíduo, a consciência individual, o espírito, a coletividade) deve andar em peregrinação pelo mundo e conhecer o mundo para conhecer a si mesmo. O conhecimento do sujeito só é possível na base da atividade do próprio sujeito sobre o mundo; o sujeito só conhece o mundo na proporção em que nele intervém ativamente, e só conhece a si mesmo mediante uma ativa transformação do mundo. O conhecimento de que é o sujeito significa conhecimento da atividade do próprio sujeito no mundo” (Idem).

Mas, “Todavia, o sujeito que retorna a si mesmo depois de ter andado em peregrinação pelo mundo é diferente do sujeito que empreendera a peregrinação. O mundo percorrido pelo sujeito é diferente, é um mundo mudado, pois a simples peregrinação do sujeito pelo mundo modificou o próprio mundo, **nele deixou suas Marcas**” – (Ibidem. Grifos nossos).

E, por fim, ” Ao regressar, porém, o mundo ao seu redor se **manifesta** ao sujeito de modo diferente de como se manifestara no início da peregrinação, porque a **experiência** obtida modificou a sua **visão do mundo** e de certo modo reflete a sua posição para com o mundo, nas suas variações de conquista do mundo ou resignação no mundo” (Idem. p.166. Grifos nossos).

Essa definição da Odisseia nos caiu como uma luva para abordagem da “Peregrinação

de Paul Singer” na construção de sua ‘visão de mundo’ sobre socialismo/autogestão. Singer percorreu um longo percurso desde os anos 40, no DROR judaico socialista, até seus anos de economia solidária, na SENAES, nos anos 2000 (saiu do Governo com o golpe em 2016 e faleceu em 2018).

Para dar conta dessa Odisseia/peregrinação de Singer, traçamos uma metodologia de ‘escalas de tempo:

Ele percorre uma longa trajetória, tipo uma Odisseia, na construção de sua visão socialista autogestionária. É um processo fenomenológico sem linearidade, com desvios, abandono e retomadas de temas, com lacunas, intuições não desenvolvidas, mas com um ‘fio condutor’ a partir da ideia de ‘desenvolvimento econômico/capital’, e seu corolário, o ‘desenvolvimento solidário’, desde o início da elaboração de suas ideias.

Vale destacar que essa “Peregrinação/Odisseia” é diferente do percurso do espírito hegeliano, marcado pela ideia de progresso e de temporalidade linear. O desenvolvimento não é apenas desigual, escapa à linearidade, não obedece a processos constantes e ascensionais. Vale nesse caso, a definição de temporalidade a Walter Benjamin, que Marx fez das revoluções:

“As revoluções proletárias criticam-se continuamente a si mesmas; interrompem em cada instante o seu curso; voltam aquilo que parecia já coisa acabada para recomeçar de novo; são escarnecidas impiedosamente e sem respeito pelas meia-medidas, debilidades e misérias das suas primeiras tentativas; parece que só derruba o adversário para que esse tire da terra novas forças e se levante novamente mais forte em face delas; retraem-se continuamente ,espavoridas pela imensidade infinita dos seus próprios fins até que se crie a situação em que se torna impossível qualquer recuo e as próprias circunstancias gritem; hic Rhodus, hic salta”(Marx. 1928 p. 27).

Fazemos nossas as palavras de Diego Giller: “Por definição, toda periodização sobre a obra de um autor é rígida e excludente. Invariavelmente terminam – ou começam – postulando que certos elementos pertencentes a um momento dado, sejam de ordem teórico, sejam de ordem político, foram deslocados no momento seguinte. Isto é, aquilo que marcava a centralidade de uma etapa deixaria de estar presente em outras etapas. Todavia ,este não é o único modo possível de entendê-las. Também podem ser lidas como uma opção metodológica que permite identificar rupturas, cortes , giros e mudanças.”(Giller.2018.pg.135).Giller opta

pela ‘possibilidade de que uma obra esteja dominada por uma preocupação central desde seu começo(...),podemos achar uma inquietude de ordem teorico-politico disposta a seguir as diferentes e possíveis etapas de uma trajetória individual”(idem.)

Na trajetória de Singer alguns momentos e experiências foram decisivos. Analisando o conjunto da obra de Singer, vamos distribuí-la em “campos de memórias”.

Usamos um método de ‘Campos de memórias temporais’. Repetindo, não são memórias estanques nem lineares, pois sobrevivem as temporalidades, umas se acumulam, outras se desfazem, se cruzam, criam interfaces, algumas são coexistentes. Assim, podemos assinalar:

- A) Campo de memória secular e ancestral (experiências indiretas);
- B) Campo memória longa duração: anos 40/50/60;
- C) Campo memória média duração: anos 70/80/90;
- D) Campo memória curta duração; anos 90/2000.

Mais adiante, vamos desenvolver estes ‘campos de memória’.

O arco de tempo percorrido por Singer, em relação ao eixo socialismo/ autogestão, abrange as obras “Introdução a Economia Política” (1979/1983) à “Introdução a Economia Solidária” (SINGER.2002). **É isso mesmo?**

Entre a publicação de “Introdução a economia política” (curso de 1979) retomado em 1980 com o título de “Aprender Economia” (publicado em 1983), e sua “Introdução a economia Solidária” (2002), em que especifica sua reflexão sobre a Economia, abordando um novo campo, o da Economia Solidária, Paul Singer nos deixou um legado profundo e múltiplo.

Porém, já a partir da segunda metade dos anos 90, centrou sua reflexão na economia solidária, tema que sempre articulou com o de Socialismo. Dizia: “E ‘que na minha cabeça economia solidária e socialismo são sinônimos”, em entrevista (SINGER. 2008).

No Prefácio para o seu “Memorial” para USP, (escrito em 1983, mas apenas publicado em 2013), pode-se ler: Um militante solidário. Assim poderíamos definir a personalidade histórica de Paul Singer. Austríaco que se tornou brasileiro, economista que adotou o socialismo, socialista que defendeu a autogestão, Singer teve uma trajetória coerente. Dentro

do socialismo democrático ele não se limitou à Social Democracia, acercou-se das ideias de Luxemburgo e dialogou com as notáveis contribuições de outro militante austríaco, fundador da Ação Popular (**não foi AP, mas POLOP**). (P SINGER. 2013..P 17. grifos nossos)

. Paul Singer e Michael Lowy: “judeus e marxistas heterodoxos”.

Na linha da ‘ecologia dos saberes’ de Boaventura Santos, não resisti a tentação de relacionar Singer com Lowy. Ao ir me adentrando na obra de Singer, iam surgindo as ‘afinidades eletivas’, como diz Lowy. São muitos encontros entre as duas vidas e obras. Parece-me que, por vários motivos, Lowy desenvolveu um ‘máximo de consciência possível’, partindo de uma visão especial de ‘romantismo revolucionário’, a partir de estudos sobre as comunidades pré-capitalistas, via Mariategui e Luxemburgo, chegando a visão mais recente dos ecos socialismo e de crítica radical da modernidade capitalista, via Walter Benjamin.

Este é um tema que Singer, por várias razões, não pôde desenvolver até suas últimas consequências. A obra de Fabio Mascaro Querido, sobre Lowy, reforçou-me esse sentimento (QUERIDO.2016). Em 2014, estive com Singer na SENAES e conversamos por mais de uma hora, além do almoço no restaurante do Ministério Trabalho, onde Singer gostava de saborear uma massa. Falamos muito das “Comunidades/Comunas”, a partir da obra de Luxemburgo. Falamos sobre “Introdução a economia política”, que lhe enviei um exemplar em seguida. Singer, já conhecia essa obra. Falamos muito das experiências na Bolívia, Venezuela e Equador, sobretudo da obra de LINERA, em torno da ideia de “Forma Comunidade”. Falou que chegamos ao mesmo ponto, do “Socialismo comunitário”, mas por caminhos distintos. Foi um tema que Singer não teve tempo para aprofundar.

Por sua vez, Michael Lowy nasceu em São Paulo, em 1938, filho de imigrantes judeus; em 1961 foi estudar na França; em 1964, com 26 anos, foi para Israel viver com sua família, onde ficou quatro anos e viveu num Kibutz. Por sua vez, Singer nasceu em Viena em março 1932; em 1940 veio para São Paulo com seus pais quando tinha oito anos de idade. Tinha previsão de ir viver num Kibutz em Israel no final dos anos 40, mas decidiu ficar com seus pais no Brasil. Um desencontro nas duas trajetórias.

Lowy construiu o principal de sua obra na Europa, sobretudo na França. Singer o fez no Brasil.

Lowy fez referência a uma “corrente luxemburgista subterrânea” na cultura socialista brasileira. Na contracapa de uma obra de Isabel Loureiro, sobre Rosa Luxemburgo, Lowy afirma: “Não é por acaso que o livro aparece no Brasil hoje. Sempre existiu na cultura da esquerda brasileira uma corrente ‘luxemburgista’, e que é Mario Pedrosa, o mais conhecido representante desta corrente desde os anos 40. (LOUREIRO.1995)

Sobre Pedrosa podemos notar que, ” (...), criaram, sob a liderança de Mario Pedrosa, o jornal ‘Vanguarda Socialista’, que, para Isabel Loureiro, foi um centro de ampla discussão dos caminhos da esquerda, na busca da formação de um **partido socialista com viés luxemburgista**, voltado para a auto emancipação dos trabalhadores. (Loureiro,1984. p.28/ citada em Margarida L.M. Vieira, “História do Marxismo no Brasil”. Vol. V. Unicamp.2002. p.163. Grifo nosso).

Essa ‘corrente’ veio à tona em diversas manifestações. Alguns intelectuais podem ser citados, dentre os quais, Mario Pedrosa, Paul Singer, Mauricio Tragtemberg, os irmãos Eder e Emir Sader, o próprio Michael Lowy, jornais e organizações como, Vanguarda Socialista de Mário Pedrosa, final dos anos 40; a liga Socialista Independente, Singer etc.; a Polop, anos 60. Parte dessa herança luxemburgista aderiu ao PT nos anos 80.

As afinidades e conexões entre Singer e Lowy, ocorreram por vários motivos: a origem judaica, o luxemburgismo, a amizade e influência política. Deste modo, recorri a entrevistas nas quais Michael Lowy faz referências a Singer, sendo duas histórias várias vezes entrelaçadas.

Singer: “judeu marxista luxemburgista auto gestor utópico” ?

Ao iniciar esse estudo mais sistemático da obra de Singer, judeu nascido em Viena, imigrante desde os 8 anos no Brasil e naturalizado em 1954, uma questão me veio à mente: nos estudos de Michael Lowy sobre os ‘judeus heterodoxos “haveria um lugar para o “judeu marxista luxemburgista autogestionário utópico” Paul Singer? Então, essa questão me levou de volta a obra de Lowy.

Em entrevista (2004), Lowy declara: “Nasci em São Paulo, em 1938, filho de imigrantes judeus de Viena. Meu primeiro guia nos meandros da política de esquerda foi um amigo um pouco mais velho, **Paul Singer, Também de cultura judaico-alemã**. Paul era um marxista da tendência de Rosa Luxemburgo. Graças a ele comecei aos 16 anos a ler Marx e

sobretudo Rosa. (Margem esquerda.n.4/2004. Grifo nosso).

Bem antes, em uma outra entrevista, em 1996, Lowy tinha afirmado:

Eu participei, durante um tempo curto, do Partido Socialista e depois da famosa Liga Socialista Independente. Era um grupo muito pequeno – minúsculo, microscópico – inspirado em Rosa Luxemburgo, do qual faziam parte, no começo, Paul Singer, Rocha Barros, Sachetta, Sader. Na realidade eu me considerava um discípulo de Paul Singer(...). Em conversas e discussões com Paul Singer aprendi tanto quanto na universidade. Do ponto de vista da formação intelectual e política marxista, ele foi uma espécie de universidade particular para mim (Tempo Social.n.2.1996).

Certa feita, Antônio Candido falou que havia nos anos 40, uma “esfera Mario Pedrosa”, tipo um campo de ‘afinidades eletivas” em torno da figura de Pedrosa; parece que existiu algo deste tipo em relação a Singer. (CANDIDO. 2001)

Ao ser perguntado como definiria Paul Singer, Lowy diz: ” Alguém que ao mesmo tempo tinha uma formação marxista sólida, conhecia perfeitamente Marx, Luxemburgo, e tinha um engajamento sindical, operário e político muito forte” (LOWY. 2012 p.169).

Na entrevista de 1996, Lowy abordando a renúncia de Jânio Quadros em 1961, acresce outros elementos:

Nessa época eu já estava em outra organização política, porque em 1960 uma parte do pessoal, que estava na Liga Socialista Independente se juntou com outros e criou uma organização chamada Política Operária, esta já é ‘mais conhecida. (...). Participei da fundação da Polop junto com Paul Singer, os irmãos Sader, Juarez Brito, Teothonio dos Santos e Rui Mauro Marini. (Idem. p. 173).

Na obra “Judeus Heterodoxos”, Michael Lowy define um campo destes judeus, em que alguns aspectos podem corresponder a Singer.

Esses intelectuais revolucionários ou críticos, sejam eles internacionalistas ou nacionalistas, sejam marxistas ou sionistas, têm em comum a recusa à religião. A corrente romântica, tentada pelo “reencantamento do mundo”, é praticamente ausente. Sua visão do mundo é sempre racionalista, ateia, secular, Aufklärer, materialista. A tradição religiosa judaica, a mística da cabala, o hassidismo, o messianismo, não interessam a eles (LOWY. p. 2012).

Singer se dizia “quase ateu”: “ Em primeiro lugar, eu não sei se Deus existe, eu sou agnóstico. Eu acho que essa é a definição correta. Não me preocupo com esse assunto porque, nesse sentido, sou quase ateu” (MANTEGA. p.88.1999). Porém trazia um aspecto messiânico, mesmo com toda uma carga ‘iluminista’ e materialista, sem vínculos com o messianismo judaico, que apontava para utopias, Singer portava a ideia da “Utopia Militante”. Não teve instrução judaica religiosa e nunca se interessou. Mas foi atraído fortemente pela Teologia da Libertação, pelas CEBS, o papel da Igreja e o socialismo cristão.

Muitas vezes Singer dizia que ‘não era mais marxista’. Seu aluno e estudioso dos ecosol, Antônio Cruz, da UFPEL, em debate que realizamos em 2018, disse que ouvindo essa declaração de Singer, explicando a seus alunos na USP, ” que não acreditava a lei da queda tendencial da taxa de lucro de Marx”, e assim não podia ser marxista. Cruz, então, lhe disse que pelo conjunto de categorias marxistas que usava, era impossível não ser marxista e afirmou para nós, que Singer tem duas características importantes, o judaísmo utópico e o marxismo heterodoxo.

Singer falou de uma reunião do Comitê Gestor que dirigia a Semeassem cada reunião alguém apresentava um texto para discussão. Coisas que Singer fazia no CEPRAP, o ‘famoso mêsão’. Roberto Marinho apresentou parte de sua Tese da UNB, sobre territórios no semiárido (Marinho. 2004).

A questão da ecologia foi algo que demorou a incorporar às suas ideias. Em depoimento de 2008, Singer nos falou deste debate na SENAES a partir do ensaio de Marinho sobre esse tema. A uma pergunta sobre “de que maneira a questão ecológica entra na sua visão política de hoje. **E acho que não é difícil perceber possíveis conexões com a economia solidária ?**”. Respondeu Singer;

Para lhe dar uma resposta curta, logo depois que nós criamos a SENAES, a questão foi discutida. Nós fazíamos reuniões de equipe frequentes, em que adotamos os fundamentos do que estamos fazendo. O Roberto Marinho(...). Ele fez uma defesa apaixonada da questão ecológica, como igualmente importante para Economia Solidária. Eu me lembro de que fui bastante crítico desta posição; não que eu fosse a favor da destruição da natureza, mas eu achava que não tinha nem de longe a importância que na verdade tinha. Eu estava errado e estou fazendo uma autocrítica aqui. Eu não tinha noção, mas mudei de opinião recentemente (...). Portanto, o Roberto Marinho estava certo”. (LOUREIRO. 1998. p. 27).

Essa visão sobre a questão ecológica, no meu parecer, é uma hipótese que pode ter sido um forte entrave para Singer não ter avançado na perspectiva da ecosol em toda sua radicalidade, articulando com o pensamento crítico em curso na América Latina.

Foi na luta sindical metalúrgica que Singer descobriu uma “corrente dos socialistas cristãos” que fazia oposição sindical à direção dos comunistas do PCdoB. Mas, havia outros socialistas e gente ligada às pastorais operárias”. Dizia “Eu não sou cristão, mas tinha tudo em comum com eles”. Foi então “que conheci o que é o socialismo cristão”. Tal qual Lowy,

marxista libertário, com forte influência do messianismo benjaminiano e da teologia da libertação. Via Rosa, e Mariategui, ambos portam forte atração pelas sociedades das Comunas ancestrais.

A experiência inicial de Singer no campo do socialismo passa pelo movimento kibutziano de jovens judeus socialistas. Foi membro do DROR* e ‘quase sionista “: ” Eu tive que vir ao Brasil por ser judeu, então eu fui refugiado religioso e fui sionista, não muito convicto, mas fui, entre os 16 e 20 anos” (SINGER.p.1989 .p. 89)

Já Michael Lowy, ao ser perguntado sobre a relação Judaísmo e Marxismo em sua vida, afirma na entrevista à Revista “Margem Esquerda”:

Devo dizer que durante os primeiros anos de minha atividade política e intelectual não cheguei a refletir muito sobre esta questão. Mesmo durante os anos que passei em Israel –quando minha família se mudou para este país-, paradoxalmente não manifestei nenhum interesse maior pelo judaísmo. Só bem mais tarde, no fim dos anos 70, é que comecei a dedicar maior atenção à cultura judaica: foi nessa época que comecei uma pesquisa sobre o que chamei de ‘judaísmo libertário’. (...) A maioria pertencia aquele grupo que Isaac Deutscher definiu como ‘judeus não-judeus’, isto é, judeus por sua origem sócio familiar, mas sem maiores identificações com a cultura judaica (LOWY. p.15. 2004).

No Seminário “As Utopias de Michael Lowy”, Leonardo Boff definiu assim Lowy: “é um homem de muitos mundos” (BOFF. p. 15. 2007); a expressão vale para Pedrosa e para Singer. Trotsky disse sobre Pedrosa, “um tipo curioso”; Antônio Candido o definiu como “um socialista singular”. Sobre M.Lowy, M.Ridenti o chamou de “judeu um tanto errante”; R.Schwartz de “um marxista insubordinado”; Fabio Mascaro, de “trapeiro anticapitalista”.

Sobre Singer, no final de 2003, foi concedido a Singer o título de cidadão paulistano; o folder trazia a definição, Singer: “A dignidade Socialista”; no seu Memorial: “Militante por uma utopia”; no prefácio é apresentado como “um militante solidário”; Agnaldo dos Santos em artigo para Revista “Mouro”, o chama de “professor militante”.

São “homens de muitos mundos”!

Com afinidades e diferenças, Mariategui, Luxemburgo, Pedrosa e Singer, são membros da “constelação “do romantismo marxista revolucionário, tão bem definida por Lowy.

3. Socialismo e Autogestão

Por diversas vezes, Singer fez referências ao socialismo e autogestão. Em 1998, chegou a apresentar suas “Oito hipóteses sobre autogestão e socialismo”. Em entrevista a I. Loureiro, falou da “possibilidade de construir um capitalismo democrático, que é uma conquista operaria e, nesse espaço, avançar para um socialismo autogestionário” (LOUREIRO. p. 32. 2008).

Dez anos antes, em 1998, em entrevista a Fernando Haddad, dizia “Em um programa alternativo hoje de esquerda no Brasil ou em qualquer outro lugar, essa questão da autogestão devia ter uma posição de bastante destaque” (HADDAD. 1998. p.116.).

Em outro ensaio afirma enfaticamente: “convém adotar a expressão **socialismo autogestionário** para designar o que no Brasil e de forma geral na América latina denominamos por **economia solidária ou social ou ainda social e solidária** (...0 que se apresenta como alternativa não utópica ao capitalismo é a **economia solidária ou o socialismo autogestionário**” (ALMEDINA. p.198. 2018. Grifos nossos)

Quando adentramos a obra de **Singer**, tendo como foco o tema do “Socialismo Autogestionária”, um possível PARADOXO nos chama a atenção: em sua principal obra “Introdução à economia solidária”, Singer fala pouco no tema. Como veremos adiante, isso não significa que Singer não tivesse uma ideia construída sobre socialismo/autogestão (SINGER.2002).

Singer constrói uma “estrutura de sentimentos” (**Raymond Williams**) sobre o socialismo, a partir de sua experiência nos Kibutzes. Na biografia construída por Aline Mendonça e em várias entrevistas concedidas por Singer, podemos ver esse elemento.

“Na adolescência Singer já se reconhecia como um jovem de esquerda” (...). Aos 16 anos Singer, recrutado por uma organização de jovens judeus: o DROR – ‘andorinha’. O ano era 1948...O DROR era uma organização sionista socialista de jovens que pretendiam viver em Kibutz. Foram quatro anos participando ativamente no movimento... Singer se tornou um dos líderes do movimento”. (MENDONÇA.2017).

O DROR era filiado ao Partido Trabalhista de São Paulo, e ao Partido Operário em Israel, eram imigrantes judeus, um total de 1.500 jovens em São Paulo. Singer e os demais companheiros criaram um Kibutz artificial em Jundiaí-SP, onde compraram uma chácara, onde iam viver antes da partida para Israel.

Em depoimento para o jornal “Na’Amat Brasil, n.17, maio 1998, “Lembranças de um

velho drorista”, escreveu:

Minha formação judia era convencional e não me inclinava ao sionismo. Quando os rapazes e moças da minha turma se tornaram sionistas eu me rebelei e me afeiçoei às convicções socialistas, que já vinha nutrindo há algum tempo(...). Eu estava então fazendo um curso sobre o socialismo no velho PSB(...). Aproveitava também para ler furiosamente a imprensa de outros países (PINSKY.2000. p.52)

Nesta época, Singer teve uma intensa ideologização socialista por conta própria, autodidata. Sempre gostou muito de ler e dentre as leituras do jovem Singer estavam Marx, Trotsky e Rosa Luxemburgo (*Idem*).

No material para formação política de seus militantes, o PSB paulista incluía como ‘um dos livros básicos para o socialista é ‘Reforma ou Revolução’, de Rosa Luxemburgo” (RIDENTE e REIS.2002 Vol.5. p.168)

A obra de Carla B. Pinsky, “Pássaros da Liberdade. Jovens, judeus e revolucionários no Brasil”, nos oferece muitos elementos sobre o DROR e Paul Singer (PINSKY. 2000).

A palavra ‘dor’ em hebraico pode significar ‘liberdade’, ‘libertação’ ou ‘andorinha’, o ‘pássaro da liberdade’. O DROR foi fundado em 1945 no Brasil e sua orientação enfatiza os ideais de igualdade, cooperação e valorização do trabalho. Seus militantes buscam ser ‘membros de colônias agrícolas comunais na terra de Israel, sendo o KIBUTZ (colônia coletiva baseada na posse comum das terras e dos meios de produção) a mais radical dessas instituições em termos de ideais socialistas e comunitários (PINSKY. 2000. p. 24).

Em depoimento à autora, Singer diz

Entramos em conjunto na descoberta de um mundo político, e por extensão, social e econômico e de forma totalmente autônoma(...). Era a primeira vez na minha vida que eu tomava parte numa organização político partidária, com princípios, programa, disciplina. Eu estava maravilhado (*idem*. p.30).

Singer decidiu não viajar para Israel, “Eu vou lutar pelo socialismo no Brasil”. Após sair do DROR, em 1954, aos 22 anos, Singer foi naturalizado brasileiro e se vinculou ao Partido Socialista, onde encontrou Fabio Gikovate, judeu, que foi do PCB e ex-trotskista. Foi uma referência política para Singer. Assim, Singer se inseria no “campo luxemburgista”, tendo à frente Mario Pedrosa, que Michael Lowy depois chamou de “corrente subterrânea luxemburgista”.

Singer foi se aprofundando e transformando sua visão socialista em uma visão de mundo a partir de sua militância no Partido Socialista, final dos anos 40, quando conheceu

Mario Pedrosa e o jornal Vanguarda Socialista. Do ponto de vista das práxis política, foi fundamental sua experiência sindical nos anos 50, na greve de 1953.

Depoimentos de Michael Lowy mostra que, em meados dos anos 50, visitou Singer que lhe apresentou obras de Rosa Luxemburgo; depois, junto com Singer e outros militantes, fundaram a Liga Socialista Independente, de inspiração luxemburgista. Desta organização, saíria uma das bases de fundação da Polop (1961), sob influência da Revolução cubana (1959) e também com inspiração luxemburgista, e por coincidência teve seu Congresso de fundação em Jundiaí, (talvez, na antiga chácara do DROR?).

Singer, em 1961, foi o secretário do primeiro Comitê de Defesa da Revolução Cubana, em São Paulo.

E com suas próprias palavras, em entrevista de 2007:

Quando eu tinha dezesseis anos, entrei num movimento de jovens judeus que pretendiam formar um Kibutz em Israel e morar lá. Portanto, **a primeira formação socialista que eu tive na minha vida era exatamente de economia solidária, ligada**, no entanto, com noções de que era preciso formar partido, tomar o poder, destruir o capitalismo. Quando eu saí desse movimento em 1952, eu tinha vinte anos; saí por razões pessoais, mas, sobretudo, porque eu não acreditava no sionismo (SINGER. 2018. p.14. Grifos nossos)

Singer segue seu depoimento:

Aí me tornei **socialista** no Brasil. Inclusive sindical(...)E aquilo que seria a economia solidária da minha adolescência ficou um pouco no meu subconsciente. Relendo agora coisas que eu escrevi uns dez anos antes de se cunhar a palavra (não por mim), já havia em germe a preocupação”. (Idem. p. 15. Grifos nossos)

Em seu Memorial, afirma que:

A experiência na Comissão de Trabalhadores da Industria Atlas de Elevadores (1953/54) constituiu para mim um aprendizado decisivo a respeito do funcionamento concreto da economia industrial. O convívio no PSB com Fúlvio Abramo, Febus Gikovate dos quais adquiri não só uma visão libertaria e, portanto, democrática do socialismo, como também uma formação política básica, de grande significação para toda minha vida (SINGER. 2013.p.24)

“Nesta época, despertou meu interesse pela economia. Procurei estudá-la por autodidatismo, lendo autores como Marx, Engels, Rosa Luxemburgo etc. Caio Prado Jr. (História Econômica do Brasil) e Celso Furtado (A Economia Brasileira) .(idem)

- A questão do desenvolvimento. Um ponto de partida.

Lendo seu material e sua obra, percebe-se que a partir de 1961, o tema do “Desenvolvimento Estrutural”, foi ‘o centro maior de meus interesses”, diz Singer (idem. p. 30). A análise estrutural sobre a Economia Colonial, leva Singer, (contrariando a visão dominante que definia apenas 2 setores, um Moderno e um Tradicional), a identificar três

setores: Setor de Mercado Externo, Setor de Mercado Interno e Setor de Subsistência” (idem.p.31).

Já se sente o espírito da obra de Rosa Luxemburgo, na análise que Singer faz da “estrutura da economia colonial”, em sua tese “Dinâmica populacional e Desenvolvimento” (1970.brasiliense/1971, século veintiuno. México). Esse trabalho foi iniciado quando esteve em Princeton-Estados unidos. Foi desenvolvido no Brasil, em 1968 como Tese de livre-docência em demografia.

Em sua análise do colonialismo, Singer remarca: “A maioria dos países hoje em dia considerados ‘subdesenvolvidos’ foram colônias, principalmente de nações capitalistas industrializadas. (...). A penetração capitalista em economias que, geralmente, não eram de mercado, mudou sua estrutura em certo grau. “Setores “de mercado foram criados quando não existiam, ou dominados quando já se haviam desenvolvido anteriormente, enquanto o resto da economia permanecia como sempre tinha sido: um conjunto de comunas camponesas ou de tribos nômades, vivendo em uma espécie de coletivismo familiar ou de comunismo primitivo. Esta é a forma pela qual foram criadas as chamadas economias ‘duais” (SINGER.1971. p.16)

Esta dinâmica criou uma ‘nova divisão do trabalho’. “A forma mais frequente de dualismo social se encontra onde um capitalismo ocidental importado penetrou em uma comunidade agrária pré-capitalista e onde o sistema originalmente existente –embora não incólume- foi capaz de preservar-se ou, em uma formulação oposta, não foi capaz de adotar os princípios capitalistas e pô-los em plena prática” (Idem. p.17)

Deste processo, “O resto da economia, que não é imediatamente transformada pela abertura do país ao mercado mundial, constitui agora um **terceiro setor da economia, o setor de subsistência**” (p.18). Assim, Singer chega a sua tese de três setores: o de mercado externo (SME), o de mercado interno (SMI) e o de subsistência (SS).

O que vem a ser o ‘setor de subsistência’?

“A característica que distingue o setor de subsistência dos demais é que a maior parte de sua produção é diretamente consumida por seus produtores. Suas unidades econômicas não dependem inteiramente do mercado: (...). No setor de subsistência, as unidades produtivas só se inserem parcialmente na divisão social do trabalho; parte substancial de sua produção não passa pelo mercado e a parte que se entrega ao mercado constitui um excedente não essencial a sobrevivência dos produtores e a continuidade do processo produtivo” (Ibidem. 19-20).

Singer constrói seu método: “Esse **esquema teórico** foi por mim amplamente utilizado, em quase todos os trabalhos teóricos que realizei nos anos seguintes(...), mas sua essência só começou a ser modificada quando tratei de elaborar uma teoria estrutural do emprego na década dos anos 70” (obra? p.32)

Em “Política Econômica do desenvolvimento” (SINGER.1962), Singer aborda o que chamou de ‘duas vias distintas do desenvolvimento: uma toma por modelo as revoluções russa e chinesa, a outras as revoluções nacionalistas que em países subdesenvolvidos desembocam geralmente em ditaduras militares’ (p.33). Iniciava seus estudos sobre ‘regimes centralmente planejados’, marca permanente em suas análises do socialismo.

Na segunda edição da Coletânea “Desenvolvimento e Crise” (1968/1977), Singer prefacia chamando a atenção para o fato que, “os três primeiros ensaios se ocupam do desenvolvimento, entendido como processo de transformação estrutural. O esquema de três setores – Setor de Mercado Externo, Setor de Mercado interno e Setor de Subsistência – que neles foi formulado pela primeira vez, **foi largamente, utilizado por mim em investigações posteriores** (grifos nossos).

E, volta a Rosa, sempre ela, como costumava dizer! A ideia original me veio, através de Ignácio Rangel e Celso Furtado (aos quais devo muito, em termos intelectuais), da ‘escola estruturalista’, em combinação com a matriz de análise da expansão do capitalismo, enquanto modo de produção, desenvolvida por ela. (1977. p.17)

Este ‘esquema teórico’ foi aperfeiçoado em sua Tese “Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana”, em que pesquisou a evolução de Recife, São Paulo, Rio Janeiro, Porto Alegre e Blumenau, sob coordenação de Florestan Fernandes. Pesquisa iniciada em 1963 e defendida em 1966 na USP, e Singer fala sobre o papel desta pesquisa: “O trabalho deu-me a oportunidade **de aplicar a realidade histórica à teoria estrutural do desenvolvimento, que eu estava elaborando**”(…) Como resultado, adquiri melhor percepção do tempo e do espaço como fatores condicionantes de processos de mudança estrutural, enriquecendo em muito meu quadro teórico” (SINGER. 1966. p.41. Grifos nossos)

Em 1966/67 Singer foi estudar nos EUA, aprofundando seu tema predileto, “crescimento populacional e desenvolvimento econômico”. Diz que esse curto período nos EUA, ‘uma época de marcante mudança sócio-política, ocasionada pela eclosão dos movimentos contra a Guerra do Vietnam, negro, feminista-teve certamente importante

influência sobre minha visão de mundo (Idem. p.46). Anos depois, no CEBRAP, voltaria ao tema do feminismo.

Já no Brasil, Singer em 1968 apresenta o trabalho escrito nos EUA como tese, “Dinâmica Populacional e Desenvolvimento”, publicado em 1970. Seguiram-se diversos ensaios nesta mesma linha e aprofundando seu ‘esquema teórico’. Seja na “Economia Política da urbanização, ‘na “Economia política do Trabalho”.

Em 1973, nos debates sobre Migrações no CEBRAP, elabora um ensaio, não publicado, “Relações de Dominação e Intercambio entre **Diferentes modos de Produção**” (grifos nossos); sem dúvidas, na linha do livro de Rosa Luxemburgo, de” A Acumulação de Capital”.

Vamos destacar dois pontos, do que Singer chama de “Os seus pontos básicos são os seguintes:

3.A formação social capitalista é um complexo articulado de diferentes modos de produção, dos quais o capitalismo é o dominante. Ao lado dele persiste a produção simples de mercadorias, composta por produtores autônomos (camponeses, artesãos) e a produção de subsistência ou doméstica, formada pelos que produzem para o autoconsumo. Cada modo de produção dá lugar a uma ou mais classes, de modo que a estrutura de classes da formação social capitalista é bastante complexa”. Essa complexidade é acrescida do fato de que o grupo familiar contém muitas vezes indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais” (obra? p. 61)

Se tomarmos a obra “Economia Política do Trabalho” (1977), na introdução, Singer retoma esse esquema teórico metodológico :

(...). Como o fez Marx –analisar o modo capitalista de produção em isolamento, abstraindo os outros modos de produção com ele articulados, esta análise encontra seus limites precisamente nos aspectos em que a interação dos modos de produção é decisiva(...). Nos países não-desenvolvidos, o capitalismo é o modo de produção dominante, mas consideráveis parcelas da população –em alguns casos constituindo até a maioria da população- estão inseridas em outros modos de produção”. (SINGER. 1977. p.5)

E assinala mudanças em seu instrumental teórico:

“A primeira parte do livro resultou de uma série de seminários realizados no CEBRAP em 1970 e sua redação data de 1972. A segunda é muito mais recente, tendo sido

completada no ano passado (1976). Entre a elaboração de uma e outra parte, **minha maneira de analisar a estrutura da formação social de economias não-desenvolvidas se transformou em vários aspectos** (grifos nossos), o que se pode notar comparando a conceituação utilizada. A mudança mais importante é a que se refere aos subsistemas que compõem aquele tipo de formação social: na primeira parte, esses subsistemas são referidos como “Setores”, ao passo que, na segunda parte, eles são considerados “Modos de produção”.

Noutra obra, “Economia política da Urbanização” (1985), Singer à guisa de introdução, sobre “Urbanização e Classes Sociais”, desenvolve uma análise profundamente rica e complexa do ‘surgimento das Cidades’. Com base em Marx (Grundrisse), Henri Lefebvre (la pensée marxiste et la ville), Gordon Childe (Man makes himself), analisa a urbanização no contexto de desenvolvimento estrutural, “um processo mais profundo de transformação da estrutura de classes e dos modos de produção em presença”. (SINGER. 1985. p.28).

Analisando o surgimento das Cidades (a questão campo x cidade) , na passagem do modo de produção no modo de produção feudal para o capitalista “O longo intervalo entre o surgimento da cidade-fortaleza, no início da Idade Média europeia, e o surgimento da cidade comercial, no fim da mesma”. (idem. p.15), Singer usa seu ‘esquema teórico’: “As relações de produção decorrem dos Modos de Produção que prevalecem no campo e na cidade” Quando se examinam realidades históricas concretas, percebe-se que na civilização urbana **coexistem**, frequentemente, **diferentes modos de produção**”. (Idem. 21. grifos nossos) Para Singer, vários tipos de luta de classes, nesta época, são conflitos entre diferentes modos de produção.

É muito interessante que, nessa obra, Singer utiliza a expressão **comunidade ecológica**, e “ organização ecológica da sociedade”. (idem. p.11 e 12. Grifos nossos); população “rural”, no sentido ecológico (idem, p.27). Em certo momento, cita MARX do Grundrisse:” É, no fundo, o êxito no sentido mais profundo, histórico e quase biológico, do que Marx denomina de ‘Velha Coletividade’, isto é, de Modos de Produção que se baseiam na apropriação direta das condições de produção pelo produtor; antes cita também Marx ao explicar como na coexistência de modos de produção, o do capital destrói os outros. “Nas palavras de Marx: “O fim de todas estas coletividades é a preservação, isto é, a reprodução dos indivíduos, que as formam como proprietários, isto é, no mesmo modo objetivo de existência(...). Esta reprodução, no entanto, é simultaneamente produção renovada e

destruição da velha forma (...). Desse modo, a preservação da velha coletividade compreende a destruição das condições sobre as quais ela repousa, transformando-se em seu contrário) ”. (idem. p.18)

Essa obra de Singer, no Brasil tem similar na obra de Milton Santos, “O Espaço Dividido. Os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos” (1979). Ambas constituem obras fundantes para compreensão da economia solidária. Articulando essa obra “Economia política da Urbanização”, em que Singer analisa o surgimento das Cidades e os modos de produção na Europa, e sobretudo, a formação sócio-econômico-cultural de diversos países da América Latina, com, a outra obra, “Economia Política do Trabalho” em que analisa a ‘produção e reprodução da força de trabalho, o mercado, as inovações técnicas, desenvolvimento capitalista, e por fim “Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana” em que Singer analisa a formação sócio-econômica-o-cultural de cinco capitais do Brasil, teremos sem dúvidas uma obra fundamental para estudos do “Sentido de Formação” do Brasil.

Análise que, pelo grau de destruição do capitalismo dessas ‘comunidades ecológicas’, conduz a uma visão de mundo baseada na “crítica radical e romântica da civilização industrial” (Lowy). Pensemos nas obras de Edward Palmer Thompson (tipo Costumes em Comum) e Raymond Williams, sobre ‘campo e cidade’. “Comunidade ecológica”, é um tema que Singer de certa forma deixou entre parênteses.

Singer assinala no final de sua obra: “O desenvolvimento capitalista traz em si um viés notável a favor da cidade, em prejuízo do campo. Este vai sendo paulatinamente despojado de uma atividade produtiva após a outra, até que nele restam unicamente as atividades primárias” (idem. p.112).

Esta é a base teórica que Singer traz a análise da economia solidária, anos depois, e também para análise do tema socialismo.

Por exemplo, na introdução a obra de Cheywa R.Spindel ,”Homens e Máquinas na Transição de uma Economia Cafeeira” (1980), Singer afirma seu método:

“ No grande debate sobre a constituição do capitalismo, sobretudo nas economias que se atrasaram no desenvolvimento, **é fundamental o filão aberto por Rosa Luxemburgo (em A Acumulação de Capital)**, no sentido de mostrar que nesse processo é de vital importância o relacionamento do modo capitalista de produção com os outros modos de produção.Ela demonstrou que estes outros modos de produção, longe de constituírem meras

“reliquias” do passado, desempenham papéis essenciais na acumulação, ao absorverem mercadorias capitalistas e ao tornarem possível a produção de força de trabalho pelo capital. Este filão tem sido pouco explorado no Brasil(...).(1980.p.13.grifos nossos).

4- Momentos e ideias decisivos nas Experiências de Singer

Voltemos a ideia dos ‘campos de memória’. Continuemos através de suas publicações e entrevistas, a traçar esse percurso. Singer percorre uma longa trajetória, tipo uma epopeia, na construção de sua visão socialista autogestionária. É um processo fenomenológico sem linearidade, com desvios e abandono de temas, mas com um ‘fio condutor’ a partir da ideia de ‘desenvolvimento econômico/capital’ desde seu início.

Nesta trajetória alguns momentos e experiências foram decisivos. Analisando o conjunto da obra de Singer e sobretudo suas “Oito Hipóteses” de 1998, podemos observá-los.

Retomemos para aprofundamento, o método de ‘Campos de memórias temporais’. Não são memórias estanques nem lineares, pois sobrevivem as temporalidades, umas se acumulam, outras se desfazem, se cruzam, criam interfaces, algumas são coexistentes. Assim, podemos assinalar:

- E) Campo de memória secular e ancestral (experiências indiretas);
- F) Campo memória longa duração anos 40/50/60
- G) Campo memória média duração anos 70/80/90
- H) Campo memória curta duração anos 90/2000

Vamos destacando conteúdos dos momentos/experiências dos vários Campos de memória:

A= uma ‘memória de caráter secular e ancestral,

1. As experiências de comunidades quilombolas, indígenas;
2. A experiência de Rochdale na Inglaterra, em 1844, sob inspiração de Owen;

B) memória de media duração

- 1) As experiências dos Kibutzes, no Brasil anos 40 e, em Israel (que Singer visitou em 1985);
- 2) Militância no PSB, anos 40/50
- 3) as comunas e conselhos de autogestão na Iugoslávia, anos 1950/60; que Singer visitou em 1978;
- 4) Grupo de “O Capital”; anos 50/60;
- 5) Grupo do CEBRAP; anos 60/70;

Sem dúvidas, do ponto de vista teórico, podemos destacar a participação no primeiro grupo do “Seminário sobre “O Capital” de Marx, anos 50/60; o período no exílio norte-americano, Singer viveu dois anos, entre 1966 e 1967, onde cursou demografia em Princeton, onde preparou sua Tese sobre “Dinâmica populacional e Desenvolvimento” (publicada em 1970 no Brasil), teve papel importante no sentido de sistematizar suas ideias sobre Desenvolvimento, formação social, território.

A participação no grupo do CEBRAP, fundado em 1969 com parte do grupo do Seminário de “O Capital”, (onde ficou até a eleição do PT para prefeitura de São Paulo, 1988), foi outra experiência intelectual importante na formação de Singer. Nesse período, Singer foi ‘aposentado’ em 1969, e preso por uma semana em 1974; quando estava no CEBRAP.

Em relação ao período CEBRAP, foi fundamental a pesquisa que Singer realizou sobre “O feminino e o feminismo”, publicada em 1980 (ano em que publicou “O Que o socialismo hoje?") E logo após sua viagem a Iugoslávia (1978). A pesquisa coletiva, realizada em 1975, a pedido da Comissão Justiça e Paz da arquidiocese de São Paulo buscou a compreensão dos Movimento Populares em São Paulo. A pesquisa foi publicada em 1980 e tem por nome “São Paulo: o povo em movimento”, coordenada por Singer e seu colega Vinicius C. Brant. Esta obra precede em quase 10 anos a obra de Eder Sader, “Quando novos personagens entraram em cena”, em que Eder analisa “Experiências, Falas e Lutas dos Trabalhadores da grande São Paulo”, no período 1970-1980. (SADER.1988). Vale destacar que em 1976, a Arquidiocese já tinha favorecido uma pesquisa sobre “São Paulo: crescimento e pobreza” (Loyola.1976); e, uma outra sobre “São Paulo, Trabalhar e Viver”(1989). Singer participou de todas.

No prefácio à obra, Vinicius Caldeira Brant define que “Os estudos aqui reunidos,

conquanto se refiram aos movimentos sociais em sua atualidade, não partem da intenção de fotografar o momentâneo. Buscam ao contrario capturar, na sua concreção, as condições de desenvolvimento da consciência, expressão e organização das classes trabalhadoras” (1980. p. 9).

Coube a Singer analisar o feminismo em São Paulo, o feminismo no Brasil, o trabalho da mulher, reprodução e sexualidade... Pensando na relação ‘socialismo/feminismo’, finaliza seu ensaio afirmando que “a contribuição dos movimentos específicos de libertação, como o da mulher, é impedir que a permanência de condutas autoritárias dentro do próprio movimento geral de libertação faça com que este, uma vez no poder, proceda apenas a mudanças formais, substituindo determinadas formas de opressão por outras” (SINGER.1980. p.141)

Eder Sader caracteriza os movimentos do período: “Ao final da década vários textos passaram a se referir a irrupção de movimentos operários e populares que emergiam com a marca da autonomia e da contestação à ordem estabelecida. Era o ‘novo sindicalismo’, que se pretendeu independente do Estado e dos partidos; eram os ‘novos movimentos de bairro’, que se constituíram num **processo de auto-organização**, reivindicando direitos e não trocando favores como os do passado; era o surgimento de uma ‘nova sensibilidade’ e nas associações comunitárias onde a **solidariedade e a autoajuda** se contrapunham aos valores da sociedade inclusiva; eram os ‘novos movimentos sociais’, que politizavam espaços antes silenciados à esfera privada” (1988.p 35 e 36. Grifos nossos).

No Capítulo sobre “Movimentos Sociais”, Eder escreve sobre a obra do CEBRAP: “Em 1980 foi publicado o livro “São Paulo: o povo em movimento”. Sua enorme importância não advém do fato de conter estudos pertinentes sobre o tema movimentos sociais. Sua primeira importância reside no fato de encará-los como **modalidades da emergência das classes populares em São Paulo**. É dessa ótica que procurei pesquisar os movimentos sociais aqui’ (1988. p.197. Grifos nossos)

Eder cita muitas fontes, e entre elas, a pesquisa de Brant e Singer. Os grifos são nossos, com o objetivo de assinalar a ‘nova sensibilidade’ ‘de caráter auto gestor destes processos. Penso que a **origem da economia solidária (grifos nossos)** está nestes movimentos, característicos do ciclo de fluxo do período 1977-1989. Talvez, tenhamos que distinguir entre ‘origem’ e ‘início’ de um movimento social, sendo que o ultimo data dos anos

90, do ciclo de refluxo dos movimentos sociais com a chegada do neoliberalismo/recessão/desemprego etc., com Collor/FHC (1990-1994-2002).

C= Campo 'memória de curta duração', anos 80/90/2000

- A experiência dos Conselhos Populares/comunidades pobres, no Governo Erundina em São Paulo, 1988-1992. Foi a primeira experiência de Políticas Públicas de Singer;

- A experiência do Solidarnosc nos anos 80 na Polônia (junto as revoltas ocorridas no Leste europeu, 'de longa duração': Hungria, Tchecoslováquia nos anos 50 e 60);

- A experiência da Caritas brasileira, desde os Pacas dos anos 80, até as mais recentes "Experiências comunitárias de base", ou de "Autogestão comunal", dos anos 90 em diante;

- Cooperativismo/Autogestão:

. Experiência de Mondragon; é uma experiência marcante para Singer, que fez visita quando estava na SENAES.

- Seminários sobre autogestão (anos 90):

"O Pacs junto com outras entidades, articulou o 1º seminário sobre Autogestão, realizado em agosto de 1993, em Criciúma-SC. Em outubro de 1994, em Porto Alegre, foi realizado o seminário "Autogestão: realização de um sonho", contando com experiências de empresas da Espanha, Uruguai e outros países.

Em 1996, a Unitrabalho, a partir das experiências em curso, constituiu um grupo sobre "economia solidária e autogestão", coordenado por Paul Singer". (Nascimento, Claudio. "Autogestão e economia solidária. Cadernos da Cidade Futur. 2/2000.Florianopolis).

- Experiências no campo sindical. CUT anos 90. Em 1994, após o Congresso nacional da CUT, Singer participou de debate na CUT-SP. Em 1995, esteve presente numa mesa para debater cooperativismo. Foi a primeira vez que a CUT, através de sua PNF, tratou do tema da autogestão: "Sindicalismo, autogestão e cooperativismo". Em 1997, Singer esteve palestrando para mais de mil trabalhadores desempregados e suas famílias, no Seminário do Projeto INTEGRAR da CNM-CUT, em 1º de agosto, em São Bernardo. Houve o debate em torno de oito propostas elaboradas pelos Coletivos de Desempregados de 19 cidades de SP. Singer, os convidados para discutir as oito propostas foram, Singer, Mercadante, Maria Nakano e Marcos Arruda.

Depois, Singer foi figura ativa nos debates que levaram a fundação da ADS/Cut em 1999.

Também, articulada ao sindicalismo, foi a experiência de Singer na UNITRABALHO, criada pela CUT e que se articulou as Incubadoras populares. Singer coordenou esta experiência na PUC-SP. Foi fundador da ITCP da USP onde trabalhava. Na SENAES, esse foi um campo desenvolvido com apoio do PRONINC.

Do campo sindical cutista surgiu a experiência de Empresas Recuperadas, a partir da UNIFORJA. Singer esteve nessa experiência. Escreveu vários ensaios a respeito e esteve muito ligado a experiência da Usina Harmonia em CATENDE.

- Experiência da SENAES.

Alguns momentos foram decisivos. Destaco alguns: o primeiro Encontro nacional dos EES; as várias Plenárias e Conferências de ecosol; a participação no FORUM 8, do Conselho Desenvolvimento Econômico Social, do Governo Lula; o primeiro seminário nacional de autogestão, realizado em dezembro 2003, em Joinville; acompanhamento da experiência territorial da usina Harmonia, em Catende.

Adiante, aprofundaremos estes momentos.

Os Ciclos Longos (1968 – 1978 -1980): anos decisivos

É importante destacar que os momentos principais da experiência de Singer na construção de uma “visão de mundo’ socialista, ocorreram dentro do ciclo de lutas pela autogestão/autonomia, que João Bernardo caracterizou no capítulo “Os ciclos longos da miséria relativa’, em sua obra “Economia dos conflitos sociais” (BERNARDO.1991)

Bernardo propõe uma cronologia em que: “Com o começo dessa década (os anos 60) inaugurou-se o quarto dos ciclos longos, cuja fase de ascensão das formas autônomas de luta julgo ter em geral ocorrido até meados da década de 70, por vezes, mesmo tocando os anos iniciais da década de 80, parecendo-me que entrou já na fase de assimilação plena” (Idem. p. 352)

Bernardo afirma que os aspectos de caráter autônomo das lutas anticapitalistas:

Foram confirmados pelo movimento que desde meados de 1980 até o final de 1981 agitou a totalidade da classe trabalhadora na Polônia e que coroou esta fase de ascensão da autonomia, ao mesmo tempo que parece ter constituído, por agora, o seu último episódio de relevo (Ibidem. p. 363).

É interessante destacar que, quando do Seminário de 1998, em que Bernardo e Singer dividiram uma mesa de debates, aquele acresce o Brasil ao último ciclo de sua cronologia: “O último dos exemplos foi a Polônia do Solidarnosc e, **de certo modo, o sindicalismo do Brasil**” (Temporaes. p.40 -grifo nosso). Esse ponto é importante, quando podemos destacar o início das lutas com práticas autogestionária no Brasil, e por sua vez, o início das experiências de economia solidária, ambos coincidem ou não? É um tema aberto ao debate.

Outro momento importante deste ciclo foram as lutas da empresa LIP, que foi ocupada em Besançon/ França, em 1973. Singer, diversas vezes fez referências a luta dos LIP.

Nesse ponto, façamos uns parênteses:

Em ensaio que intitulei de “Momentos e Ideias decisivos para história da Autogestão”, dizia que:

Com as lutas na Polônia, possivelmente, se encerrou o ciclo sob hegemonia da ‘velha classe operária’ centrada nos grandes centros industriais. Nas ideias do boliviano Garcia Linera, da “Forma Sindicato. A ‘velha toupeira’ iria mudar de espaço geográfico nos anos subsequentes e, assumir a “Forma Comunidade”. Uma certa volta, em 1994, ao Zapatismo em Chiapas (NASCIMENTO.IIEP.2011. p.27).

Ideia que foi retomada nos ensaios, “A Forma Comunidade: a experiência da RECID “ (RECID.2011), “Poder autogestionário e comunal na América Latina” (Massa Critica.Pacs. 2011), “Economia Solidária –Poder Comunal e Popular” (IIEP.2011):

O último rebento do ciclo iniciado no pós-Guerra ocorreu na década de 1980 na Polônia, dando sequência a uma onda larga de revolta, rebeliões e revoluções iniciada em 1953-56. No campo das sociedades pós-capitalistas do Leste europeu surgiu na Polônia, a “Rede Autogestionária”, que controlava as 3.000 maiores empresas, articulada ao “Sindicato Livre Solidariedade”. Em seu Congresso, que durou duas semanas, os trabalhadores construíram como Programa Máximo, “A República Autogestionária “da Polônia.

Com as lutas na Polônia possivelmente se encerrou o ciclo sob hegemonia da ‘velha classe operária’ centrada nos grandes centros industriais. Esse ciclo teve como centro do Projeto Popular a fábrica, e como expressões políticas o Sindicato e o Partido, com a particularidade de que, nos países do chamado ‘socialismo real’, devido a fusão entre partido único e Estado, o Sindicato expressou os anseios do conjunto dos setores populares e cidadãos.

Se, no campo da memória curta, tomamos a experiência da Polônia, de 1980-81, como

ponto de chegada de um longo ciclo iniciado no pós-guerra, **“um novo ciclo se iniciou nos anos 1990 e 2000, na América Latina, possivelmente com a rebelião indígena em Chiapas, em 1994, retomando as ideias do Zapatismo da revolução Mexicana, de 1910-11”**.

A velha toupeira mudou de espaço geográfico nos anos subsequentes e assumiu, na América do Sul e Central, a “Forma Comunidade”. E veio à tona, sobretudo, nos Andes, através de insurreições diversas e outras formas de luta, organizações e poder popular, com ‘caráter comunal’. Mas, incorporando a experiência acumulada do ciclo anterior pelos trabalhadores do campo-cidade nos partidos e sindicatos”. (Massa Critica.Pacs.2011. p.1,2,3)

No final do ensaio, voltaremos a estas questões.

Voltemos a Odisseia de Singer nesta longa trajetória ao socialismo/autogestão. Vamos analisar o conteúdo desse processo:

O ano 1978, parece ter sido decisivo. Singer visitou a Iugoslávia, (Estive pessoalmente no país em 1978) (Almedina.2018 p.131), e construiu sua visão sobre o “socialismo real”, a planificação centralizada da economia. Ainda em 1978, surgiram as greves operárias no Brasil, através das comissões de fábrica. O movimento operário-sindical iniciava um ciclo de fluxo que levaria a fundação da CUT e do PT no início dos anos 80. No início desse ano, surgiria o movimento social Solidarnosc na Polônia, outro fato marcante na obra de Singer. O período dos anos 1978/81 parece ter sido, assim, um divisor de águas em sua obra.

Em 1980, Singer lançaria seu livro “O que é o socialismo hoje ? ”, pela editora Vozes. Nele encontramos a seguinte declaração: “A oportunidade para finalmente pôr no papel as minhas ideias sobre ‘o que é o socialismo’ me foi oferecida, em dezembro de 1978 (pelo mês, **sem dúvidas, após a viagem a Iugoslávia** –grifos nossos), quando fui forçado a passar vários dias no recolhimento sanitário de Nova Delh. Terminei o ensaio de volta a São Paulo, em março de 1979” (SINGER. 1980. p. 13).

Se o 1978 foi importante, Singer também retoma o impacto de ‘68’ sobre o tema da autogestão, em seu ensaio “A economia solidária como alternativa ao capitalismo” (2013). Com base na obra de Geoff Eley, (Forjando a democracia”. FPA.2005).

Nos diz Singer: ”

A autogestão voltou com vigor à agenda com a explosão de protestos e lutas de estudantes de Paris, que rapidamente se espalharam pela Europa, América do Norte

e do Sul, no inesquecível 1968. (...). A disposição passara dos estudantes para os operários(...). No fim de semana, a onda de greve avançava, concentrada no cinturão vermelho de Paris, Normandia e Lião. Foram afetadas as indústrias naval, além do sector público(...). A 18 de maio, dois milhões estavam em greve e havia 120 fabricas ocupadas. Na semana seguinte, o número de grevistas chegou a algo em trono de quatro a seis milhões. No dia seguinte já eram entre oito e 10 milhões (SINGER. 2013).

Mais adiante remarca: “O ímpeto autogestionária francês foi, no entanto de curto folego(...). Mas voltou à cena em grande estilo graças às seguidas revoltas operárias na Polônia” (Ensaio.Almedina.p.132 e 137). Em seguida, Singer associa a difusão do socialismo auto gestionário no Brasil a esta experiência do Solidarnosc na Polônia. (Idem. p.138 et passim).

Sobre estes momentos decisivos de sua trajetória, passemos a palavra ao próprio Singer.

Sobre o Kibutz: é o terceiro exemplo de experiências de autogestão que Singer aponta nas “Oito Hipóteses”. No ensaio “economia solidária: possibilidades e desafios”, faz referência a experiência com os Kibutz. “Queria contar uma experiência da qual eu participei quando jovem. Foi a única experiência de economia solidária de que participei na minha vida. Fala do Kibutz como ‘a forma comunista integral do século XX’. Foi uma experiência de grande escala, “O movimento kibutziano chegou a ter, e ainda tem, cerca de 120 mil membros; a população total, somando-se as crianças, deve ser um pouco maior, distribuída em cerca de 200 Kibutzim, que são aldeias comunistas, como as sonhadas por Owen”. (Ensaio. Almedina. p.64)

Em 1985, Singer esteve por 15 dias num Kibutz em Israel formado por brasileiros de sua geração. Perguntou do porquê do êxito do movimento kibutziano, ao que lhe responderam: ” A qualquer hora você pode pedir o seu desligamento do Kibutz, receber uma certa quantidade de dinheiro e tentar a sua vida no mundo capitalista” (Idem. p.161).

Essa ideia marcou o pensamento de Singer:

O fato da porta estar sempre aberta dá ao Kibutz uma qualidade essencial. Se quisermos, um dia, chegar ao socialismo, terá de ser por profunda convicção, e essa convicção terá de ser livre, ou não é convicção: é coação. (Idem).

Sobre a Iugoslávia: “O único país do bloco soviético que tentou construir uma

economia socialista autogestionária, enquanto ela foi governada por Tito, entre 1948 e 1980”. Marcamos que é a mesmo ano da criação do Estado de Israel, 1948, que tanto impactou Singer.

Singer destaca alguns aspectos: as cooperativas estavam sob a influência das autoridades nacionais e também das comunidades locais; o partido comunista foi dissolvido e substituído pela Liga dos Comunistas; apesar da manutenção do regime de partido único, temas econômicos e sociais controvertidos eram discutidos publicamente. E, faz um depoimento: “Estive pessoalmente no país em 1978 e pude verificar o contraste entre a total ausência de liberdades políticas nos países que compunham o mundo do ‘socialismo real’ e o regime iugoslavo” (Almedina. 2018. p.131)

Para Singer, “A experiência da Iugoslava despertou novo interesse pelo socialismo auto gestionário(...). O socialismo auto gestionário havia sido abandonado tanto pelos partidos comunistas como pelos partidos socialdemocratas ou trabalhistas” (Idem)

Na sua 4ª Hipótese, Singer volta ao tema da Iugoslávia, destacando alguns aspectos que iriam incorporar em suas ideias sobre economia solidária.

Foi uma experiência longa, que começou em 1950, aproximadamente, e foi até a década de noventa. A experiência iugoslava foi prejudicada pelo fato de não haver democracia no país. A Iugoslávia de todos países em que reinava o ‘socialismo realmente existente’, era o mais livre, comparativamente falando”. Categoricamente afirma: “O fato é que não mostrou ser viável tomar o poder primeiro e só depois criar, de cima para baixo, uma economia autogestionária livre (Ensaios. Almedina. p.159).

5. A Experiência Pedagógica da Autogestão

Vamos pondo em destaque alguns elementos que Singer mesmo vai destacando para o campo pedagógico. Mais adiante trataremos em um momento específico esse tema na sua obra.

Destas experiências, Singer vai extraindo elementos fundamentais para reflexão sobre uma educação ou pedagogia da autogestão, inclusive com um sentimento gramsciano: “o que a quarta hipótese sustenta é que uma grande parte da construção do socialismo tem de ser realizada ainda sob hegemonia capitalista. O conjunto da economia solidária assim constituída deve ser considerado como uma vasta escola de capacitação socialista (Almedina.2018).

E, mais especificamente, proclama:

Para que o modo de produção socialista algum dia se torne hegemônico, a instituição de uma superestrutura política, jurídica e cultural socialista terá de ser precedida da conquista de competência gerencial e domínio da tecnologia por parte de numerosos trabalhadores socialistas (Idem).

Uma disputa pela hegemonia cultural no cotidiano. Mais gramsciano que isso, impossível !

Retomemos o percurso de Singer. Não era uma visão apenas sobre a Iugoslávia, mas como pode-se ver em vários ensaios, de todo um ciclo de lutas no leste europeu de 1953 até 1980. Entre as leituras de Singer sobre o ‘socialismo real’, encontramos a obra de Rudolf Bahro, que Ele cita na bibliografia do livro editado em 1980 pela editora Vozes: ”E, acima de tudo, a principal obra de crítica dos regimes burocráticos, escrita na Alemanha Oriental, mas publicada apenas no Ocidente: Rudolf Bahro, Die Alternative: zur Kritik des real existierenden Sozialismus, Europäische Verlagsanstalt, Koln, 1977. (SINGER. 1980.pgs 60/61).

A propósito, em sua imensa biblioteca particular podia-se ver o volume duplo de “Self-governing Socialism. A Reader”, editados pelos teóricos iugoslavos Branco Horvart, Mihailo Markovic e Rudi Supek (IASP.1975), que trata de todos os aspectos da autogestão socialista, com ensaios escritos por vários conhecedores do tema. E a seu lado na mesma prateleira, “SelfManagement.Economic Liberation of Man”, com ensaios de vários especialistas, editado pelo iugoslavo Jaroslav Vanek, (Penguin.1975). Também, “Socialist Humanism” editado por Erich Fromm (Anchro Book.1966), resultado de um Colóquio Internacional, que traz ensaios dos principais marxistas da época. Outro livro, “Socialism on the Threshold of the Twenty-first Century” (Verso.1985), resultado da CATVAT, conferencia, editado pelo iugoslavo Milos Nicolic.

Sobre Solidarnosc-Polônia: Singer analisou as lutas da França em 1968, destacando que ‘o ímpeto auto gestor francês foi, no entanto de curto folego’. Mas que, “voltou à cena em grande estilo graças às seguidas revoltas operárias na Polônia”. No leste europeu houve um ciclo de lutas, iniciado em 1953 na Alemanha Oriental, seguido pelas revoltas e revoluções dos anos 56, na Polônia e Hungria, e em 1968/1970 também nestes dois países, mas como estaque para revolução dos conselhos operários na Tchecoslováquia em 1968/69, mais conhecida como Primavera de Praga. (Ver: “www.claudioautogestao.com.br/as lutas operárias no leste europeu)

Para Singer, em 1980, começou outra insurreição pelos mesmos motivos: aumento dos preços.

Em setembro foi fundado o sindicato Independente Autogerido ou Solidarnosc (Solidariedade)". E, o fundamental; "Em seu primeiro Congresso, em setembro-outubro de 1981, o Solidarnosc abandonou sua postura de sindicato e exigiu uma "república autogerida", atacando o papel de 'liderança' do PC. A economia planejada foi rejeitada em favor de empresas autônomas 'autogeridas. (Ensaio. Almedina. p.137).

Como vimos, na experiência da Polônia deste período, existia o sindicato Solidarnosc, urbano e rural, e também a chamada "Rede autogestionária", que agrupava as 3.000 empresas de grande porte do país. (Nascimento.1988.)

Sobre Mondragon: nas suas 8 hipóteses, Singer apresenta o exemplo do "grande complexo cooperativo de Mondragon". Iniciada em 1956 no país Basco/Espanha.

Vejam que são experiências de longo período. Essa de Mondragon tem 42 anos e tem tido muito êxito econômico. São mais de cem cooperativas interligadas e complementares, um "complexo cooperativo" organizado ao redor de uma politécnica e de um banco, o Banco laboral Popular. Algumas são cooperativas de produção, outras de comercialização, algumas são multinacionais que empregam, segundo os últimos dados que obtive, aproximadamente 35 mil pessoas (Almedina. p. 157).

Sobre Rochdale/Owenismo: Ao falar de várias experiências, Singer ressalta: "Esses exemplos, que se limitam ao pouco que consegui levantar até agora, dão uma ideia de que há uma prática contínua de autogestão desde há um século e meio, no mínimo". (Idem).

E, aborda Rochdale. Muitas datam seu início a contar da famosa cooperativa de Rochdale, que é de 1844, mas é perfeitamente possível começar a contar antes, com as cooperativas formadas na Inglaterra por inspiração de Robert Owen, na década de vinte do século passado", e, arremata:

O que fundamenta nossa segunda hipótese: há uma série de experiências dentro do capitalismo que surgem e se desenvolvem em função das contradições do mesmo. São economias indiscutivelmente não capitalista, cujos valores permitem considerá-las anticapitalistas" (Ibidem).

Aqui, está a base para sua ideia dos "Implantes socialistas" dentro das "brechas" do sistema capitalista. Que se fundamenta na ideia de Luxemburgo, da coexistência numa formação social de diversos modos de produção. Ideia essa que marcou profundamente Singer, quando estudou "A Acumulação do Capital" e "A Introdução a economia política",

ambas obras de Rosa Luxemburgo.

Algo com ‘afinidades’ ao que John Holloway chama de “agrietar el capitalismo. El hacer contra el trabajo” (Herramienta ediciones.2011 ou ,” Fissurar o Capitalismo. Publisher. São Paulo, 2013).

Perguntando como podemos fazer para transformar o mundo, John Holloway responde: “fissurar o capitalismo”. E acrescenta que,

A resposta reflete um movimento que já está em marcha, há um milhão de experimentos em busca de mudanças radicais... isto não é novo, as projeções experimentais que apontam para um mundo diferente são, com toda probabilidade, tão antigas como o mesmo capitalismo. Porém, houve um ressurgimento nos anos recentes, uma percepção que não podemos esperar a grande revolução, que temos que começar por criar algo diferente aqui e agora. **Estes experimentos são, possivelmente, os embriões de um novo mundo, os movimentos intersticiais a partir do qual poderia crescer uma nova sociedade.** A argumentação é de que a única maneira de conceber a revolução seja como um **processo intersticial**... A única maneira de pensar a mudança do mundo radicalmente é como uma **multiplidade de movimentos intersticiais**, partindo do particular. (HOLLOWAY. 2011, p.12,13.grifos nossos).

Vamos encontrar postura similar na obra de Álvaro Garcia Linera.

Sobre as Comunas ancestrais: Singer não aprofundou esse ponto em sua obra. Foi aprofundando aos poucos pela experiência na SENAES, acompanhando a economia solidária em seu conjunto. Inicialmente, quando falou de “Comunas” foi mais uma vez associada a obra de Owen, de ‘comunas agrícolas’. Por exemplo: “Outro antecedente, que também se liga à Owen (sempre ele!), é o movimento das comunas, em geral agrícolas” “As Comunas se distinguem das demais formas de economia solidária por praticarem simultaneamente a solidariedade na produção, no consumo, na poupança e em todas as áreas da vida social”

“Todo o patrimônio da comuna é coletivo e é administrado com a participação de todos, as decisões são tomadas em assembleias, etc.”. (Almedina. p.26). No final, em “Com Singer além de Singer”, retomaremos esse ponto.

6 - A Odisseia de Singer: da “Economia Política” à “Economia Solidária”

Michael Lowy analisando a obra do jovem Lukacs, define a categoria de **totalidade** como ponto de partida. Em relação ao ‘fenômeno Singer’, ao chegarmos a análise do conjunto de sua obra, vemos que o eixo temático que escolhemos, o socialismo/autogestão, só

pode ser entendido a partir de uma análise do total de sua obra. Recorrendo a Lowy: “A ideologia política, estética, etc. de um autor só pode ser compreendida nas suas relações com o **conjunto global** de seu pensamento, e este por sua vez, deve ser inserido na visão de mundo que lhe dá sua estrutura significativa” (LOWY.1976. p.11.grifos nossos)

Para a visão de mundo de Singer sobre o socialismo, são fundamentais os períodos em que pesquisou e elaborou sobre “Economia Política da Urbanização”, “Economia Política do Trabalho”, são ensaios em que consolidou seu “esquema teórico”. No mesmo sentido, as obras sobre “Economia”, “Introdução a economia política”, “Aprender Economia”, etc. Analisar apenas as obras diretamente referidas a Socialismo, e a Economia Solidária, não nos permite abarcar a riqueza de visão de mundo singeriana.

Vamos acompanhar, através de sua obra, sua peregrinação/odisseia.

Singer, em 1968, proferiu 12 aulas que formaram o “Curso do Arena”. O curso versava sobre a “Introdução a Economia Política” (Forense.1979). O curso foi realizado no Teatro de Arena/ SP, para alunos da USP. Na publicação da Forense, o último capítulo tratava da “Economia Planificada”, abordando as experiências da URSS, da China, de Cuba e países do Leste europeu. Singer contrapunha a “gestão centralizada” a “gestão autônoma”, aborda a questão da existência de ‘leis objetivas’ no socialismo”, mas não aprofunda os temas do socialismo e da autogestão.

Na entrevista a Mantega/José M.Rego, recorda esse momento:

Isso foi no notabilíssimo ano de 1968. Ano em que houve revoluções pelo mundo inteiro(...). No Brasil, estávamos em plena efervescência... nesse ambiente, o centro acadêmico da Faculdade de filosofia me convidou para dar um curso de Economia. Eu aceitei, e o curso era para ser dado na faculdade de Ciências Econômicas primeira aula foi lá. Veio muita gente”. Não podendo seguir as aulas nesse local, “os alunos procuraram outro local...bastante grande, de tanta gente que queria assistir ao curso.

O teatro de Arena no sábado de manhã não era usado para coisa nenhuma. Então foi cedido e a gente fez o curso lá. Eu ficava no meio da ‘arena’, cercado por pessoas sentadas ao meu redor e na mais completa escuridão. O Teatro não tem janelas...eu falava com o público meio invisível... (Idem. p.65-66).

Singer, em 1975, refez esse mesmo curso para seis aulas e, em 1980, foi aplicado no auditório da ABI, sua posterior publicação tomou o título de “Aprender Economia” (Brasiliense.1983). Singer manteve nove aulas do curso de 1968, e refez as três últimas aulas, que tinham sido confiscadas pela polícia. A aula final, é intitulada o

“Socialismo”.

Na Introdução de 1975, Singer explica:

Desenvolvi as três aulas faltantes de acordo com os esquemas de que dispunha, mas é obvio que o tom do texto é outro e o tratamento da problemática é datado de 1974 e não de 1968, **pois era impossível desconhecer o que pensei e li nestes últimos seis anos**. Uma das três últimas aulas era sobre a “Economia Planificada”, em relação as experiências socialistas em curso (SINGER. 1983. grifos nossos).

Na mesma entrevista acima citada, Singer aborda o estalinismo:

A experiência estalinista de socialismo foi trágica. Não foi apenas defeituosa: ela de socialismo não tinha coisíssima nenhuma, era só pretensão... E lança a grande questão: Mas, **se esse não era o socialismo, o que era o socialismo? Essa foi a indagação que me ocupou nos anos 1980**. E, prossegue sua explicação: ” Num de meus livros, chamado **Aprender Economia**, há um capítulo chamado “Socialismo” (...) Ali já estão todas as ideias de economia solidária sem esse nome. Mas eu mesmo me esqueci disso, e foi em 1996” (Almedina. 2018.p. 15. Grifos nossos).

Ainda em 1980, Singer publicou pela VOZES uma brochura intitulada “O Que é o Socialismo Hoje? ”. Comparando com a visão sobre o socialismo de Singer, na aula final de 1974 e no livro de 1983, notaremos uma mudança qualitativa.

A trajetória de Singer em relação ao tema socialismo, desde o livro “Introdução à economia política” (1983), até o quase homônimo “Introdução a Economia Solidária” (2002), em que Singer elabora a ideia da ecosol, atinge seu ápice na obra sistemática (elaborada a partir de um debate na USP sobre os 80 anos da Revolução Soviética (1997) sobre o tema, “Uma Utopia militante: repensando o socialismo” (SINGER.1998).

Em debates no PT, tendo como contraponto João Machado e do qual surgiu a obra “Economia Socialista “ (2000), Singer traçou elementos sobre socialismo e autogestão.

Portanto, temos um movimento que parte de “Aprender Economia” (1979-1982), passa por “O que é o Socialismo hoje? ” (1980), se aprofunda com as “Oito Hipóteses” (1998), e no debate no PT, “Economia Socialista” (2000), para atingir sua plenitude em “Utopia militante” (2002).

Voltemos ao capítulo sobre o Socialismo de “Aprender Economia”, em que Singer fala de “Cogestão e controle operário da produção”:

Exemplificando as experiências da Alemanha ocidental e da Iugoslávia, Singer

descarta a cogestão: ” à primeira vista, a cogestão permite a participação de todos os trabalhadores, através de seus representantes, nas decisões empresariais. Na prática, a coisa é bastante diferente” (SINGER.1988. p.170).

Em resumo, quando dizemos que o socialismo pressupõe o controle operário da produção, a ideia central é que a divisão do trabalho terá de deixar de ser hierárquica, permitindo a todos a participação, em igualdade de condições, no trabalho produtivo e nos centros de tomada de decisões. O Estado só poderá ser reabsorvido pela sociedade quando cessar toda distinção entre dirigente e dirigido (Idem. 1988-p.171)

E, conclui:

É nesta direção que se constituirá uma sociedade sem classes. Portanto, quando se luta pelo socialismo através do controle operário da produção ou “autogestão”, o que se visa não é apenas a democratização das relações de produção, mas o seu revolucionamento em profundidade (ibid.-p. 171,172).

Em relação ao “Socialismo real”, Singer assinala que:

Estamos chegando a uma etapa da luta pelo socialismo em que o objetivo final terá de ser a síntese de múltiplas lutas. Não cabe mais uma visão monolítica do socialismo, como projeto de uma única classe, representada no plano político por um único partido (ibid. p.173).

Uma longa trajetória ao socialismo/autogestão. Rosa, sempre ela!

A epopeia de Singer em torno ao lema do socialismo foi discutida em uma entrevista organizada por Isabel Loureiro (2008), quando Singer era secretário da SENAES. Questionado, Singer aborda a relação ecosol e socialismo. A entrevista gira em torno da figura de Rosa Luxemburgo.

Pergunta um entrevistador: “Já tocando nessa relação da economia solidária com a ideia do socialismo. Será que houve uma mudança profunda na sua visão do socialismo e que poderia estar refletida no fato dos eu livro de 1998, Utopia militante-repensando o socialismo, no qual o socialismo está bem no foco de suas preocupações, ao passo que no seu outro livro, de 2002, Introdução à economia solidária, o socialismo merece apenas uma pequena menção, na referência aos socialistas utópicos. A pergunta então é se houve uma mudança de posição, de expectativas em relação a uma possibilidade de recuperar a bandeira do socialismo nos dias de hoje”.

Singer responde taxativamente:

Não, a resposta é claramente não. Não houve qualquer mudança. E, acresce que há uma explicação para isso – e a diferença só ficou clara para mim agora, quando você fez a pergunta. O primeiro livro, Utopia militante, nasce em função da comemoração dos 80 anos da Revolução de Outubro. Em 1997 se organiza um debate(...)isso foi em 1997, quando eu já estava na economia solidária (...). Eu formulei o que acabou sendo o essencial do argumento da utopia militante nesse debate. Então sai de lá e comecei a escrever. Escrevi vários pedaços – o livro não foi escrito de uma única vez, mas eu o fiz e estava interessado só no socialismo, embora estivesse trabalhando com a economia solidária. É que na minha cabeça economia solidária e socialismo são sinônimos (LOUREIRO.2008 p. 23).

Singer explica que “Utopia militante” nasceu dos elementos que apresentou em um debate sobre os 80 anos da Revolução Russa, em 1997, quando “eu já estava na economia solidária”. Escreveu o livro de várias vezes:

estava interessado só no socialismo, embora estivesse trabalhando com a economia solidária. É que na minha cabeça economia solidária e socialismo são sinônimos”. Agora, por motivos táticos, eu tendo a falar mais em economia solidária”. (Ibid.)

Relembra que em 2000, escreveu a brochura “Economia Socialista”, para debate no PT, em que confronta o ‘marxismo clássico’ com a economia solidária”. (Ibid.)

A “Introdução a economia solidária” atendeu a uma pedido da Fundação Perseu Abramo. Nesse livro, Singer afirma que a discussão sobre a relação socialismo e ecosol ficou limitada a obra de Owen e o cooperativismo revolucionário do século XIX. Que foi uma falha não ter feito essa ligação.

É nessa mesma entrevista que Singer afirma não ter aprofundado o legado da Rosa:

E, acho que há um legado luxemburguista do qual eu não estava consciente antes deste momento(...). E o legado me parece ser este: para Rosa Luxemburgo, quem dirige a revolução é o que ele chama “as massas”; são os próprios trabalhadores, os homens, as mulheres, os camponeses, os jovens, enfim. (...). Na crítica de Rosa à Revolução Russa, essa visão das massas como carregando o ímpeto da mudança é uma coisa **que calou fundo em mim, e eu a reencontrei na economia solidária** (Ibid.pg 24. Grifos nossos).

Na entrevista a Mantega/Rego, Singer ressaltou o caráter pedagógico destas entrevistas:

A entrevista é uma forma importante de captar coisas que, mesmo quando o entrevistado é um autor, como no meu caso, **ele jamais sabia que sabia** porque não pensou. A entrevista livre, fluindo, leva a pensar coisas em função exatamente do

diálogo”. (MANTEGA/REGO.1999. p.60. Grifos nossos)

Para Singer o fermento da ecosol está nas comunidades, “Agora, o que me encanta na economia solidária é que ela vem de baixo” (2008. p.25).

Singer acresce que a economia solidária foi uma criação das pessoas em situações difíceis, mas recorrendo às forças comunitárias que são socialistas, em última análise. E isto está ocorrendo (Ibid.).

Adiante voltou a afirmar esse aspecto:

Mas o grande impulso para a economia solidária vem das comunidades pobres; é lá que está o fermento social que se viabiliza – portanto nos Quilombos, nas comunidades indígenas e, sobretudo, no campesinato e no artesanato. Artesanato e campesinato são muito semelhantes. Todos os camponeses são artesãos(...). Para essa gente, compartilhar é fazer auto-gestão e uma certa democracia de base. É uma coisa natural. Eles se inclinam a isso, você não precisa doutrina-los (ibid. p.25).

Retomando alguns elementos, vimos que Singer confessa não ter aprofundado de forma sistemática o ‘legado de Rosa’. Indagado por Isabel Loureiro, sobre o papel dos pequenos agricultores familiares, os artesãos, Singer responde que, ” Eu tenho dito várias vezes – **nunca escreve, não tive tempo de escrever** - que o campesinato hoje é vanguarda porque é só entre os camponeses que você pode fazer agricultura ecológica” (ibid.pg 28. Grifos nossos).

Em outro momento da entrevista, Singer nos fala de Rosa Luxemburgo, da obra “Acumulação do Capital”, onde há uma relação com a ecosol. Para Singer, a segunda parte da obra de Rosa:

São entusiasmante, porque aí ela tira as consequências político-históricas do que considera um erro de Marx, e **dá uma contribuição teórica, para mim, absolutamente decisiva** - que é mostrar que nunca houve um modo de produção único no mundo. Sempre houve diferentes modos de produção que interagem. E é muito fácil você dizer: ‘Bom, mas esse aqui é o passado. Isso aqui são modos de produção pretéritos que ainda sobrevivem’. Não é verdade. Na realidade o campesinato, o artesanato – a pequena produção de mercadorias precede o capitalismo e convive com o capitalismo até hoje. **Isso eu percebi graças à Rosa** (ibid. p. 18. Grifos nossos).

Sobre o erro de Marx:

Ela dá uma visão totalmente nova, pelo menos para nós, do que é o processo de expansão do capitalismo. Porque Marx mesmo já tinha tratado disso, mas ele não tomava a sério os modos de produção não-capitalistas. Marx faz uma coisa, que é outro erro metodológico dele: ele escreve O capital na pressuposição de um sistema puramente capitalista. No mundo pressuposto por Marx, só há trabalhadores e patrões, e mais nada. Nem o Estado praticamente aparece como fator econômico, ele é só um elemento político. E com Rosa isso vem à tona: quer dizer, na imortal análise de Marx, do capitalismo e sua dinâmica, faltava algo essencial (ibid. p.20).

Noutra entrevista tinha abordado essa questão:

Se você olhar a grande história do capitalismo, a multinacionalização e a periferização da indústria se dá desde o século passado e o autor que captou isso melhor do que qualquer outro foi Rosa Luxemburgo. A teoria do imperialismo de Rosa Luxemburgo diz simplesmente isso: O capital é obrigado a ir para a periferia para manter sua taxa de lucro. **Ela pode até ter errado no raciocínio estritamente teórico. Acho que ela errou. Mas a visão histórica dela estava inteiramente correta** (Mantega/Rego.1999. p.69. Grifos nossos).

7. as Oito Hipóteses sobre socialismo autogestionário

Em fim de 1998, Singer participou de um Seminário, “Autogestão e Socialismo”, promovido por alunos de pós-graduação em História e Filosofia da USP, leitores de Castoriadis; o seminário traz o nome da revista francesa “Autogestion et Socialisme”.

Vale acrescentar que, a mesa de debates do segundo dia, 20 de agosto, sobre “Autogestão e Socialismo”, estava prevista para ser composta por Singer, João Bernardo e Mauricio Tragtenberg. Este último não pode comparecer, estava doente e viria a falecer. A Revista *Temporaes* é dedicada à sua memória. Eu, também não pude comparecer, para mesa do dia 19, sobre “Experiências Históricas”, em que falaria sobre “Movimentos autogestionários no leste europeu”, sem dúvidas, uma importante ocasião perdida para o debate com Singer e Bernardo.

No Seminário, Singer apresentou as “Oito hipóteses sobre a implantação do socialismo via autogestão”. O texto foi publicado pela Revista “Temporaes” (FFLCH/USP) em agosto de 1999. Portanto, foi redigido em 1998, muito depois do livro *Vozes*, “O que é o Socialismo hoje?” (1980); simultâneo a “Utopia Militante” (1998), e antes do “Economia Socialista” (PT.2000), e da “Introdução à economia solidária” (2002).

Fica, então, muito claro que a época da redação do “Introdução a economia

Solidária” (2002), Singer já tinha uma ideia sistematizada sobre o Socialismo/Autogestão.

As obras de Singer, tendo como eixo temático socialismo/autogestão, estão cronologicamente alocadas da seguinte forma:

- 1- “Curso de introdução a economia política” (aula sobre Economia Planificada) 1975
- 2- “Aprender economia “1983 (aula sobre o Socialismo) 1983
3. “O que é o socialismo hoje? “ 1980
4. “Oito hipóteses sobre a implantação do socialismo via autogestão” 1998
5. “A utopia militante. Repensando o socialismo” 1998
6. “A Economia Socialista” /PT 2000
7. “Introdução a economia solidária” 2002
8. Ensaios do período da SENAES 2003-2016

Agrupando estas obras e´ possível construir 3 Blocos temáticos, segundo os conteúdos das obras, antes da participação no Governo Lula/Dilma:

- 1) “Aprender economia” (1979) e “O que é o socialismo hoje? ” (1980)
- 2) “As Oito Hipóteses” (1998) e “Utopia militante” (1998)
- 3) “Introdução a Economia Solidária” (2002)

Entre dois e três, Singer apresentou suas ideias para direção do PT, o que está expresso na brochura

“Economia Socialista “ (2000)

No ponto oito, relativo a época da SENAES, destacamos três ensaios:

- “A construção da economia solidária como alternativa ao capitalismo” 2013
- “É ‘possível levar o desenvolvimento a comunidades pobres? “ 2004
- “Um novo Projeto para o Brasil” 2003

A Coletânea de Ensaios da editora Almedina, traz dois outros pequenos ensaios:

- “Economia solidária e Socialismo”
- “Contribuição ao debate sobre o socialismo Petista”

Esperemos que o Acervo depositado na USP, traga novidades, para futuras pesquisas.

Vamos acompanhar obra por obra, destacando conteúdos e contextos, da Odisseia de Singer nessa longa trajetória de construção de sua visão de Socialismo/Autogestão e seus reflexos na ideia de economia solidária.

1) “Introdução a Economia Política”.

O livro é formado por aulas ministradas em 1968 no Teatro de Arena em São Paulo. Singer explica que das 12 aulas, as três últimas foram confiscadas pela polícia. A última aula tinha por tema uma análise das experiências do ‘socialismo real’, intitulada “Economia Planificada”. Em 1974 retomou o curso, desta vez, desenvolveu as três aulas faltantes e o livro foi publicado pela Editora Forense, em 1979.

Quando analisa as experiências de construção do socialismo, com base na Economia Planificada, Singer aborda um primeiro tema: ‘incentivos materiais ‘x ‘incentivos morais’. Duas vias foram desenvolvidas, a de substituir os incentivos materiais por incentivos morais, ou incentivos políticos, na via chinesa. É uma linha de difícil aplicação. Esta via foi aplicada em Cuba, China, Vietnam do Norte, Coreia do Norte. Singer exemplifica pelas dificuldades da ‘revolução cultural ‘da China.

A outra via é do uso dos ‘incentivos materiais’, aplicada na URSS, na Iugoslávia e na maioria dos países do leste europeu.

Vale a pena ressaltar que Singer não fala sobre o grande debate ocorrido em Cuba, por iniciativa de Che Guevara sobre este tema, nos anos 60. Nesse debate participaram vários teóricos economistas, como Ernst Mandel, Charles Bettelheim, P.M. Sweezy, entre outros. A obra de Guevara “O Socialismo e o Homem em Cuba” trata desse tema; este livro foi publicado em Cuba em 1965 e na França, em janeiro de 1966. (Ver: Che Guevara, ” El Gran Debate. Sobre la economia em Cuba. Ocean Press. 2006.E, de Luiz B. Pericás: ” Che Guevara e o debate econômico em Cuba”. Xamã.2004)

A edição francesa, pela editora F. Maspero, traz além do texto de Che sobre “O Homem novo”, (que é uma carta dirigida ao jornal “Marcha” de Montevideo), ainda sua carta a Fidel, de demissão do Governo cubano, lida por Fidel em julho 1965. Traz também o famoso “Discurso de Argel”, que Guevara pronunciou na 2ª Conferencia Afro-asiática na Argélia em fevereiro 1965, a última manifestação pública de Guevara, como Ministro da Industria. Nesse discurso, Guevara faz críticas radicais a economia centralizadora dos regimes do ‘socialismo real’, sobretudo da URSS. (Ver: Ernesto Che Guevara: “lê socialismo et home à cuba”. (F. Maspero.Paris.1966).

Como o Curso foi aplicado em 1974, ainda em pleno regime militar, é possível que o motivo da não abordagem tenha sido por cautela e não por desconhecer os textos, pois seria

fácil consegui-los da edição francesa de 1965. De qualquer forma, é no mínimo interessante que são os temas abordados por Singer em sua aula.

Em seguida, Singer aborda outra dupla temática, ‘gestão centralizada’ x ‘gestão autônoma’.

A ‘gestão autônoma’ usa os mesmos métodos do capitalismo visando se contrapor a administração centralizada. Já a ‘gestão centralizada’ é muito difícil por motivos técnicos, mas preferível politicamente. A URSS e Cuba optaram pela ‘gestão totalmente centralizada’. A China pela ‘descentralizada’ devido ao atraso tecnológico e a dimensão territorial do país.

Outro tema abordado por Singer é o da “existência ou não de leis objetivas no socialismo”. Stalin defende que sim, tal como no capitalismo. Porém, Guevara e Fidel defendem outra posição. Singer cita trecho expressando essa posição de Che e Castro, mas não cita a fonte

Portanto, é possível que Singer tivesse conhecimento do debate cubano. Finaliza esse ponto com o seguinte:

Não é fatal que essa escolha humana só possa se dar no chamado reino da liberdade, ou seja, quando a produção for de tal forma elevada que todas as necessidades humanas, pelo menos materiais, possam ser plenamente satisfeitas e a opção fundamental do homem será então produzir mais, obter mais ócio, ou dedicar mais tempo a atividades contemplativas, etc. (p.185).

É bom resgatar que em 1970, seu amigo Michael Lowy tinha lançado seu livro “La Pensée de Che Guevara” (F. Maspero.Paris.1970/edição em espanhol da Siglo veintiuno, em 1971). Essa última citação de Singer, lembra tanto os “Grundrisse” de Marx, quanto “O Homem Novo” do Che.

E, assim, se encerram estas aulas de Singer.

2- “Aprender Economia”

Na Introdução de 1982, Singer lembra as aulas do curso Introdução a economia Política de 1968/1974. Neste novo curso de economia política, dado no auditório da ABI em janeiro de 1980, ele acrescenta um capítulo como última aula, explicitamente nomeado de “Socialismo”.

O Curso foi publicado como livro pela editora Brasiliense, em 1983. Vimos que as aulas foram iniciadas em janeiro 1980. Em 1978 Singer já tinha visitado a Iugoslávia e tido

tempo na Índia em novembro de 1978, de se dedicar ao tema do Socialismo. Em março de 1979, em São Paulo, confessa que já tinha terminado o tema, isto é, o pequeno livro que a editora Vozes publicou em 1980: “O que é o Socialismo hoje? “.

A introdução que faz para esse livro data de três de setembro de 1979.

A aula sobre O Socialismo aborda muitas questões. Vai muito além das aulas do Curso de 1968/1974. Assim:

Conceitos de Socialismo; O ‘socialismo realmente existente’ (sem dúvidas legado da leitura da obra de Rudol Bahro,” A Alternativa “de 1977, que Singer cita em alemão, no livro da Vozes. Forças produtivas e estrutura social; a luta pelo socialismo, hoje; Cogestão e controle operário da produção; o socialismo como objetivo comum de muitos movimentos; e no fim, a prefiguração do socialismo na prática presente, quer dizer, hoje.

Que elementos podemos destacar?

Na aula anterior sobre o Socialismo, com o tema “Desenvolvimento Econômico”, Singer taça considerações sobre as teorias marxistas e a teoria da dependência. Algumas breves observações sobre URSS, China e Cuba.

Afirmando que o socialismo é a grande utopia do século XX, Singer se propõe a retomar os conceitos de socialismo desde os seus pioneiros e os autores clássicos, como Marx e Engels.

A promessa socialista porta três aspectos:

1) como sociedade superior a capitalista, não estaria mais sujeita a crise, desemprego, desperdícios, porque seria planejada, com controle consciente por parte da coletividade sobre o processo social de produção e distribuição;

2) a instauração da igualdade, sem classes a partir da abolição da propriedade privada que tornaria “todos coproprietários das fabricas, fazendas, ferrovias, lojas, etc.;

3) um grau superior para todos de bem-estar material e de liberdade. Eliminação as restrições à liberdade pessoal, as pessoas se auto realizam no trabalho e na vida afetiva (idem. p.158).

Vemos que associando os pontos um e dois, Singer fala de “controle consciente pela coletividade” e com abolição da propriedade privada, esse controle se manifesta como ‘todos coproprietários’ do metabolismo social; e, uma outra logica subjetiva. Assim, temos a base para uma visão de autogestão.

Essa visão do socialismo foi dominante até que, a partir da Revolução de 1917 na Rússia revoluções, surgiram outras revoluções, China, Cuba etc. Esse processo trouxe muitas controvérsias. O socialismo se tornou prática em diferentes países.

Em seguida, Singer analisa o “socialismo realmente existente”, em países que identifica como ‘economias centralmente planejadas’.

Todos os países em que ocorreram revoluções da Rússia czarista à China, passando pela Jugoslávia e Albânia, por Cuba e assim por diante, eram economias agrárias, exceto Alemanha e Tchecoslováquia. Portanto, assumiram um caminho de industrialização centralmente planejada, ou seja, não-capitalista (p.159)

Para esta concepção, a revolução estatiza ou socializa os meios de produção, assim se superaria o subdesenvolvimento. O resultado foi a instauração de regimes de partido único e de uma burocracia dirigente. As greves são duramente reprimidas. Obviamente diz Singer, “o socialismo real” não está correspondendo ao modelo.

Singer fala de todo um Ciclo de longa duração de lutas no Leste europeu. Fatos novos ocorreram: a mais importante revolução proletária que floresceu na Polônia, a partir das greves de 1980 e a formação do sindicato Solidariedade até o golpe militar de dezembro de 1981. Entre a Rússia e a China surgiram divergências graves que levaram a guerras entre Vietnã e China, entre Vietnã e Camboja. As tentativas de instauração formas mais democráticas de governo, tanto na Hungria em 1956 como na Tchecoslováquia em 1968 e na Polônia em 1956, 70, 76 e 81, foram brutalmente contidas.

Singer aborda a ‘estrutura social’, as “forças produtivas” e a ‘separação entre trabalho manual e intelectual. Na organização da produção, aos proletários resta um trabalho cada vez mais rotineiro, repetitivo, embrutecedor. Cita o exemplo da FIAT instalada na URSS em que há a mesma hierarquia que existe na FIAT italiana. O capital concentra todo conhecimento nos seus delegados diretos: gerentes, programadores, pessoal de chefia, assessores técnicos, financeiros, legais etc. Não há desenvolvimento de novas forças produtivas, adotando-se as mesmas do capitalismo. (p.165)

Outro tema importante é o da ‘luta pelo socialismo’, em que o objetivo central já não é mais a abolição da propriedade privada, o que ocorre no capitalismo monopólico, mas “a eliminação da hierarquia de mando nas unidades de produção e distribuição”. Isso passa pelo controle da produção. Singer assinala as experiências na Itália, as negociações entre

comissões de fábrica e a ‘burguesia gerencial’. No Brasil, os trabalhadores também em suas lutas levantam essa questão.

Assinala outros movimentos que estão surgindo: “feminismo, homossexuais, antinucleares...” Por isso a luta dos movimentos de libertação não só se soma à luta pelo socialismo, mas, na verdade, amplia a própria latitude do socialismo...O socialismo não é um projeto apenas econômico e político, mas abrange todos os aspectos da vida em sociedade” (p. 169)

Aqui, Singer avança para a questão da “Cogestão e controle operário da produção”, que o leva a tratar o tema da Autogestão.

Tomando como exemplo as experiências da Alemanha Ocidental e da Iugoslávia, Singer descarta a cogestão. À primeira vista, a co-gestão permite a participação de todos os trabalhadores, através de seus representantes, nas decisões empresariais. Na prática, a coisa é bastante diferente (p. 170).

E sintetiza sua visão, bem próxima a concepção da autogestão social:

Em resumo, quando dizemos que o socialismo pressupõe o controle operário da produção, a ideia central é que a divisão do trabalho deixará de ser hierárquica, permitindo a todos a participação, em igualdade de condições, no trabalho produtivo e nos centros de tomada de decisões. O Estado só poderá ser reabsorvido pela sociedade quando cessar toda distinção entre dirigente e dirigido (p.171).

E, enfim, nomeia o objeto: “É nesta direção que se constituirá uma sociedade sem classes. Portanto, quando se **luta pelo socialismo através do controle operário ou autogestão**. O que se visa não é apenas a democratização das relações de produção, mas o seu revolucionamento em profundidade (p. 171,172. Grifos nossos).

Quanto ao “socialismo realmente existente”, Singer assinala:

Estamos chegando a uma etapa da luta pelo socialismo em que o objetivo final terá de ser a síntese de múltiplas lutas. Não cabe mais uma visão monolítica do socialismo, como projeto de uma única classe, representada no plano político por um único partido (p.173)

Sobre o tema do poder do “Estado” na parte em que responde algumas perguntas do público, Singer destaca dois elementos:

O que a experiência histórica dos últimos seis ou sete decênios, tanto nos países

capitalistas adiantados como nos países que tiveram revoluções, ensina é que a ideia de que a tomada do poder de Estado deve preceder a tomada do poder nas fábricas, escolas etc., é falsa (p. 182).

Citando a consigna da autogestão, do Marx da I Internacional:

A libertação da classe operaria tem de ser obra da própria classe operária”. Isto significa que nenhuma ‘vanguarda’, instalada no poder do Estado, pode (mesmo que queira) libertar a classe operaria de cima para baixo(...) O que esta vanguarda pode fazer, para ajudar o processo, é promover a democratização do aparelho de Estado, instituindo formas de participação popular no poder de Estado e descentralizando-o ao máximo” (Idem)

Essa dialética Estado e poder Popular, Singer expõe como segue: ” o que cabe fazer no plano político, os que lutam pelo socialismo?

Obviamente lutar pelo poder do Estado, tendo como objetivo básico neutralizá-lo, ou seja, impedir que ele reprima as lutas revolucionárias que os trabalhadores e demais oprimidos têm de travar no seio das empresas, escolas, hospitais, bairros e assim por diante (Idem).

Nos lembra passagens da obra de Nicos Poulantzas. O estilo de escrita de Singer não importa em citações, há muito pouco em seus ensaios. Assinalamos, todavia, que a obra de Poulantzas “O Estado, o Poder, o Socialismo”, foi publicada na França 1978, quando Singer esteve na Europa, e em 1981 no Brasil, pela editora Graal.

3. “O que é o socialismo hoje? ”.

A obra seguinte de Singer, aliás do mesmo ano, é o pequeno livro editado pela Vozes em 1980. Vamos destacar a parte “As novas formas de luta pelo socialismo”. São as mesmas questões de o capítulo sobre Socialismo do livro “Aprender Economia”

Para Singer, a principal reformulação da ideia de socialismo é a rejeição da ideia que o socialismo deve ser implementado a partir da conquista do Estado.

Hoje, após diversas tentativas fracassadas de chegar ao socialismo desta maneira, sabemos que **socializar** só pode significar submeter os meios de produção ao **controle coletivo** do conjunto dos trabalhadores (p.69,70. Grifos nossos).

Este é o princípio geral: ” o socialismo significa o controle dos controladores por parte da massa de cidadãos comuns” (p.70). O instrumento para conquista do Estado, visando seu

‘persecução’, para Singer, dificilmente poderá ser um partido monolítico...O instrumento será antes uma **ampla frente de massa** (p.71. Grifos nossos)

“A luta pelo socialismo torna-se assim uma prática de libertação...O seu objetivo imediato é antes transformar o poder do que propriamente conquistá-lo” (Idem)

Singer conclui no final com uma ideia de autogestão social:

Isto significa que o âmbito da luta pelo socialismo é muito maior que o plano político convencional. Não só o poder do Estado que tem que ser transformado, mas **todo poder exercido autoritariamente**: do patrão na empresa, do professor na escola, do oficial no exército, do padre na igreja, do dirigente no sindicato ou no partido e, por fim, mas não por último, do pai na família (p. 71,72. Grifos nossos).

Estas duas obras, “Aprender Economia” e “O que é o socialismo hoje? ” Significam uma sistematização do pensamento de Singer sobre o tema. Foram elaboradas simultaneamente, no final dos anos 70.

Os dois ensaios seguintes, “Oito Hipóteses” e “Utopia militante”, são também de um mesmo período, final dos anos 90, e depois destes, Singer parte para elaborar sobre a Economia Solidária com sua obra “Introdução a economia solidária” de 2002.

Mas, antes participou de debates no PT, em que apresentou a ideia da economia solidária. Isto ficou expresso na brochura que trata o debate sobretudo com João Machado. Economia Socialista (2000), foi mais um passo em direção a “Introdução a economia solidária” (2002).

Enfim, chegamos às “Oito hipóteses”, ensaio de 1998, portanto, 18 anos após o livro da Vozes de 1980.

4 - “As Oito Hipóteses”.

Este ensaio em relação à “Utopia Militante” (uma obra sistemática, para ‘repensar o socialismo’) é uma síntese para apresentação em um seminário da USP, realizado em agosto 1998. Poderíamos até chamar de “As oito teses sobre o Socialismo”, tal qual Marx com suas “11 Teses sobre Feurbach”, Singer tenta um resumo para exposição de suas ideias. Neste sentido, expressa um grande valor para apreciarmos a visão de Singer sobre socialismo/ autogestão.

Acima, já pudemos apresentar alguns elementos das Oito Hipóteses. Passemos a

apresentar cada Hipótese.

Hipótese 1: Singer faz um primeiro enunciado, desta feita, uma Tese: “O tema da autogestão é pouco discutido no Brasil. O tema que me foi proposto, e que me é extremamente caro, é “Autogestão e socialismo”. É um tema antigo, mas nem por isso está esgotado. Em verdade, ele se repõe na medida em que a história vai se desenrolando. E, na medida em que diferentes experimentos socialistas vêm sendo feitos e eventualmente vão fracassando, a questão da autogestão e do socialismo se recolocam sob formas e cores muito diferentes” (Ensaio. p.153)

Em seguida, anuncia uma questão de Método: diz que na América Latina se apresentam muitas ‘teses’, com caráter de verdade, e por isto, “Em vez de teses, vou apresentar hipóteses” (Idem).

1ª hipótese: O projeto socialista não se limita à economia;

2ª hipótese: A história nos oferece uma série de experimentos que deram certo;

3ª hipótese: os casos em que a autogestão teve mais êxito do ponto de vista econômico, são aqueles em que se formou um forte, embora pequena, economia autossustentável;

4ª hipótese: a autogestão deve ser implantada pela formação de comunidades inicialmente isoladas;

5ª hipótese: o desenvolvimento da autogestão não pode se dar “de cima para baixo”;

6ª hipótese: o desenvolvimento da autogestão equivale à transição ao socialismo no terreno da produção e da distribuição;

7ª hipótese: o desenvolvimento da autogestão como modo de produção alternativo e competidor no seio do capitalismo não estará desligado das demais lutas dos trabalhadores;

8ª hipótese: com a terceira Revolução industrial há nas empresas capitalistas mais progressistas uma redução das hierarquias, uma redução do autoritarismo capitalista na própria empresa e um aumento da responsabilidade e autonomia dos trabalhadores de linha. Portanto, ” a predição de Marx de que o socialismo se imporá por exigência do desenvolvimento das forças produtivas será mais uma que se mostrará verdadeira”. (P. 164)

Estas oito hipóteses serão mais desenvolvidas nas obras que seguem.

Mas, destacamos que a Hipótese quatro (isolamento comunidades), e a Hipótese oito (apropriação da tecnologia), provocaram muitas polemicas no campo dos ecosol.

5. “Utopia Militante: repensando o socialismo” (2000).

Nesta obra, Singer alcança a ‘máxima consciência possível’ e se projeta para traduzir sua visão no campo da economia solidária (2002). Mas, antes, em 2000 apresentará sua visão a direção do PT, pensando no Programa de Governo.

Enfim, em 2002, a pedido da direção da Fundação Perseu Abramo do PT, escreve sua “Introdução a economia solidária”.

Em 2003 estará no Governo como secretário de economia solidária. O paradoxo é que nessa obra de “Introdução” a economia solidária, Singer não faz referências a socialismo/ autogestão. Vimos que em entrevista de 2008 à Isabel Loureiro, explica a razão.

6. Economia socialista/PT (2000).

No prefácio ao pequeno livro da “Perseu Abramo”, Antônio Candido afirma:

O socialismo é algo mais vasto que suas manifestações históricas e continua a ser o caminho mais adequado às lutas sociais que tenham como finalidade estabelecer o máximo de igualdade econômica, social, educacional como requisito para a conquista da liberdade de todos e de cada um (2000. p.9).

Singer inicia sua reflexão com a crítica aos ‘clássicos’, retomando sua visão crítica sobre ‘planejamento centralizado’, e perguntando o que segue após a socialização dos meios de produção que supõe a ‘abolição das classes’. Apontando um ‘reducionismo’ nas teses de Marx e Engels, afirma “O reducionismo de Marx e Engels teve consequências quando na União Soviética se tratou de aplicar às formulas do socialismo científico” (Idem. p.17)

O ponto a seguir trata do par “Centralização contra Autogestão”, retomando uma questão permanente em sua visão, desde seu livro “Aprender Economia”. Foi na URSS após 1917 que as ideias sobre socialismo foram postas à prova. Em sua primeira etapa, a Revolução foi “a época da verdadeira ditadura dos verdadeiros operários da indústria (...) a partir dos conselhos de empresas se baseava então (...) na impotência do Estado” (Singer cita Oscar Anweiler). Ocorre, então, a partir da primavera de 1918, “uma grande discussão na Rússia sobre o socialismo, entre os partidários do planejamento centralizado e os partidários da autogestão. Tendo a liderança ostensiva de Lenin e de Trotsky, os primeiros ganharam a parada. O debate foi importante porque contrapôs duas concepções de socialismo” (Idem. p.

19)

Singer prossegue, sobre essa disputa:

Contra essa concepção de socialismo se levantou a Oposição Operária. Eram principalmente sindicalistas, que criticavam a entrega da direção das empresas a antigos capitalistas ou a ‘especialistas’, treinados no regime anterior(...). Eles defendiam que o poder nas fabricas fosse exercido pelos operários, elegendo democraticamente os comitês de direção(...). Eis, em forma sintética e bem clara, a outra concepção de socialismo (Idem. p.21).

Então, segue Singer:

O socialismo passou a ser entendido como sinônimo de planejamento geral ou centralizado da produção, a substituição do mercado” etc. Na economia centralmente planejada, ‘o poder passou a ser estruturado de cima para baixo”. A economia do ‘socialismo real’ era uma economia de ‘escassez’ (bibliografia)

Com base na obra de Janos Kornai (The Socialist system.1992) Singer dá vários exemplos desse tipo de economia ‘de escassez’.

Enfim, outro ponto é “O socialismo como autogestão”. Aqui, Singer retoma suas Oito Hipóteses apresentadas no Seminário de 1998.

A revolução Russa extremou a distinção entre duas concepções de socialismo. Singer retoma a ideia de Marx: A “via da ‘ruptura com a ditadura do capital nas empresas e sua substituição pela gestão coletiva dos meios de produção exercida pelos produtores livremente associados” (p.40). Para Singer, esta ‘concepção autogestionária era herdeira de Owen, Fourier e outros socialistas utópicos do século XIX”. Expõe as ideias e experiências cooperativas de Owen nos anos 1830, e retoma a de Rochdale de 1844. São seus referenciais permanentes sobre o cooperativismo. Foi fundada a ACI*, com forte presença de partidários das cooperativas autogestionárias. Mas, a luta dentro do cooperativismo levou a vitória dos que se opunham à autogestão (p. 41).

A prática da autogestão sobreviveu a este momento e voltou à tona na experiência da Revolução de 1917, na Espanha da guerra civil, na Polônia. Singer, aqui, mais uma vez, retoma a questão da Jugoslávia, outro fator permanente em seu discurso. O Governo de Tito introduziu no país a autogestão em todas as empresas do país, na mesma linha da Oposição Operária na Rússia. “Foi a mais extensa experiência de socialismo auto gestionário, tendo durado quase 40 anos” (p.42).

Depois, destaca as experiências dos Kibutzim e a do Complexo Mondragon, ressaltando que:

Todas as experiências autogestionárias aqui resumidas passaram ou ainda passam por crises”; porém, destacando a presença da economia solidária na Itália, Espanha, Canadá e no Brasil devido ao ‘desemprego em massa (p.43,44).

Singer extrai uma lição pedagógica destas experiências:

A importância dessas experiências é o aprendizado que proporcionam a segmentos da classe trabalhadora de como assumir coletivamente a gestão de empreendimentos produtivos e a operá-los, segundo princípios democráticos e igualitários (p.44. Grifos nossos).

Retoma sua ideia de uma Frente, com ações em diversos campos: “A economia socialista dificilmente será alcançada por meio do mero crescimento da economia solidária”; “A conquista de uma economia socialista será fruto, do avanço do movimento operário e socialista em uma série **de frentes:**

- Na extensão da democracia do âmbito político ao econômico e social;
- Da participação organizada na elaboração de orçamentos públicos e na gestão de equipamentos escolares e de saúde;
- Da conquista de governos locais e regionais por coligações de esquerda que possam pôr em prática desde já políticas socialistas, inclusive de apoio e fomento a empresas autogestionárias;
- De novos direitos de representação operária nos locais de trabalho, com direito de exame das contas da empresa e de participação em seus centros de decisão;
- E, por fim, mas não por último, **a construção de um setor de economia solidária nas cidades e no campo**” (Idem. p. 44. Grifos nossos).

Como podemos avaliar, hoje em 2018, um Programa de Sociedade mais que um Programa de poder, ou seja, muito além do que tentou implementar na SENAES.

Singer finaliza sua exposição à direção do PT, com dois pontos: a organização socialista da produção e a economia no sistema socialista.

No primeiro ponto, propõe que “parece adequado –devido ao atual patamar tecnológico- que a produção esteja organizada em **um número grande de empresas**

autônomas de diferentes tamanhos. Elas **pertenceriam coletivamente aos trabalhadores associados** ou a uma sociedade de trabalhadores e consumidores (...). A organização das empresas deveria se submeter aos princípios do cooperativismo, particularmente ao da autogestão, que tem por base um voto por cabeça, a soberania da assembleia e a eleição para todas as instancias de mando”. (P.45. Grifos nossos).

E outro ponto que Singer sempre insistiu: “Outro princípio importante seria o da porta aberta”.

Essas empresas teriam que se federar, para ter uma economia de escala em serviços comuns. Seriam tipo Redes. Singer chama de **multiempresas** socialistas, que também seriam administradas com os princípios da autogestão. Em nenhuma haveria ‘trabalhadores assalariados’.

E, um ponto controverso em suas ideias: para evitar a competição entre as empresas socialistas, como via na Iugoslávia, repor a questão da regulação por mercado ou por órgão político representativo.” O mercado socialista difere do capitalista porque não é matriz de acumulação de capital privado” (p.46).

Aqui, Singer fala de um “parlamento econômico”, ideia que pode ter encontrado na proposta do Solidarnosc, da Câmara de Produtores Associados, eleita exclusivamente por produtores associados; na verdade, já vem de propostas de conselhos operários da revolução na Hungria em 1956, e reaparece durante a Primavera de Praga, em 1968.

Como remarca Rene Zavaleta Mercado, em relação a ciclos de lutas radicais na América Latina, -tipo revolução Mexicana, revolução Cubana e as experiências nos anos 70 na Bolívia, no Peru do gal. Alvarado, e da Unidade Popular no Chile de Salvador Allende -, a luta dos trabalhadores levou a formulação de Poder Dual Popular em que se destaca a questão da Propriedade Social através de um Setor auto gestor ou de Propriedade Social dos meios de produção. (Zavaleta. “Lo nacional-popular en Bolívia” (2013).

Por fim, o ponto sobre a economia no sistema socialista:

Singer inicia com sua visão luxemburgista da “coexistência de diversos modos de produção no sistema capitalista”, entre outros, destaca o das Cooperativas Autogestionárias, ‘que constituem um **embrião ou implante socialista** (grifo nosso). Retoma uma das Oito Hipóteses. Nos países do ‘socialismo realmente existente’ os outros modos de produção

estavam proibidos.

E, para a experiência do Brasil, volta à defesa do princípio da ‘porta aberta’. Muitos trabalhadores ainda preferem ser assalariados. “Se no futuro o socialismo se tornar hegemônico, é possível e até provável que a maioria prefira integrar empresas socialistas”. Como já vimos, Singer deduz dessa questão, um profundo e imenso trabalho de formação e qualificação como base para o êxito da autogestão. Voltaremos a esta questão quando tratarmos do tema da Pedagogia da autogestão.

Singer afirma que é fundamental, para que as empresas sejam socialistas, que os trabalhadores se associem espontaneamente. “O que só será possível se houver empresas capitalistas, por conta própria, e outras oferecendo entradas alternativas na produção social” (obra e ano).

As experiências em curso na Bolívia, Venezuela apresentam coisas semelhantes, disputa entre diversas formas de propriedade: privada, estatal, cooperativa, comunal, etc., em plena disputa de hegemonia com campo do mundo do trabalho, mas articuladas com os Governos progressistas.

Finaliza sua exposição: “a economia socialista provavelmente sofrerá (por quanto tempo ninguém sabe) a concorrência de outros modos de produção” (p.48)

O debatedor de Singer, João Machado, comenta destacando três questões:

Machado inicia sua intervenção destacando que “Paul Singer, que na minha opinião, dentro do PT e no âmbito dos movimentos mais amplo que ainda tem uma referência ao socialismo no Brasil, tem sido nos últimos anos quem mais tem se empenhado para renovar essa discussão, para manter a questão do socialismo sempre atual” (p.51)

Ressalta que Singer “tinha posto mais ênfase na crítica ao modelo de socialismo do tipo que tinha existido na União Soviética do em pensar como desenvolver formas de socialismo auto gestor. E que me parecia que esta era a parte mais interessante” (p.52)

Em seguida, Machado aponta três questionamentos à fala de Singer:

1. “Acho que é um erro identificar qualquer planejamento centralizado com o planejamento total das decisões da economia, e, em consequência, com um planejamento totalitário” (p.53);
2. Na questão de como ‘lutar pelo socialismo’, Paul Singer insistiu muito na

afirmação de que o mercado deve ser instituição permanente no socialismo” (p.54);

3. Sobre os “implantes socialistas econômicos”: “Antes de mais nada acho que a expressão ‘implante socialista’ é boa, e que é útil dar este nome a formas de organização e a instituições que se orientam para a satisfação de necessidades sociais e se contrapõem à lógica do mercado capitalista. Por outro lado, ao mesmo tempo acho que é eixo de nossa estratégia, acredito que ‘implantes’ têm uma fragilidade básica: seu caráter estará sempre em risco enquanto estiverem no interior do capitalismo. Estão permanentemente sujeitos à descaracterização” (p.57).

Machado levanta uma Hipótese: “É que a coisa mais efetiva que pode acontecer, para dar mais força a essas experiências desse tipo, para que tenham mais chances de sobreviver como formas de organização com caráter socialista, com caráter solidário, para que contribuam para a superação do capitalismo, e **a existência de um movimento político-cultural socialista amplo, que lhe sirva de referência, e no qual se integrem**” (p.59. **Grifos nossos**).

No item sobre as lutas, Machado assinala três formas:

“Creio que podemos falar de três tipos de lutas que podem ser desenvolvidas hoje, ou seja, **ainda dentro do capitalismo, e que podem reforçar ‘implantes socialistas’ e colocar a luta pelo socialismo em um patamar superior**” (grifo nosso).

O primeiro é o que discuti um pouco, a luta pelo desenvolvimento de formas de “economia solidária”;

O segundo tipo mencionado também por Paul Singer na sua exposição, sem desenvolvê-lo muito. É a luta por mudanças na relação capital-trabalho nas próprias empresas capitalistas, no sentido de ampliar os direitos dos trabalhadores e de questionar o exagero de ‘direitos’ que a propriedade confere ao capitalista;

O terceiro tipo são lutas para mudar o caráter do Estado, para democratizá-lo e criar cada vez mais **formas de participação popular e de controle social sobre seu funcionamento**. O Orçamento Participativo é até agora o melhor exemplo de um ‘implante socialista’ deste tipo” (grifo nosso);

Na sua conclusão, sobre as vantagens da estratégia de construir os ‘implantes socialistas’ dentro do capitalismo, e a proposta de construir de baixo para cima um movimento pelo socialismo, Machado afirma que “torna possível, se chegarmos a governos

municipais, estaduais, ou ao governo nacional, defendermos e implementarmos desde o início medidas pensadas como já tendo um caráter socialista” (p.62)

Por último, declara bastante curiosa a ideia de Singer de ‘defesa de um parlamento econômico’. Ressalta sua divergência com Singer: “acho que ele termina atribuindo ao mercado um papel que certamente não pode cumprir” (p.63-64).

7. Utopia militante (2000)

Na Introdução, Singer põe o desafio:

Este livro surgiu da preocupação de reconceituar a revolução social socialista e de reavaliar suas perspectivas e possibilidades, face às vicissitudes do capitalismo e do movimento operário nos anos finais do século e do milênio.

E retoma sua permanente crítica ao ‘socialismo realmente existente’: “A preocupação se origina do fracasso histórico da tentativa de alcançar – ou ‘construir’ - o socialismo através da estatização dos meios de produção e da instituição do planejamento centralizado da economia” (p.).

Retoma uma de suas Oito hipóteses: “A experiência fracassada revitalizou a hipótese de que o socialismo, enquanto modo de produção, teria de ser desenvolvido ainda sob hegemonia do capitalismo”.

E define sua ideia luxemburgista do socialismo:

Como um modo de produção subordinado, integrando a formação social capitalista (o esquema conceitual a respeito das formações sociais como complexos articulados de modos de produção, dos quais um é hegemônico e por isso determina o caráter da formação social” (p.)

E, como conteúdo do socialismo: “A essência do socialismo, enquanto modo de produção, é **a organização democrática de produção e consumo**, em que produtores e consumidores livremente associados...” (p. **Grifos nossos**).

Mais outra hipótese: ” Evidentemente, a transferência do **controle dos meios de produção** aos trabalhadores, para ser autêntico, não pode ser decretado de cima para baixo, mas **tem de ser conquistado de baixo para cima**, dentro do capitalismo”;

E, mais outra hipótese: “E esta conquista não pode deixar de **levar muito tempo, pois**

implica em verdadeira revolução cultural protagonizada pelos trabalhadores... É por isso que se tornou necessário separar o conceito de **revolução social** do de “revolução política” (grifos nossos).

Põe mais uma vez como um erro, a tática de que a revolução social socialista seria realizada via uma única revolução política, o socialismo começaria com a ‘tomada do poder’.

E, fecha a Introdução, com um tipo de “aposta pascalina” (Michael Lowy):

Como estamos longe de ter no mundo formações sociais em que o modo de produção socialista seja hegemônico, a implantação de cooperativas e outras instituições de cunho socialista é **um processo que poderá ou não desembocar numa revolução social socialista**. Trata-se, portanto, de uma **revolução social em potencial**, cuja culminação ou ‘vitória’ é uma possibilidade futura. “Na linha de Ernst Bloch, uma Utopia Concreta em um mundo gravido de possibilidades/esperanças! São os ‘implantes socialistas’ (p. grifos nossos).

Em seguida, as partes I, II e II do livro retomam questões que Singer já abordou nas obras anteriores. Para nosso objetivo, vamos direto a parte IV. Singer afirma, na Introdução, que esta parte IV “forma um ensaio escrito depois e independentemente das três anteriores”. A parte IV intitula-se “revoluções e contrarrevoluções: a saga do capitalismo contemporâneo”.

Na parte IV, Singer trata do tema “Formação social, modos de produção, infra é superestrutura”. Por aqui percebemos a importância de sua ideia, extraída de Rosa Luxemburgo da “Acumulação de Capital”: capitalismo é simultaneamente um modo de produção e uma formação social. Esta contém vários modos de produção, sendo que o capitalista é o maior e o hegemônico” (p.137).

E Singer volta a enumerar alguns; “a produção simples de mercadorias; a produção pública; a produção doméstica; a produção cooperativa. “Os modos de produção funcionam, lado a lado, intercambiando produtos e competindo entre si” (Idem)

Esta é sua tese principal, a base de seu arcabouço teórico, não é apenas mais uma Hipótese!

Portanto, temos **uma tese** e oito **hipóteses!**

Por sua vez, “os modos de produção em conjunto formam a infraestrutura econômica da formação social-capitalista. As relações sociais que se estabelecem entre os produtores e consumidores, inseridos nos diversos modos de produção, são regulados por normas, leis e valores derivados de estruturas legais, políticas e culturais que formam a superestrutura”. (p. 139)

E que “A infraestrutura é basicamente movida pela dinâmica do capital e é possível dizer que a superestrutura recebe os impactos das revoluções tecnológicas e seus resultados, que atingem de modo diferente cada classe social e suas várias frações”. (p.140)

Singer analisa o desenvolvimento do capitalismo até a época recente neoliberal. No final do livro fala do ‘ressurgir do cooperativismo e do que genericamente se chama **“economia solidária” como resposta à crescente exclusão social produzida pelo neoliberalismo**” (p.181. Grifos nossos).

E, uma advertência: “estas formas reativas, abandonadas a si, tendem a ficar marginalizadas, por terem pouca significação social e pequeno peso econômico. ” E, assinala um ‘dilema histórico’: **“ou a liberdade do capital destrói a democracia ou esta penetra nas empresas e destrói a liberdade do capital”** (p.182. Grifos nossos).

8. Introdução a economia solidária (2002)

Nesta obra Singer singulariza sua visão de socialismo/autogestão em termos da economia solidária. Apresenta os fundamentos, a história, um panorama e, no último capítulo, “Presente e futuro”. Nos capítulos anteriores retoma as questões que desenvolveu nas obras anteriores. No capítulo final, trata da ‘reinvenção da economia solidária no final do século XX.

A essa reinvenção chama de “novo cooperativismo”: “O que distingue este ‘novo cooperativismo’ é a volta aos princípios, o grande valor atribuído à democracia e à igualdade dentro dos empreendimentos, a insistência na autogestão e o repúdio ao assalariamento” (p. 111). Esta mudança busca responder a dois aspectos da crise dos movimentos políticos de esquerda.

A primeira, foi a crise dos Estados do ‘socialismo realmente existente’ da Europa oriental, que estourou em 1985 com a Perestroika e a Glasnot na URSS e culminou com o fim da URSS em 1991. A própria Iugoslávia teve o mesmo destino.

Outra transformação estrutural foi o semifracasso dos governos e partidos da socialdemocracia na Europa e também na América Latina.

As duas transformações subverteram a concepção (até então amplamente dominante) de que o caminho da emancipação passa necessariamente pela tomada do poder de Estado. O foco dos movimentos emancipatórios voltou-se então cada vez mais para a sociedade civil”. Aponta a questão do ‘resgate da dignidade humana de grupos oprimidos e discriminados **de que o zapatismo mexicano talvez seja o paradigma** e a **promoção de comunidades** renovam suas tradições culturais”. E, arremata: É neste contexto que se verifica a reinvenção da economia solidária. (P. 112. Grifos nossos).

Aqui, vimos que Singer aponta novos paradigmas, tipo o neozapatismo que ressurgiu com a revolta de Chiapas em janeiro 1994, e as Comunidades tradicionais. É uma questão que não pode desenvolver posteriormente. Mas, que está intrinsicamente relacionada à ideia de Rosa sobre a coexistência dos modos de produção, o pré-capitalista, as comunidades ancestrais, as comunas.

Afirmando que a economia solidária depende de apoio do Estado e do fundo público, Singer enfatiza alguns princípios para estas comunidades: ” para ‘construir uma economia solidária depende primordialmente ela mesma, de sua disposição de aprender e experimentar, de sua adesão aos princípios da solidariedade, da igualdade e da democracia e de sua disposição de seguir estes princípios na vida cotidiana etc.’” (p.112). Vemos mais uma vez a ideia de que a economia solidária é um ‘ato pedagógico’ quando fala em “ Experimentar e aprender”!

Sobre as perspectivas da economia solidária, Singer traça alguns pontos: “A reinvenção é tão recente que se torna arriscado projetar a sua tendência de crescimento acelerado para o futuro “. Pergunta-se sobre o futuro do trabalho para próximas décadas, com muito desemprego na periferia do sistema.

Quais as consequências? Aponta duas vias:

1) “Isto significa que se a economia solidária for apenas uma resposta às contradições do capitalismo no campo econômico seu crescimento poderá se desacelerar no futuro e, pior, ela não passará de uma forma complementar da economia capitalista” (p.114)

2) “Há, no entanto, uma outra alternativa. A economia solidária é ou poderá ser mais do que mera resposta...Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: **uma alternativa superior ao capitalismo**” (grifos nossos).

Para Singer, os ‘socialistas utópicos’ conceberam a economia solidária como ‘uma nova sociedade que unisse a forma industrial de produção com a organização comunitária da vida social” (p.115). E volta a falar de Owen.

Passa então a abordagem do tema do “Modo de Produção Intersticial”. Fornece outra vez o exemplo de crescimento de Mondragon.

Era o início da ecosol, com poucas experiências no campo das Moedas Solidárias. Singer faz uma crítica a ideia de ‘consumo solidário’, pelo risco de levar ao ‘isolamento’. E, a ideia de E. Mance de ‘redes solidárias com base em cadeias produtivas’. O risco estaria que o ‘consumo solidário’ pode ser limitado ‘a consumidores solidários ricos e caridosos’, porque ‘protegeria pequenas unidades solidárias de produção’. Esse tema foi superado com as experiências de redes.

Para Singer, a economia solidária só se tornará uma alternativa superior ao capitalismo quando ela puder oferecer a parcelas crescentes de toda a população oportunidades de auto sustento, usufruindo o mesmo bem-estar que o emprego assalariado proporciona” (p. 120-121)

Finaliza seu livro por uma aposta no êxito de experiências “como a da região de Catende, no sul da zona da mata pernambucana se encontra em autogestão desde 1995”.

Escrevendo em 2002, um ano antes de assumir a SENAES, Singer diz que “No Brasil, a reinvenção da economia solidária é recente, mas apresenta grande vigor e notável criatividade institucional” (p.121).

Gostaria de ressaltar, talvez a única tentativa, de sistematizar as ideias de Singer sobre o socialismo/autogestão. Trata-se da ‘síntese da tese de doutorado’, de Pedro Claudio Conca Bocaiuva: “As metamorfoses do trabalho e da cooperação produtiva: a economia popular e solidária na perspectiva da nova centralidade do trabalho” (FASE.2007).

No capítulo três, “Economia Solidária: uma transição socioeconômica socialista”, Conca analisa a obra de Singer “Utopia Militante”. Tentemos uma síntese das ideias desenvolvidas por Conca.

“Na visão de Singer ‘a revolução industrial só poderia ter nascido em atividades que por serem novas, marginais, pouco importantes não estavam dominadas pelos interesses estabelecidos. É isso o que quer dizer a tese de que o capitalismo se desenvolveu nos interstícios do velho sistema”. Assim, “A teoria sobre a transição dos modos de produção é tributária desta análise da gênese do capitalismo(...)Tal perspectiva, como ponto de partida da análise, permite ressignificar a questão da emancipação e centralidade do trabalho, na reflexão sobre caminhos para o modo de produção do trabalho associado” (p.88).

Os conflitos no mundo do trabalho, surgidos dentro da crise e reestruturação do capitalismo nos anos 70, permitem uma nova possibilidade de transição. “Cabe-nos detectar os elementos que possam se converter em fator geral de uma nova transição no modo de produção. O que, por sua vez, está no coração do projeto da economia solidária, particularmente quando formulado a partir do desenvolvimento da noção de revolução social socialista” (p.89).

Para Cunca, “A revolução social socialista é uma definição lapidada por Paul Singer para produzir uma síntese e um resgate daquele processo sob a ótica da economia solidária”(…). Assim, a teoria da transição socialista pela via da economia solidária visa potencializar a reflexão e a prática para uma ruptura sustentada de longo prazo, que assuma a feição de uma revolução diretamente social para um modo de produção baseado na cooperação e autogestão do trabalho vivo associado”, conclui Cunca (p.89-90).

Cunca mostra como Singer, analisando no período histórico das lutas dos trabalhadores, entre 1780-1880, destaca uma das formas: o desenvolvimento de formas de organização autônoma de caráter anticapitalista, como o sindicalismo e o cooperativismo” (p. 90...). Nesse sentido, ” Os experimentos de Owen foram a primeira manifestação da ideia do comunismo como “socialização da riqueza por formas de autogoverno dos trabalhadores, abolição da propriedade privada e a substituição da moeda por um bônus de trabalho” (p.91).

Cunca, na parte principal do capítulo, aborda as três dimensões da revolução social socialista.

Singer, parte da análise das experiências anticapitalistas da Europa; no caso da Inglaterra ‘o projeto alternativo de sociedade está baseado na ‘aldeia cooperativa’, na luta pela democracia e na criação de sindicatos e cooperativas. Portanto, prossegue Cunca: “A construção da economia solidária se sustenta, portanto, em três dimensões:

- 1) os implantes de autonomia dos trabalhadores com suas organizações, que operam no espaço sócio produtivo vigente;
- 2) a organização política e a participação no processo democrático de construção de direitos econômicos, sociais e culturais;
- 3) a formulação de um projeto tendente a uma sociedade de produtores associados” (p. 96)

Nessa estratégia, prevendo os limites e entraves dos ‘implantes socialistas”, Cunca põe

que “Se, no longo prazo, colocamos a economia solidária como instrumento necessário da revolução social socialista tendo em vista a centralidade ontológica da questão sócio-produtiva, a ação anticapitalista da classe trabalhadora deve evitar o economicismo e o estatismo e colocar o acento na radicalidade democrática como motor da transformação social” (p.97-98).

Nesse sentido, a revolução social socialista tem por base, três dimensões: Estado e democracia; autonomia organizativa dos trabalhadores; e, projeto de sociedade igualitária. A revolução social socialista se constrói pela democratização, através de ‘impulsos criativos de autogestão e emancipação do trabalho pela cooperação’ (p. 100).

Cunha aborda outro tema muito importante nas ideias de Singer, a saber: “A reforma intelectual e moral necessária para realizar o processo de socialização se ambienta na combinação dialética entre os implantes socialistas e a sustentação dos valores da democracia, do cooperativismo e da autogestão” (Idem).

Essa possibilidade de transformação social, “exige a experimentação prática coletiva com a afirmação de um terreno sólido para o socialismo” (Idem). Assinalando que para Singer a “revolução social socialista é um processo em curso há mais de dois séculos (...) diz que os ‘implantes socialistas no capitalismo resultam de algo como um processo de tentativas e erros (...) são o resultado de um amplo processo de lutas em que se atravessam as estratégias de reforma e revolução...” (p.101).

8. Período da SENAES (2003 – 2016):

Três ensaios são fundamentais para este novo período da obra de Paul Singer:

1. É possível levar desenvolvimento a comunidades pobres / 2004
2. Um novo projeto para o Brasil/2004
3. A construção da ecosol como alternativa ao capitalismo/ 2013

Vamos pôr em primeiro lugar um Projeto mais **geral**, o ensaio sobre “A economia solidária como alternativa ao capitalismo”, escrito em 2013. Ele traça uma visão de conjunto das ideias de Singer. Possivelmente o último ensaio que escreveu sobre o socialismo/ autogestão.

Em seguida, um Projeto mais particular, o ensaio “Um novo Projeto para o Brasil”,

2003/2004, pois aponta uma proposta de perspectiva de sociedade, e inclui a economia solidária como alternativa.

Por fim, um Projeto mais singular, o ensaio do campo de Políticas Públicas, “É possível levar o desenvolvimento a comunidades pobres? ”, datado de 2004.

1. “Um Novo Projeto para o Brasil “ (2004)

O golpe de 2016 teve por centro o desmonte dos direitos inclusos na Constituição de 1988, que foi resultado de um ciclo de avanços das lutas sociais, um ciclo de fluxo. Vários Direitos foram contemplados na nova Constituição. Todavia, no campo econômico, nenhum direito em relação à cogestão, autogestão, propriedade social, que seriam fundamentais para a economia solidária. Os movimentos sociais, sobretudo, o operário sindical não teve forças para inclui-los.

O ensaio de Singer é sobre ‘Um novo projeto para o Brasil’, e começa exatamente pela pelo processo de ‘redemocratização’ que nos levou a Constituição de 88. Assinala um ‘ciclo de refluxo’ de caráter autoritário “que eliminou as instituições democráticas durante os 10 anos (1968-1978) mais repressivos do regime militar”.

O ‘ciclo de fluxo’ das diversas lutas sociais, nos 10 anos seguintes (1978-1988), foi marcado por práticas de caráter auto gestor, tipo comissões de fábrica, greves com ocupação, orçamento participativo, etc.

Singer: “Um Novo Projeto para o Brasil”

A partir das ações da SENAES e do Governo, Singer vai traçando os diversos pontos de um “Novo Projeto”.

Singer ressalta o ‘Orçamento Participativo’, como a maior conquista, praticado em inúmeros municípios e estados. “É uma prática que já se estende por quase uma década e meia...Combina de formas engenhosas (plurais, pois cada prefeitura inventa sua metodologia) a representação indireta parlamentar com a direta, exercida por delegados escolhidos por **comunidades locais** e movimentos setoriais” (grifos nossos).

Destaca neste processo:

A participação popular...A massa dos cidadãos se educam politicamente ao tomar conhecimento da população e dos escassos recursos disponíveis para atendê-las. O orçamento participativo, assim como outras formas de participação cidadã, fortalece a democracia ao **educar a população** para se organizar e intervir coletivamente no processo político” (**grifos nossos**).

No campo da Justiça Social, ‘a ação multiforme’ de diversas organizações e grupos: reforma agrária e redenção da agricultura familiar e ecológica; recuperação do extrativismo mineral, vegetal e animal mediante regulamentos públicos que **preservam os recursos naturais das atividades predatórias**; apoio a incubação de cooperativas operárias que assumem as massas falidas das empresas em que trabalhavam e as reabilitam mediante a prática consistente da autogestão”.

Ressalta a ‘mobilização das Comunidades”, com destaque para a “Campanha FOME ZERO” ...Um dos caminhos mais fecundos para conquistar mais justiça social é a ação da Igreja junto a Comunidades pobres, para que se auto-organizem tendo em vista gerar trabalho e renda. São exemplos os acampamentos dos Sem-Terra e as ocupações de terras improdutivas...assim como a ocupação em nossas cidades, de prédios vazios por movimentos dos Sem-Teto; destaca a coleta seletiva de lixo por cooperativas .

No campo das finanças solidárias, Singer aponta o projeto “Banco Palmas”, ‘inventado e desenvolvido pelas Comunidades pobres em Fortaleza, “demonstra como a auto-organização comunitária (inspirada nas Comunidades de Base) combate à pobreza; o “Banco Palmas” combina de forma original o microcrédito com o ‘clube de trocas’. Foi criada uma ‘Incubadora’ para acompanhar cooperativas formadas pela Comunidade.

A “Campanha da Fome Zero” combina a distribuição de dinheiro para aquisição de alimentos com ações emancipatórias, qualificação profissional dos beneficiários e apoio à formação de associações produtivas e cooperativas.

Conclui seu Projeto: “Em suma, as opções pela democracia, pela justiça social, pelo desenvolvimento pleno e pela inserção autônoma na economia global se combinam num novo projeto para o Brasil, que tem lógica. A democracia participativa é essencial para a luta pela justiça social” (p.).

2- É possível levar o Desenvolvimento às Comunidades pobres?

-No segundo ensaio, Singer avança a ideia de ação nas Comunidades pobres. Em “É possível levar o desenvolvimento a Comunidades pobres? ”, aborda as Comunidades pobres no capitalismo do século XXI. Retoma um tema que foi constante na ação da SENAES, desenvolvimento solidário (em alternativa ao desenvolvimento capitalista). Por exemplo, a publicação “Ensaio” (Almedina,2018) traz um longo texto de Singer, contrapondo as duas formas de desenvolvimento” no qual analisa a experiência dos “Distritos Industriais”, ‘equivalente a uma grande empresa em rede’, da chamada Terza Itália retoma a experiência de Mondragon (Almedina.p.85/103).

Singer define algumas linhas:

O desenvolvimento é o da comunidade como um todo, não de alguns de seus membros apenas”. Os grandes meios de produção –silos ou armazéns, frotas de veículos, edificações e equipamentos para processamento industrial, redes de distribuição de energia, etc. – têm de ser coletivos”. “Os novos ramos produtivos têm que permitir que todos participem, enquanto produtores e enquanto gestores do processo produtivo”. “O desenvolvimento solidário tem de ser financiado com juros generosamente subsidiados e longos períodos de carência; o custo de assistência ao crédito tem de ser coberto por recursos públicos, a fundo perdido(idem.p.2008)

Em sua dinâmica, “O desenvolvimento exige que a comunidade encontre (com a assistência dos agentes de desenvolvimento) uma brecha de mercado, que permita que seus membros produzam algo que lhes proporcione ‘boa remuneração’.

-O.Fals Borda : Educação, território e comunidade

Antes de avançarmos com as idéias de Siger , vejamos alguns elementos da obra de Orlando Fals Borda no que diz respeito à educação e Comunidades, porque tem grandes afinidades com a ideia de Singer sobre os “Agentes de desenvolvimento”, que trataremos logo a seguir.

Borda, desenvolveu uma teoria ontológica e epistemológica da **comunidade como objeto de saber e práxis**; desde o final dos anos 50, ele teve como ação o espaço comunitário. Traz uma característica importante, sua obra é elaborada com apoio na pesquisa popular, pois foi o fundador da “Investigação Ação-Participativa”. De certa forma, elaborou uma ideia de agentes de desenvolvimento comunal/solidário, e nesse ponto, suas ideias portam afinidades com as de Singer sobre o papel dos agentes de desenvolvimento solidário .

Borda trata do ‘comum da vida humana’, tema muito próximo as ideias de Bartra, Zavaleta e Echeverria, ou seja, o ‘valor de uso’ na vida humana. Sua ontologia humana, caracteriza o ser humano como ‘natural e necessariamente gregário’, tomando-a como princípio em seus trabalhos teóricos e práticos com as comunidades, sobretudo, rurais, oprimidas, silenciadas e exploradas. Na verdade, é o núcleo central de sua obra.

Fals Borda realizou diversas pesquisas empíricas; são exemplos, suas obras “Campeiros em los Andes” (1961) e “El Hombre y la tierra em Boyáca” (1957). Em 1957 fundou uma primeira Junta Comunal e uma Escola Comunal. Seu trabalho foi exposto no texto “Ação comunal em uma vereda colombiana” (1961). Como consultor da OEA, entre 1959 e 1961 foi designado para o Ministério Agricultura do Brasil.

Onde pensava em realizar reforma agrária por via do Estado, através de cooperativas agrícolas como meio para autonomia das comunidades camponesas e indígenas e uma mudança cultural da propriedade comunal.

Já em sua Tese doutoral “El hombre y la tierra em Boyacá’ (1957), pode-se ver uma ontologia do ser humano em geral e de como configurar a comunidade. Esta sempre tem sua origem nas relações entre o Homem e a Terra. A vida em Comum, só pode existir em um território compartilhado. A civilização foi produto da vida em Aldeias comunais.

Enfim, a Forma Comunidade, a reprodução social-natural, a Comunidade viva e concreta. Seu objetivo foi de fortalecer a vida em comum e o espírito comunal .

Ação comunal nos territórios

Deste modo, a Ação Comunal pode se dar tanto na Comunidade com intervenção externa, via Estado, tipo políticas públicas, ou em Comunidade tradicional autogerida, articulada com movimentos sociais para se defender. Em Borda há a combinação de uma visão nostálgica e tradicional com uma visão progressista e moderna, em que a Comunidade é elemento revolucionário sócio-político.

Para Borda, a ação comunal opera em três grupos “ecológicos locais”, a Comunidade, é o grupo ecológico maior; a Vizinhança e, a família, todos com base territorial. Assim, a

Comunidade é um conjunto de vizinhos que interagem e com laços de coesão; A vizinhança é um conjunto de diversas famílias distribuídas em um certo espaço e a família é ‘o menor grupo ecológico humano ou sociedade.

Este sistema ecológico está assentado em formas de povoar, ter e usar a terra. A Comunidade para se desenvolver requer uma ‘consciência de grupo’, uma ‘identidade de propósitos’ e, um alto nível de **coesão comunal**. Um consenso do que é o ‘bem comum coletivo’, uma ‘identidade de grupo’, entusiasmo pelos objetivos comuns, pela ajuda mútua, uma consciência de comunidade, um eu coletivo, uma identidade espacial e um espírito comunal.

São os elementos psicológicos que além do território mantêm e perpetuam a comunidade, um componente imaginário e outro organizativo. A imaginação traz o passado ao presente um passado compartilhado para construir uma história, consciência, identidade e memória coletiva, já a organização permite decidir a união com o fim de viver o presente em torno a um projeto grupal. A memória social é instituída e permite reforçar o espírito comunal. A Comunidade é tanto territorial quanto imaginada e organizada.

Em “Conocimiento y Poder popular” (1985), Borda nos dá uma bela definição desse sistema ecológico:

Os processos culturais do magma do povo, como sujeito ativo, permitem recolher o conhecimento popular nesse amplo recipiente onde se ‘cozinham’ e refundem os incríveis recursos de resistência que caracterizam as lutas dos três países. Os sentimentos, a imaginação, e o sentido de humor lúdico constituem fontes inesgotáveis da resistente personalidade da gente comum. Estes três elementos têm uma base comum que não é possível desprezar para fins de mobilização e criação do **poder popular** em nossos países: as crenças religiosas” (1985.p.108).

Na Comunidade, os imaginários se manifestam e materializam em atividades econômicas que permitem satisfazer as necessidades das comunidades e em práticas. Em relação ao papel do Estado em relação as comunidades, além da necessidade de articulação, cooperação e interação, Borda abordou a possibilidade de ‘uma política de desestatização paulatina (diminuição do papel do Estado) à medida que os órgãos de massa se tornam sujeitos ativos do processo de transformação social” (Idem.pg 77).

Seria, então, um Estado que nessa relação com a Comunidade favorece o surgimento

de uma **democracia direta autogestionária** (grifos nossos). E, a Comunidade organizada nesse sentido, geraria suas próprias ferramentas para assumir seu próprio Poder popular, gerar contrapoder político.

O papel dos agentes externos na autonomia da comunidade, pode ser de intelectuais orgânicos, agentes estatais, ativistas comprometidos com as necessidades comunitárias. Combinar a teoria com a prática e a sabedoria que vêm das várias fontes, uma aliança ideológica de compromisso mutuo entre a população local e os agentes externos.

Em suma, a Comunidade só existe em um território, com imaginários coletivos e um projeto comum. Na ontologia de Borda, o **trabalho** é a atividade pela qual a comunidade se relaciona com a Terra e entre si mesma. Como atividade geradora de sentido, o trabalho é central na instituição da cultura, os modos de vida, organização do tempo comunitário e de expressão dos imaginários sociais. Percebe-se uma visão **teleológica** das práxis comunitárias, que implica a busca do Comum.

Deste modo, a práxis comunitária, que inclui o trabalho e o projeto comunitário, reconstrói dia a dia o mundo da comunidade.

Voltemos a Singer e a sua ideia central: “os **agentes de desenvolvimento**:

O processo de desenvolvimento requer um **relacionamento simbiótico** entre comunidade os profissionais que estamos denominando ‘agentes de desenvolvimento’. Estes representam bancos públicos, serviços públicos (como Sebrae ou SESCOOP), agências de fomento da economia solidária, ligadas a Igreja, sindicatos ou universidades ou então movimentos sociais

A missão inicial dos agentes é levar à comunidade...a consciência de que o desenvolvimento é possível pelo esforço conjunto da comunidade, amparado por credito assistido e acompanhamento sistemático (incubação)(p.210-211) ”.

Define a pedagogia em questão:

Esta consciência é levada então ao conjunto da comunidade, o que deve desencadear um processo educativo ou de educação política, econômica e financeira de todos os membros. Trata-se de capacitação adquirida no enfrentamento dos problemas reais, à medida que eles vão se colocando (p.211)

Sobre os Coletivos Populares:

No decorrer do processo, instituições vão surgindo por meio das quais a comunidade se organiza para promover o seu desenvolvimento: assembleias de cidadãos, comissões para diferentes tarefas, empresas individuais, familiares, cooperativas e associações de diferentes naturezas. O poder público local poderá se associar ao processo e se fazer representar, quando necessário, em comitês mistos públicos-privados (idem)

Sobre a troca de saberes:

O relacionamento entre a comunidade e os agentes deve se tornar crescentemente igualitário, mediante a contínua troca de saberes. Nesta troca, os membros da comunidade recebem ensinamentos e os oferecem aos agentes, num processo de educação política mútua (idem).

Estes agentes serão educados para estas tarefas.

O ideal é que a preparação se faça em equipe...também aqui a pedagogia da capacitação será possivelmente a mais adequada: treinamento teórico entremeadado por idas à comunidade, onde a luta com os problemas reais levantará novos temas a serem destrinchados depois, no estudo teórico (idem)

Sobre as estruturas de formação:

Conviria criar um **centro nacional de preparação de agente de desenvolvimento**, em que os conhecimentos gerados pelas experiências de desenvolvimento comunitário, nas diversas regiões do país, possam ser reunidos e sistematizados (p. 211-212)

Os métodos de promoção não podem ter a pretensão de oferecer um caminho único ou a “melhor prática”, pois cada comunidade é única em suas potencialidades.

Sobre a coordenação comunitária em REDES/Cadeias:

O pequeno tamanho da comunidade pobre e o seu relativo isolamento fragilizam

suas possibilidades de se desenvolver por meio próprio (com apoio público). Um Centro nacional de preparação de agentes de desenvolvimento poderia promover entrosamento das comunidades...**uma federação de comunidades** com a mesma especialização, seja ela agricultura, artesanato, turismo ou o que for, configura o que hoje se conhece como **arranjo produtivo local** (...). O centro nacional poderia colocar as comunidades, com possibilidades de se federar, em contato e os agentes de desenvolvimento as assistiriam na construção de APLs (p.212)

Para Singer, a Internet facilitaria a articulação de comunidades com proximidade geográfica.

“Comunidades com especializações complementares –tecidos, confecções, produtora de rações e criadoras de animais etc.- teriam boas razões para se federar...O Centro nacional de preparação poderia criar **espaço de negociação**” (p.212)

Singer avança para ideia de criar uma **Sinergia** que articule as atividades da União/ Governo federal, em um único centro, com diversos Ministérios. Garantindo a autonomia das comunidades, em nível municipal e estadual, seria iniciativa do poder local. Um Grupo de Trabalho Interministerial seria responsável do apoio federal sistematizado e coordenado.

Aqui Singer encerra seu ensaio. A passagem desta proposta à Política Pública de educação da economia solidária se materializou na fundação da REDE CFES E no campo interministerial foi tentada com a ideia do então ministro Gushiken de criar um campo de sinergia articulando todos os agentes de políticas públicas, na Saúde, na educação, na Economia solidária etc.

Gushiken expôs esta ideia na publicação “Brasil em três tempos”, que pensava um projeto de longo prazo, até o ano de 2022 (bicentenário da Independência). Na SENAES o Programa de Desenvolvimento Local, com base em agentes, foi uma experiência nesse sentido, e depois o Projeto “Brasil Local. ”

Podemos apontar que as ações do GRUPO TALHER, ligadas ao Programa “FOME ZERO” em seu início, portavam estas potencialidades, com construção de Comitês Populares nos Municípios mais pobres, para o controle social e popular dos recursos do programa. Nesse sentido, Talher e SENAES se articularam para o processo educativo dos Comitês nestes municípios.

O programa sobre Rede de “Empresas recuperadas” “tinham o mesmo sentido. Programa coordenado por Dione Manetti e Jorge Nascimento, que traziam a experiência realizada na SEDAI, no Governo Olívio Dutra entre 1998 e 2002. Uma ação foi fundamental

nesse sentido: o 1º Seminário nacional de Autogestão, realizado em dezembro 2003 em Joinville, em parceria com o MST, a ADS-CUT e ANTEAG, e como forma de apoio à CIPLA, empresa sob ocupação dos metalúrgicos.

Os Programas de REDES Solidárias, primeiro com o Instituto Paulo Freire, com base em um Planseq (2006), depois as duas experiências com a ADS-CUT (2014-2016), foram pequenos exemplos.

Na verdade, significaram pálidas tentativas, pois precisariam de outro tipo de apoio de governo, e de sustentação do movimento social. A ecosol, para avançar na perspectiva traçada por Singer em suas obras, ou seja, de ‘uma alternativa ao capitalismo’ no sentido socialista, demanda um forte movimento de base, e apoio e sensibilidade de um governo democrático.

3. Enfim, o terceiro ensaio de Singer: “Economia solidária como alternativa ao capitalismo” (2013)

É um longo ensaio de quase 20 páginas. Foi reproduzido no livro “Ensaio” (Almedina.2018), e já tinha sido publicado no livro organizado por J.L. Coraggio, “Economia social y solidária en Movimiento” (Buenos Aires.2016), desta vez, com assinatura de Singer e Valmor Schiochet, e, por último publicado na França, na obra coordenada por Coraggio/Laville, entre outros, “Movimentos sociaux et économie solidaire”, 2017. Mas, com o título de “Èconomie solidaire et Parti des Travailleurs au Brésil”, reduzido a cerca de 10 páginas.

Neste ensaio Singer retoma as questões já abordadas nas obras citadas anteriormente, ou seja, as origens do socialismo, Marx, a Comuna de Paris, o cooperativismo, a experiência da Iugoslávia, as várias lutas no ano de 1968, o socialismo real, uma parte mais ampla sobre ‘a repercussão da revolução do Solidarnosc no Brasil’, e, na parte final, aborda o ‘socialismo petista’. Vamos concentrar nossa atenção neste último ponto.

O Socialismo Petista

Singer inicia sua análise caracterizando o momento da fundação do PT:

A fundação do PT no Brasil, em 1980, vai contra a corrente do colapso perante o

neoliberalismo da esquerda democrática na União Europeia, nos EUA e em países da América do Sul, ao levantar a bandeira da luta por um socialismo humano e absolutamente democrático”. E recorre à Lula da primeira Convenção nacional de 1981: “O socialismo que nós queremos irá se definindo nas lutas do dia-a-dia, do mesmo modo como estamos construindo o PT. Ele terá de ser a emancipação dos trabalhadores. E a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores (p.142-143).

Singer aponta elementos do socialismo auto gestor.

Ressalta o item 46 da resolução do 5º encontro nacional 1987:

A ausência da democracia, do direito à livre organização dos trabalhadores é contraditória com o socialismo pelo qual lutamos. Ainda mais quando sabemos, a partir de várias experiências históricas, que essa ausência foi alçada a quase que um princípio permanente, cujas consequências podem ser vistas hoje, num certo impasse que vivem vários países que fizeram a revolução e que está na base, por exemplo, da luta dos trabalhadores poloneses em torno do Solidariedade, que o PT tem apoiado (p.143).

E, acresce que:

“Vale notar, que o apoio à luta do Solidariedade polonês implica, **se não um compromisso ainda, numa inclinação do PT ao socialismo autogestionário** reivindicado por aquele famoso sindicato” (idem.).

Em 1991, no 1º Congresso do PT aponta o item 100 da Resolução:

“Para o PT, o socialismo deve ser também a socialização dos meios de governar, a descentralização do poder e, principalmente, o reconhecimento do direito à diversidade política, cultural, étnica, sexual e religiosa” (P 144.).

E sobre as formas de gestão da economia, “o PT entende que é preciso estimular o planejamento estratégico e democrático do desenvolvimento, diversificar as formas de propriedade, gestão e controle social, combinando diferentes formas de propriedade (coletiva, social, pública, particular, mistas) privilegiando as formas de propriedade de caráter social e estabelecendo limites à propriedade individual (...); diferentes formas de gestão econômica (autogestão, direção pessoal ou coletiva, mistas) e várias formas de controle social (sindical, popular, estatal (...)) fortalecer o controle da sociedade civil sobre o Estado também no terreno econômico, impulsionando a socialização e a democratização do Estado e o desenvolvimento das esferas públicas no âmbito da própria sociedade civil (p.144).

Para Singer, o PT só assume a economia solidária no seu 1o Congresso em 1991, e, ‘na forma de uma cogitação teórica no quadro da discussão do socialismo petista’. Após a crise do ‘socialismo real’, em 2000, ocorre o debate no interior do PT sobre o socialismo. Singer nota que “Como seria de se esperar, o socialismo auto gestor, já então sendo identificado como a economia solidária, foi objeto de debate pelos dirigentes do partido”. (p. 147). Já falamos da apresentação de Singer nesse debate (livro “Socialismo petista” /2000).

Nas edições argentina e francesa, Singer finaliza com uma de suas ideias constantes sobre o socialismo:

“O PT não se bate por uma economia de cooperativas autogeridas como ‘alternativa econômica’ porque seu projeto para o Brasil se caracteriza fundamentalmente pelo direito à liberdade dos atores econômicos no contexto de uma democracia participativa” (Idem. p.362).

Esta ideia é um **leimotiv** na obra de Singer. No ensaio publicado na coletânea da Almedina (2018), Singer reafirma:

Mas a construção de uma economia solidária, efetivamente democrática e igualitária, não pode ser imposta de cima para baixo. (...). O que significa que a economia solidária (que pode ser considerada a principal, mas não a única, face econômica do socialismo) só pode se desenvolver mediante sua própria prática, ou seja, pelo crescimento do número de pessoas que dela participam e da qualidade de seu desempenho na produção e na autogestão”. (Ensaio. p.220).

E, aqui, como vimos antes, Singer fala de uma revolução cultural de um longo processo de aprendizado, de troca de saberes. O que nos remete ao tema da educação na economia solidária.

9. Educação e Economia Solidária /pedagogia da autogestão

Já na época do DROR, Singer desenvolveu atividades sistemáticas no campo da educação e formação política. O DROR em julho de 1950, realizou o I Congresso Educacional para ‘fixar o conteúdo da atividade educacional. “Um dos resultados deste Congresso foi o texto “**Fundamentos de nossa educação**’, aprovado com entusiasmo, cuja redação final fica a cargo da chave Paulo Singer” (PINSKY. p.79).

SINGER (então Secretário do Movimento e uma das figuras –chave na elaboração da ação educativa drorista) coloca-se a favor do socialismo” (Idem. p.80). Singer recorda dessa ação educativa: ” (...) “Eu sei que inspirei para burro o Movimento na parte educacional(...)” “Eu me guiava muito pelas minhas leituras pessoais(...). “Havia um traço socialista, necessário, e nesse a gente tinha toda a liberdade, então, nessa parte, a gente avançou muito” (Idem. p.146)

Singer se alimentava teoricamente do jornal “Folha Socialista” do PSB. ” O pessoal me pedia para preparar material especialmente sobre marxismo, materialismo histórico, política internacional, noções de economia...essas coisas sobre o que eu lia mais...” (Idem)

No nosso ensaio sobre a ‘pedagogia da autogestão’, combinamos ideias de Singer, Gramsci e Paulo Freire. No que diz respeito à Singer, vamos buscar suas ideias no ensaio sobre “As oito hipóteses”. Especificamente, na parte de sua avaliação da experiência de autogestão Iugoslava. A “Quarta hipótese” diz que “a autogestão deve ser implementada pela formação de comunidades inicialmente isoladas” (Ensaio. Almedina. p.158).

Nos vários momentos em que Singer prioriza as Comunidades como espaço estratégico da autogestão, também aborda a questão do Desenvolvimento solidário local. O processo é de baixo para cima. O que define o tipo de poder do Estado.

A tomada do poder por trabalhadores não leva a autogestão, mesmo quando está no programa. O desenvolvimento da autogestão não pode se dar de cima para baixo, por iniciativa do poder estatal”. A Iugoslávia é um exemplo: “não mostrou ser viável tomar o poder primeiro e só depois criar, de cima para baixo, uma economia autogestionária livre” (Idem. p.159).

Singer defende o processo de formação político-cultural como fundamental para o desenvolvimento da autogestão. Lembra a prática democrática no Kibutz: “esse desenvolvimento tem que se dar por um **processo de livre aprendizado**, em que cada autogestor tenha a possibilidade de abandonar a experiência e se inserir em outro modo de produção” (Idem. p.160).

Esse processo de aprendizado diz respeito a construção do Poder Popular, a construção político-cultural de uma Contra-Hegemonia, daí, Gramsci! Essa é a ‘Quinta hipótese’ de Singer.

Na quarta Hipótese Singer articula aprendizado com hegemonia; vamos por partes:

“O que a quarta hipótese sustenta é que uma grande parte da construção do socialismo tem de ser realizada ainda sob hegemonia capitalista”;

“O conjunto da economia solidária assim constituída deve ser considerado como uma vasta escola de capacitação socialista”;

Para que o modo de produção socialista algum dia se torne hegemônico, a instituição de uma superestrutura política, jurídica e cultural terá de ser precedida da **conquista de competência gerencial e domínio da tecnologia** por parte de numerosos trabalhadores socialistas”. (Ensaaios. Almedina. p.159).

Dois nós críticos nas experiências de ecosol: formação técnica e transferência e inovação de tecnologias alternativas.

Na perspectiva das ações da SENAES, para construir a política de educação da economia solidária, podemos destacar alguns momentos decisivos:

O ensaio de Singer, publicado no INEP, “A economia solidária como ato pedagógico”, 2005;

O 1º Encontro nacional dos EES; 2004;

O ensaio de Singer: ‘É possível levar o desenvolvimento as comunidades pobres? “, 2003;

A 1ª oficina metodologia de economia solidária; 2005.

Já no início da SENAES, Singer desenvolveu estas ideias pensando no desenvolvimento das comunidades pobres, logo em seguida ao 1o Encontro nacional dos ESS (2004). O texto intitulado ‘É possível levar o desenvolvimento a comunidade pobre? “, foi

ponto de partida na Equipe da SENAES para pensar a estrutura da política pública de formação/educação da economia solidária.

Em Introdução à economia solidária (2002), Singer mais uma vez destaca o caráter de ‘ato pedagógico’ da economia solidária: “Mas, para uma ampla faixa da população, construir uma economia solidária depende primordialmente dela mesma, de sua **disposição de aprender e experimentar**” (p.112).

Ecosol como ato pedagógico

Mas, sem dúvidas, a obra principal de Singer sobre o tema da ‘pedagogia da autogestão’ ou da economia solidária, é o ensaio que fez para uma coletânea do INEP (2005): “Economia solidária e EJA”, organizada por Sonia M.P.Kruppa, então secretaria-adjunta da Senaes. Estávamos com cerca de apenas dois anos da SENAES. Eram as primeiras formulações para política de educação da ecosol.

Vimos que em 2004, Singer elaborou o ensaio sobre “Desenvolvimento Solidário” em que propôs a fundação de um “CENTRO nacional de capacitação”. O “Termo Referencia” para formação em economia solidária, definido no campo do PNQ, data deste período. E a primeira OFICINA nacional de formação da Senaes/Fbes, foi realizada em 2005.

O ensaio de Singer, para o INEP, se intitula “A economia solidária como ato pedagógico”. Singer pensa a ecosol “como modo de produção ideado para superar o capitalismo” (p.13). Mais uma vez faz a distinção entre empresa solidária e empresa capitalista. Em seguida vai a questão central: ‘os desafios pedagógicos’:

Fica claro que a prática da economia solidária exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas (...). Essa reeducação tem de ser coletiva(...). Essa visão não pode ser formulada e transmitida em termos teóricos, apenas em linhas gerais e abstratas. O VERDADEIRO APRENDIZADO dá-se com a prática, pois o comportamento econômico solidário só existe quando é recíproco. Trata-se de grande variedade de práticas de ajuda mútua e de tomadas coletivas de decisão... (Idem. p.16).

Singer gostava de afirmar que na “ecosol, os princípios são o horizonte e a prática o critério de verdade”.

O sentido da experimentação, e o par razão/emoção são ressaltados por Singer: “A

pedagogia da economia Solidária requer a criação de situações em que a reciprocidade surge espontaneamente, como o fazem os jogos cooperativos...A economia solidária é produzida tanto por convicção intelectual como por afeto pelo próximo, com o qual se coopera. (Idem).

Contrapõe os que se formam no capitalismo, ‘postos em situação de competição’, aos que se formam no meio da economia solidária, “vivem desde cedo situações definidas por comportamentos recíprocos de ajuda mútua”. Quando caem no desemprego e na exclusão social, o recurso à economia solidária se dá devido ao temor do desemprego por longo tempo. ” No momento em que essa opção é feita, grande parte dos trabalhadores sequer sabe direito o que é a ecosol.

Singer diz que, “No Brasil, a frequente opção pela ecosol por trabalhadores com ponderável vivência sindical explica-se por seus valores(...), e, **para além da vivência sindical**”, nessa frase, Singer avança uma tese de caráter filosófico, entre espontaneísmo e direção, (Gramsci):

“Na realidade, a educação que a luta de classes proporciona aos operários está embebida em valores solidários e igualitários, que estão na base do socialismo, enquanto projeto e utopia” (...). “Por isso, os trabalhadores, assim como os pequenos produtores de mercadorias e os pobres em espontaneamente geral, **inclinam-se espontaneamente para Ecosol... A partir dessa inclinação espontânea, a tarefa pedagógica impõem-se**”. E que: “Por terem sido subalternos e alienados da gestão do empreendimento, que agora lhes incumbe não só operar, mas dirigir, os trabalhadores não estão preparados para a tarefa. Eles têm que ser ensinados e eles sabem disso” (p.17).

Aborda a questão da multiplicidade de formas da ecosol, e que, em cada uma delas, “há um aprendizado a ser feito. Fala sobre um setor: ” No que segue vamos nos concentrar no caso das Empresas recuperadas por trabalhadores, em autogestão”.

E, nesse ponto, Singer aborda um dos dilemas da política de educação da ecosol, a divisão entre formação política e formação técnica. Assim, inicia pela divisão de campos na educação,

“O ensino da autogestão dividido em duas partes: uma, a cargo de teóricos, investigadores ou veteranos da ecosol; outra, a cargo de especialistas, investigadores ou veteranos da economia capitalista...Essa divisão, acabaria por levar os empreendimentos solidários a adotarem procedimentos incompatíveis com seus princípios...”. (P. 18).

Exemplifica essa divisão com o caso da contabilidade e finanças, em que se separa o ensino das finanças do da autogestão.

E, vai definindo o que pode ser elementos para uma pedagogia da autogestão:

Em outras palavras, o **ensino da Autogestão** não tem porque ser dividido em uma parte própria, interna aos empreendimentos, e outra externa aos mesmos, porque o meio ambiente em que atuam os empreendimentos solidários pode ser **composto inteiramente por outros empreendimentos solidários** (p. 19).

Sem dúvidas, neste ponto, Singer se refere a ecosol como modo de produção hegemônico, no futuro, pois logo em seguida adverte que:

No caso do Brasil, isso ainda está longe de ser o caso”. Nosso meio ambiente é dominado pelo capitalismo. E, para que a ecosol complete sua construção no Brasil, conclama pela construção de “ramos que lhe são complementares, ou seja, cadeias produtivas e Redes solidárias. (Idem).

Singer pensa o amplo campo da ecosol: a experiência da ecosol na formação, seja de empresas recuperadas, cooperativas em assentamentos da reforma agrária, cooperativas de recicladores, de agricultores familiares e muitos outros. E, define um princípio metodológico da educação popular: “A efetividade desse ensino decorre provavelmente da estreita **conexão entre seus fundamentos teóricos e sua aplicação prática**” (Idem. Grifos nossos).

Recorre, então, a Paulo FREIRE:

Devemos a Paulo freire esta formulação lapidar: “Ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos juntos”. Isso se aplica inteiramente à ecosol, enquanto ato pedagógico...nessa interação, produz-se um auto-aprendizado mútuo. Somos todos autodidatas, pois não há aprendizado verdadeiro em que a curiosidade do aprendiz não tenha papel crucial”. (Idem).

Aqui, Singer relembra sua experiência no DROR e conclui seu ensaio, voltando ao eixo central de sua ideia:

A ecosol é um ato pedagógico em si mesmo...por isso, a solidariedade é ensinada aos fracos e subalternos pela vida e pelas empreitadas em que se engajam...é a vida que ensina aos mais fracos, os sociais e economicamente debilitados, o valor, na verdade, a imprescindibilidade da solidariedade. (P).

Contudo, a ecosol é um passo decisivo **para além desse aprendizado pela vivência**, pois ela propõe a solidariedade não só como imposição da **necessidade**, mas como **opção** por outro modo de produção”. (P.20. Grifos nossos).

E, finalmente, podemos aplicar à suas ideias, o que escreveu no final do seu ensaio:
“E deve haver outros elementos que ainda ignoramos”!

A Experiência pedagógica do CFES

Partindo da questão de como ‘aplicar criativamente’ –para não dizer dialeticamente- os princípios da Educação Popular ao campo da ecosol, que se diferencia em muitos aspectos das experiências de movimentos populares e, sobretudo, do campo sindical, fomos traçando alguns elementos para uma ‘pedagogia da autogestão’.

O campo da Rede CFES foi o espaço de experimentação inicial, nas atividades de formação com os futuros educadores, realizadas em 2009. Depois, a própria Rede Cfes, com seus regionais foi desenvolvendo suas experimentações. Oficina temáticas e encontros de educação, promovidos pelo Cfes-nacional e pelo FBES, foram avançando a práxis da pedagogia da autogestão.

Os educadores do Cfes Sul, Aline Mendonça e Telmo Adams, refletiram sobre a experiência pedagógica da economia solidária do Brasil, a partir do “potencial emancipatório do trabalho associado e auto gestor”.

Afirmam que:

junto com o movimento da economia solidária ,o FBES tem estimulado (FBES),vem provocando uma série de questionamentos em torno das dimensões educativas do trabalho associado (...).Para tanto, há um exercício de reconhecer e estimular uma pedagogia da autogestão –que significa o processo pedagógico no âmbito do trabalho associado e auto gestor- e reconhecer e estimular uma autogestão da pedagogia –que significa ter a experiência da autogestão como referência de processos pedagógicos e formativos sobre a economia solidária que possuem a educação popular como base”.(Em:Streck, Danilo e Esteban, M.Teresa. 2016. Págs. 260/261).

O processo de construção da linha pedagógica do CFES passou por duas Oficinas nacionais metodológicas: a 1ª ocorreu em 2005, por iniciativa da SENAES/FBES, reunindo

40 experiências/educadores de todo o país. O tema central foi a metodologia e os conteúdos na economia solidária, a partir do que estava sendo feito no Brasil.

A 2ª oficina foi em 2007, e teve como eixo a construção da rede de educação e educadores/CFES.

Nesta 2ª oficina, o tema da autogestão surgiu nos termos de como “Deve-se avaliar a adequação da arquitetura para dinâmicas mais igualitárias entre formador e formandos que facilitem a troca e a participação autogestionada. Priorizar os espaços de trabalho e convívio dos trabalhadores e trabalhadoras nos processos de formação, como por exemplo, *o chão de fábrica*”. (FBES, 2007.p.10)

Aline Mendonça e Telmo Adams destacam as várias Oficinas de Educação em economia solidária. Em 2010, a 2ª Oficina deste tipo definia a formação na ecosol com base na educação popular e pedagogias/metodologias voltadas para autogestão.

Em 2009/2010, O CFES Nacional organizou atividades de formação de formadores para os educadores dos CFES regionais. As atividades foram coordenadas pelo CFES nacional, e tiveram assessoria de Aida Bezerra e Claudio Nascimento.

O eixo central foi a metodologia de “sistematização das experiências”. Havia uma necessidade de construir instrumentos diversos no campo da educação na Ecosol. A sistematização caiu muito bem com o objetivo principal que era a construção de um Rede nacional de educadores da Ecosol.

Esta ideia de uma ‘rede nacional de educadores’, tinha sido sugerida por Paulo Freire ao IPF, coordenado por Moacir Gadotti. Um Caderno de Textos do 2º curso nacional de formação de formadores em economia solidária traz o conjunto do universo temático. (CFES nacional-Caritas/Brasília. Julho 2009).

Esse processo de construção da política de formação/educação da ecosol culminou na Conferencia temática educação e autogestão, em 11 a 13 de março 2014, como parte integrante da 3ª CONAES, realizada em novembro do mesmo. Como podemos ver, já numa nova conjuntura política de grandes mobilizações em que já despontava no horizonte o ‘golpe’ que se concretizaria em 2016.

-Resoluções da Conferencia Temática “Educação e Autogestão” (2014)

O Documento resultante da CONAES Temática “Educação e Autogestão” é exemplar

nessa perspectiva e tornou-se uma referência nos debates em torno do tema.

Podemos ler:

Ocorre que o tema da Autogestão – e de forma subjacente, o da Participação – tem sido correntemente pontuado como um dos principais desafios no avanço da economia solidária no Brasil, a despeito de todos os acúmulos já alcançados na sua organização nacional, seja na perspectiva da prática cotidiana dos EES, seja na perspectiva da organização política do movimento e do avanço nas políticas públicas”. (Doc. dá Cones Temática-p.5).

E que,

Na economia solidária, a Autogestão constitui-se princípio fundamental que orienta a prática dos sujeitos (individuais e coletivos), seja no âmbito dos EES, na organização política dos movimentos, seja na organização e dinâmicas do desenvolvimento territorial (ibid. p.9).

O Documento recorre aos acúmulos da V Plenária:

A economia solidária preconiza o trabalho como um meio de libertação humana dentro de um processo de democratização, contrapondo-se a alienação da produção nas relações do trabalho capitalista, e isto só é possível com a autogestão vivida por todas/os que a praticam. A autogestão precisa ser construída no coletivo, é um princípio a ser buscado em todas as dimensões da vida(...). A autogestão é um princípio da economia solidária que pensa a transformação da organização da sociedade (p. 9).

E que:

Na percepção dos participantes da CONAES temática, a autogestão deve ser considerada como um processo em construção a partir das práticas cotidianas vivenciadas pelos sujeitos da economia solidária. Essa construção precisa dialogar com essa vivência da autogestão em práticas educativas que se materializam, em suas diversas dimensões – pessoal, familiar, comunitária e social, no exercício da cidadania e da democracia, na tomada de decisões de forma coletiva, na propriedade coletiva dos meios de produção, nas práticas territoriais e no relacionamento entre Estado e sociedade”. (p.9).

Nesse sentido, Singer nos ensina que “A prática da Economia Solidária no seio do

capitalismo, nada tem de natural”, e, “Fica claro que a prática da economia Solidária exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas. Essa reeducação tem de ser coletiva...”. (Inep.2005-pgs 15 e 16). E, analisando a Solidariedade nas experiências das Empresas Recuperadas afirma:

Ela continua essencial mesmo quando o período heroico é superado, pois um empreendimento coletivo exige a efetiva cooperação entre todos que a compõem. É nesse momento que o ato pedagógico faz-se indispensável” (Ibid-p.20)

Nessa perspectiva, “A Economia Solidária é um passo decisivo “para além” desse aprendizado pela vivência” (ibid.).

O Documento final da Conferencia temática, afirma que

Na verdade, desde a realização da primeira Plenária nacional, o movimento de economia solidária reafirma que a **educação** é um eixo fundamental para o fortalecimento da Ecosol no país”. A primeira CONAES define em Resolução: ” A Educação para a Economia Solidária, seguindo os princípios da solidariedade e autogestão, contribui para o desenvolvimento de um país mais justo e solidário” (ponto 81. Grifos nossos).

Retomando algumas ideias de Singer: “Educação e Autogestão é um par dialético intrínseco a práxis da Ecosol. Nesse sentido, é um ato pedagógico”; devemos a Paulo Freire essa afirmação lapidar: ” Ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos juntos”. Isso se aplica inteiramente à Economia Solidária, enquanto ato pedagógico”.

Ou que, “A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática”. (INEP-2005)

Educação e Autogestão

As Diretrizes Políticas Metodológicas da Resolução n. ° oito do CNES (Julho 2012) subsidia a construção de políticas públicas em Ecosol. É parte de um “Termo de Referência” que busca contribuir para maior identidade e articulação dos processos educativos em economia solidária visando ampliar o seu potencial emancipatório”.

Lemos no documento da CONAES Temática:

Segundo a Recomendação citada acima, a Educação em Economia Solidária ‘é uma construção social’, que envolve uma diversidade de sujeitos e ações orientados para a promoção do desenvolvimento territorial sustentável que considera as dimensões econômica, ambiental, cultural, social e política (p.).

O termo aponta para o reconhecimento do trabalho associado como princípio educativo na construção de conhecimentos em Economia Solidária e afirma que os processos de formação e assessoria técnica são “inerentes à educação em Economia Solidária e, portanto, compartilham da mesma concepção (p.).

Antes do “Golpe” de 2016, a última formulação sobre Educação na Ecosol está contida no Caderno dos Núcleos da Rede CFES. Intitulado “Referenciais metodológicos de formação e assessoria técnica em economia solidária” (2016), destacamos o texto do núcleo educação.

Os Núcleos Temáticos do CFES nacional buscaram sistematizar a experiência acumulada em 4 campos da ecosol: Educação, Redes, Finanças solidárias e Comercialização.

Várias reuniões dos quatro núcleos foram realizadas para discussão coletiva da elaboração dos textos. O Texto do Núcleo Educação em economia solidária buscou sistematizar o acúmulo nesse campo. Tendo elaboração final pelos educadores Telmo Adams e Jose Ignácio, abordou os seguintes tópicos:

2 “O trabalho como princípio educativo da construção de conhecimentos e relações sociais e a pedagogia do trabalho associado e auto gestor”

2.1- O trabalho como princípio educativo

2.2 a construção de uma pedagogia do trabalho associado ou pedagogia da autogestão

2.3 A autogestão da pedagogia

2.4 A diversidade dos sujeitos da ecosol e as possibilidades de pedagogias da autogestão”. (Rede CFES.Brasilia.2016).

10. A pedagogia da autogestão

À modo de conclusão e retomando reflexão de um ensaio recente, podemos afirmar que Paul Singer, com espírito Gramsciano-luxemburgiano, afirma que

A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesma, na medida em que propõe uma nova prática social e um entendimento dessa prática. A única maneira de aprender a construir a economia solidária é praticando (2005).

Trazendo esta reflexão para o campo da autogestão, nos apoiamos em Maria Clara Bueno Fischer e Lia Tiriba ao dizerem que:

As experiências históricas de autogestão revelam que, no embate contra a exploração e a degradação do trabalho, não é suficiente que os trabalhadores se apropriem dos meios de produção. Estas práticas indicam haver a necessidade de articulação dos saberes do trabalho fragmentados pelo capital e de apropriação dos instrumentos teórico-metodológicos que lhes permitiram compreender os sentidos do trabalho e prosseguir na construção de uma nova cultura do trabalho e de uma sociedade de tipo novo (2009, págs. 293-297).

Analisando as diversas obras, em diversos tempos, sobre a pedagogia do trabalho associado/autogestão fica evidente que quando se trata de pedagogia do trabalho associado/autogestão duas referências são permanentes: Gramsci e Paulo Freire. O italiano construiu sua proposta pedagógica, num primeiro momento, a partir da experiência dos Conselhos Operários em Turim e, também, da experiência soviética da Escola Comuna/Trabalho de Pistrak; ampliou sua visão com a construção da ideia de hegemonia/intelectual orgânico e bloco histórico. O brasileiro elaborou seu instrumental metodológico/pedagógico a partir do trabalho como princípio educativo, assentando as bases da educação popular pertinente à ideia da pedagogia da autogestão. A própria educação dos trabalhadores nos seus locais de trabalho soma-se de forma criativa, uma formação que aborde os temas e práticas da disputa de hegemonia na sociedade.

Ângelo D'orsi, em seu livro "Gramsciana" (2016) ressalta o nexo da paixão educativa de Gramsci com a teoria da hegemonia: define-a como uma "postura cultural e pedagógica" em que se trata de ajudar os trabalhadores 'a sair', apropriar-se dos instrumentos intelectuais e do conhecimento de que são privados, mas ao mesmo tempo ir à sua escola, apoderar-se da sua experiência. Uma **pedagogia bilateral**, enfim, por uma cultura que leva à fábrica o saber

produzido fora dela na longa história, mas que guarda, sem suficiência alguma, mas com humildade, o saber autóctone e autônomo produzido na fábrica (pág. 153.grifos nossos).

Ou seja, um novo tipo formativo e educativo: a necessidade para os trabalhadores de construir uma cultura própria, base essencial para o desenvolvimento de uma consciência revolucionária; mas, essa não é excludente, mas inclusiva, preventivamente, a aquisição de instrumentos culturais mais amplos e gerais, aqui entendendo a maior tradição cultural que precedeu o advento da classe operária na cena mundial (p.152).

O objetivo é “através do trabalho político, pedagógico e organizativo, transformar os centros de vida operária em órgãos de autogoverno da massa” (D’ORSI, 2016, pág.?), ou se trata de construir uma ordem diversa, fundada na expulsão do capitalista da fábrica, no incremento da produção autogerida, com uma disciplina espontânea aceita e construída e não imposta do exterior, no esforço coletivo de realizar um conhecimento político das tarefas históricas dos trabalhadores e de seus aliados. Enfim [...], a democracia substancial com o autogoverno dos trabalhadores (D’ORSI, 2016, pág.153).

Gramsci tem em mente um modelo de comunidade em que cada professor e aluno formam “dois polos do mecanismo dialético, onde a aprendizagem é recíproca” (D’ORSI, 2016, pág.154). Assim, Gramsci privilegia a vida e o trabalho dos Conselhos de Fábrica, tendo no conceito de democracia um lado pedagógico:

A democracia operária, a democracia nova que nasce na fábrica, e que deve ser também uma Escola de Formação e Educação, política, técnica, administrativa; e, também, antropológica, para os operários [...]. E no projeto da futura sociedade governada pelos produtores, segundo o modelo da fábrica autogerida, vê um largo espaço dado ao tema educativo e especificamente escolástico (D’ORSI, 2016, pág.154).

E, é com Gramsci, que Tiriba e Fischer (2009.pág.294-295) concluem:

Em seus escritos sobre o movimento operário ocorrido em Turim, entre 1919 e 1921, Gramsci analisa os conselhos de fábrica, afirmando que as experiências nas quais os trabalhadores têm o controle sobre a produção representam uma “escola maravilhosa de formação de experiência política e administrativa”. E que, “Na ‘escola do trabalho’ e, em especial nas vivências de trabalho associado, as pessoas atribuem

sentidos ao vivido ou realizado; assim, de forma mais abrangente, é fundamental que transformem suas vivências progressas e atuais em experiências propriamente formadoras. (Idem)

Aqui, está sintetizada a dialética da “experimentação autogestionária”, a pedagogia da autogestão e a autogestão da pedagogia. A “experimentação” no campo pedagógico deverá articular estes dois elementos: o “espontâneo” e “a vontade-direção. Nesta perspectiva, a experimentação deve ser considerada como um procedimento próprio à dinâmica da autogestão. Como diz Mothé: “O espírito de experimentação consistirá em considerar que uns certos números de ideias pertencem às hipóteses e podem ser postas em dúvida ou rejeitadas no curso da experimentação” (1980, pág.168).

Portanto, Aceitar a incerteza da decisão coletiva e da análise da experiência implica um estado de espírito militante totalmente diferente daquele no qual somos habituados à socialdemocracia, o stalinismo e suas variantes esquerdistas (MOTHÉ, 1980, págs.168-177).

Enfim, como disse Marx: “Hic Rhodus, hic salta”! Aqui está a rosa, aqui temos que dançar! E, retomando outra Rosa: ” As massas devem aprender a usar o poder usando o poder, não há outro modo”. “Sua educação se faz quando elas passam à ação” (Idem. 170).

Fonte: “A autogestão reinventa Paulo Freire”. (Em, ‘claudioautogestao.com.br. /2017)

PARTE II:

1. “Com SINGER além de SINGER: o Sistema Comunal”

Podemos afirmar que Singer conheceu e vivenciou quatro experiências de ‘comunidades’ que foram determinantes para sua ‘visão de mundo’: os Kibutzes de Israel, as comunas autogestionárias da Iugoslávia, os conselhos na experiência do Governo Erundina, e, a experiência da SENAES.

Em relação as duas primeiras, Israel e Iugoslávia, há uma imensa literatura. Mas,

podemos buscar nas obras de Henri Desroches e Albert Meister alguns elementos.

Desde muito cedo, Singer tomou contato e conhecimento com o ‘sistema de comunidades’; a experiência no DROR, movimento judaico socialista kibutziano, foi o primeiro contato. Henri Desroche, o principal estudioso da experiência do Kibboutz, através de uma pesquisa de campo que conta a história da experiência cooperativa de Israel, desde 1958. Desroche define a Federação do Trabalho, movimento sindical-cooperativo, HISTADROUT:

É ao mesmo tempo, industrial e agrícola, camponesa e operaria, órgão de representação e defesa dos interesses dos trabalhadores e agência de economia coletiva, célula de empresa e instância de desenvolvimento nacional, dispositivo de educação política e fundo de segurança social.” (, Au Pays du Kiboutz”.1960. p.15).

O Histadrout é formado por quatro setores: o sindical (trade-union); o sociocultural; o mutualista (kupat holim); o setor econômico e gestor (hevrat ovdim-economia operaria). Tem por objetivo uma revolução social socialista.

Se na primeira pesquisa em 1958, Desroche analisa a ‘comunidade coletiva’ do Kibutz, nos anos 1969 e 1969 sua pesquisa foi sobre a ‘comunidade cooperativa’, O Mochav. (“Opération Mochav.1973). O conjunto comunitário israelense é formado por três campos, três tipos de comunitarismo, três tipos de ‘vilas comunais’: o kiboutz, o mochav ovdim e o mochav chitoufi.

O Kibutz e o Mochav são duas formas de autogestão comunal, são cooperativas multifuncionais de tipo comunal, mesmo que o Mocha tenha um aspecto de “individualismo cooperativo”, em que o indivíduo tem mais opções próprias.

O Mochav é uma forma de ‘associação comunalista’ mais que cooperativa. Tem por orientação os Princípios de Rochdale, “regras cooperativas que se aplicam a toda sua população comunal” (‘population communale’). São quatro: propriedade coletiva da terra, não trabalho assalariado, compra e vendas cooperativas e, ajuda mutual/solidária.

Esse conjunto forma o que Singer chamava de “Desenvolvimento solidário” e Desroche chama de “desenvolvimento das vilas/comunidades “ou de “autogestion des villes”.

Por sua vez, A.Meister analisou a fundo a experiência Iugoslava, através de pesquisa

de campo em 1959 e 1960. (“Socialisme et Autogestion.L’experience yougoslave”.1964). Chamando-a de “formas de autogestão e de autogoverno comunal iugoslavo”, Meister analisa os 4 tipos de autogestão: comunal, operaria, social e cooperativa rural.(p.16).

A Experiência de Política pública (São Paulo, 1988-1992)

A experiência de Singer na secretaria de planejamento do Governo petistas/Erundina (1989-1992), sistematizada em seu livro “ Um Governo de esquerda para todos” (1996), lhe permitiu um contato direto com as **comunidades pobres**, através do “Foro da Cidade” e das visitas aos bairros da periferia paulista para debates com a população.

No capítulo dez, “A Proposta Democrática de Participação Popular”, Singer relata o processo de fundação do Conselho Popular:

A eleição de 1988 colocou, em São Paulo, os representantes dos movimentos populares do outro lado da trincheira, isto é, (como se dizia), ‘no poder’. A proposta de formação de um Conselho Popular seria a representação da sociedade civil face ao governo ‘popular’. Portanto, “E nosso governo, o Conselho Popular deveria ser formado a partir da iniciativa dos movimentos populares e que o papel do Governo seria ouvi-lo, dialogar com ele e sempre que possível aplicar as diretrizes por ele propostas (1996. p.240).

A ‘grande lição’ tirada por Singer dessa experiência de Governo foi a de que ‘participação popular só pode significar participação de todas as classes em foros representativos de negociação de interesses contrapostos” (ibid-p.243). O problema surgido no Governo em São Paulo levou Singer a visitar as comunidades pobres.

Na biografia realizada por Aline Mendonça, podemos ler:

Os secretários começaram a pedir para que Singer fosse para as comunidades conversar com a base...esse processo de diálogo com as comunidades se tornou uma constante do governo durante os quatro anos...Singer lembra das assembleias nos bairros como um grande aprendizado...deste processo de diálogo com as comunidades, Singer relata um outro aprendizado importante: Segundo ele, no Brasil os pobres são os que se beneficiam dos serviços públicos (p.).

Nos ensaios do período da SENAES (2003-2016), Singer incorpora a ideia de TERRITORIO, a partir das experiências comunitárias da Ecosol, de caráter territorial. O tema COMUNIDADE torna-se eixo central de suas ideias.

Vimos que a ideia de levar o desenvolvimento às comunidades pobres, levou Singer a definir elementos para um processo pedagógico, através da proposta de Agentes de Desenvolvimento Solidário. Dos debates em torno deste tema, surgiria a ideia da Rede dos CFEs (centros formação ecosol) implantada a partir de 2009.

Em seu ensaio sobre as “Oito hipóteses”, Singer ao falar de várias experiências, ressalta: “Esses exemplos, que se limitam ao pouco que consegui levantar até agora, dão uma ideia de que há uma prática contínua de autogestão desde há um século e meio, no mínimo”. (Idem).

E, aborda Rochdale.” Muitas datam seu início a conta da famosa cooperativa de Rochdale, que é de 1844, mas é perfeitamente possível começar a contar antes, com as cooperativas formadas na Inglaterra por inspiração de Robert Owen, na década de vinte do século passado”, e, arremata:

O que fundamenta nossa segunda hipótese: há uma série de experiências dentro do capitalismo que surgem e se desenvolvem em função das contradições do mesmo. São economias indiscutivelmente não capitalistas, cujos valores permitem considera-las anticapitalistas” (Idem).

Aqui está a base para sua ideia dos “Implantes socialistas” dentro da brecha do sistema capitalista. Que se fundamenta na ideia de Rosa Luxemburgo da coexistência numa formação social de diversos modos de produção. Ideia essa que marcou profundamente Singer, quando estudou “A Acumulação do Capital” e “A Introdução a economia política”, ambas obras de Rosa Luxemburgo.

Sobre Comunas ancestrais. Singer não aprofundou esse ponto em sua obra. Foi surgindo aos poucos pela experiência na SENAES, acompanhando a economia solidária em seu conjunto. Inicialmente quando falou de “Comunas” foi mais uma vez associada a obra de Owen, de ‘comunas agrícolas’. Por exemplo: “Outro antecedente, que também se liga à Owen (sempre ele!), é o movimento das comunas, em geral agrícolas” “As Comunas se distinguem das demais formas de economia solidária por praticarem simultaneamente a solidariedade na produção, no consumo, na poupança e em todas as áreas da vida social”

“Todo o patrimônio da comuna é coletivo e é administrado com a participação de todos, as decisões são tomadas em assembleias, etc.” (Ensaio. Almedina. p.26).

Antes da criação da SENAES, a ecosol tinha expressão política nacional, devido aos Fóruns Mundiais, com os primeiros realizados em 2001 e 2002, em porto alegre. Contudo, ainda não tinha implantação política orgânica no território nacional. A criação da SENAES permitiu a economia solidária se expandir por todo o território assumindo um caráter que ainda não tinha, ser nacional. Em 2003, existiam 10 Fóruns estaduais da economia solidária, onde nas capitais existiram política de ecosol, como Porto Alegre, Santos, Rio Janeiro, São Paulo, Fortaleza, etc. A SENAES junto com o FBES, agiu para criação de mais 17 Fóruns estaduais.

Neste sentido, em outro ensaio Singer destaca o papel e a experiência na SENAES:

A expansão da economia solidária pelo extenso território brasileiro tornou a economia solidária cada vez mais diversificada culturalmente com a vinda de variadas comunidades tradicionais: quilombolas, indígenas, quebradeiras de coco, seringueiros, pescadores artesanais, marisqueiras, cultivadores peixes e frutos do mar e uma profusão de artesãos, de bordadeiras e apicultores e cultivadores de plantas medicinais etc. (Ensaio.Almedina.p.148-149).

E arremata:

Esta crescente diversidade cultural vem enriquecendo a economia solidária ao juntar operários de empresas recuperadas, que trazem à economia solidária a experiência recente da luta de classes, com **povos que cultuam os valores da economia solidária em função de suas próprias tradições transmitidas de geração a geração há muitos anos**” (Idem. p.149. Grifos nossos).

Singer faz referência a experiência muito curta do FORUM-8, parte do Conselho desenvolvimento Social, do governo Lula. Este Fórum surgiu por iniciativa de Singer. Na SENAES tivemos algumas reuniões que agrupou todos estes sujeitos que Singer cita acima. Foi uma experiência extraordinária (não ficou registro de nenhum tipo) em que nos apareceu o Brasil real e subterrâneo. Falta na citação de Singer, a presença das ‘profissionais do sexo’, na figura de Gabriela, coordenadora do movimento e do Jornal “Beijo de Rua”.

Essa diversidade já tinha sido vista quando do 1 Encontro nacional dos EES, realizado em 2004, uma das primeiras ações da SENAES. Singer faz referência: “ A SENAES, atendendo a pedidos, convocou em 2004 o I Encontro Nacional de Pesem Brasília...Nada menos de 1.400 representantes de empreendimentos compareceram ao encontro vindos de todos os recantos do Brasil.

Pela primeira vez, vimos, no mesmo salão, reunidos, camponeses, operários, artesões, pescadores, indígenas, quilombolas, costureiras, representantes de grupos incubados, costureiras, representantes de grupos incubados por universitários, criadores de abelhas e uma grande variedade de pessoas pertencentes a movimentos sociais, em luta contra a opressão de diferentes setores da sociedade brasileira” (Ensaio. Almedina. p. 177).

E, CONCLUE Singer:

Assim, “Iniciou-se um primeiro experimento com quilombolas...A estratégia de desenvolvimento local pela qual a SENAES optou foi a do **endoesenvolvimento**, ou seja, o desenvolvimento produzido pelo esforço coordenado dos membros da própria comunidade, sem depender de investimentos externos...A estratégia repousava na ação de agentes locais de desenvolvimento escolhidos pela própria comunidade e submetidos a uma formação em economia solidária e endodesenvolvimento a cargo da SENAES.” (Idem).

2.A Economia Solidária: Modo de Produção / Modo de Vida

As experiências da economia solidária em termos de construção de REDES SOLIDÁRIAS, que teve um primeiro programa com um Planseq, em 2006/2007, depois um segundo com a ADS-CUT, de 2014 até o golpe em 2016, e retomada em 2018, tem sido um campo fértil para essa visão das Comunas ancestrais e da diversidade da ecosol que se expressa de forma clara quando olhamos a partir das Redes Solidárias em construção.

Houve uma falta de continuidade nessa experiência de Redes no campo das Políticas Públicas. Duas Oficinas sobre redes ocorreram por iniciativa do FBES e do Cfes nacional, mantendo viva essa chama. A oficina do Cfes nacional, realizada em 2011. Em 2013, a SENAES definiu um termo de referência para trabalho com Redes Solidárias. O golpe impediu o avanço da experiência de mais de dois anos com a parceria SENAES/ADS-CUT

(2014-2016). Esta descontinuidade tem sido um obstáculo ao avanço teórico do tema das Redes e das Comunidades. (Ver: Claudio Nascimento. Assessoria técnica em Redes / claudioautogestão.com.br)

Singer participou de algumas oficinas dessa última experiência, sobretudo a de Comercialização. Nelas pudemos mais uma vez observar o caráter complexo da economia solidária enquanto coexistência de modos de produção.

O campo das comunas ancestrais permite uma visão mais profunda da ecosol, até mesmo, na linha de Michael Lowy, de “crítica radical da modernidade capitalista”. É o que se passa nas experiências da Bolívia e Equador, e também da Venezuela, por serem formações sociais com forte presença sobretudo indígena, de modos de produção pré-capitalistas. (Vide a obra de Álvaro Garcia Linera, e outros teóricos da Bolívia).

Vimos que esse é um tema presente nas falas de Singer, a partir da visão de Rosa. Como também o das comunidades.

Em certo momento, Singer, nesse espírito da complexidade, conclui um dos seus últimos ensaios,

A construção da economia solidária como alternativa ao capitalismo”: “O florescer duma profusão de economias solidárias ou sociais ou humanas como quer que se denominem é a garantia de sua viabilidade, pois a vocação da humanidade não é a uniformização” (Idem. p.149)

De nossa parte, na equipe do Projeto Redes, iniciamos uma reflexão no seguinte sentido: “A reflexão sobre a ecosol a partir do olhar de Redes Solidárias, nos obriga a buscar uma teoria do processo social que esteja ancorada em uma abordagem dialética que responda a complexidade do tema Redes Solidárias” (claudioautogestao.com).

A ideia de Singer da “coexistência de modos de produção” é um ponto de partida excelente para avançar no tema da ‘economia solidária como transição’.

Outro brasileiro que se dedicou ao estudo da Urbanização, Milton Santos, já tinha apontado a questão: Em “Geografia das redes”, dizia que:

Trata-se de duas grandes matrizes, uma que leva em conta apenas a realidade material. Toda infraestrutura, transporte, matéria, energia, informação, território. Outra em que também é levado em conta o dado social. Rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam .

Nesse sentido, no Projeto Redes, avançamos a ideia de que a sociologia de Pierre Bourdieu, como ‘teoria geral da economia dos campos’, articulando as determinações materiais e simbólicas, numa complexa relação de interdependência, nos fornece um corpo conceitual possível de responder aos desafios postos pela economia *solidária*(...).

Bourdieu analisa como “campos que são o lugar da coexistência antagônica de dois modos de produção e de circulação que obedecem a lógicas inversas”. Um polo, a economia ‘antieconômica da arte pura que, baseada no reconhecimento indispensável dos valores de desinteresse e na denegação da economia (comercial) e do lucro ‘econômico’ a curto prazo outro polo, a lógica econômica das indústrias literárias e artísticas; que, fazendo do comércio dos bens culturais um comércio como os outros, conferem prioridade a difusão, ao sucesso imediato e temporário”

(Ver: www.claudioautogestao/” Economia Solidária: um “campo de Coexistência Antagônica entre Modos de Produção) ou (em Redes de Cooperação Solidária.ADS.2018. p. 36-39)

Trata-se de ideia que tem como fundamento a Rosa Luxemburgo dos modos de produção coexistindo numa mesma formação social, tão cara a Singer.

- Coexistência de Modos de produção / Tempos históricos

Na perspectiva de uma teoria geral, a sociologia de Pierre Bordieu, como “Teoria geral da economia dos campos”, articulando as determinações materiais e simbólicas, numa complexa relação de interdependência, nos fornece um corpo conceitual possível de responder aos desafios postos pela economia solidária.

A reflexão em torno do “Projeto Redes Solidárias”, nos permitiu elaborar, através da ideia de “Trocas materiais e simbólicas”, um campo conceitual que nos permite uma análise a altura da complexidade da Ecosol no Brasil.

Todavia, se faz necessário um “conhecimento local” que capte as determinações da história local, que abarque uma Totalidade mais rica e composta de formação social com

múltiplas sociedades, mais que Modos de Produção, sociedades heterogêneas e tempos múltiplos. Essa é uma característica de formações sociais como a brasileira e de países da América Latina. Nessa perspectiva, encontramos apoio na sociologia do boliviano René Zavaleta Mercado. Isso nos permite ir além das ideias de Bourdieu, engravidando-as em um processo histórico particular que permite captar suas singularidades.

De certa forma, essa relação entre Bourdieu e Zavaleta, permitiu ao boliviano Garcia Linera desenvolver um campo cognitivo dos mais ricos do pensamento crítico boliviano. Vide “A Potência Plebeia”, entre outras obras.

As sociologias de Bourdieu e de Zavaleta foram elaboradas na reflexão sobre Formações /Sociedades ‘abigarradas’ (mesmo que o Francês não use esse termo), o primeiro na Argélia colonizada pela França, o segundo na Bolívia colonial, periférica e dependente, ambas com características de ‘múltiplas sociedades’ e ‘tempos plurais’. A presença de estruturas comunitárias oriundas de modos de produção pré-capitalista é um marco fundamental. As trajetórias são distintas: Bourdieu, com seu ‘exílio’ argelino iniciou seus estudos de etnologia, depois na volta a França aprofundou suas ideias; Zavaleta, iniciou sua sociologia na Bolívia, depois em seu exílio político, estudou os países avançados do capitalismo, e na volta a Bolívia singularizou suas ideias em relação a Bolívia e América Latina; um itinerário parecido ao do peruano Mariategui.

Por seu lado, a teoria de Bolívar Echeverría da ideia de ‘valor de uso’ como forma natural da reprodução social, em contraposição a forma mercantil da acumulação de capital, nos fornece um substrato de caráter estrutural-ontológico para aprofundar a ideia de economia solidária. Bolívar reflete a Modernidade capitalista partir da ideia de quatro “Ethos” (moderno, romântico, barroco), de certa forma em substituição a ideia de Modos de Produção de Marx.

Entretanto, aprofundar as ideias de R. Zavaleta, B. Echeverría, O.Fals Borda, Raquel Aguilar, e A.G.Linera, nos levaria a um ponto muito além dos objetivos desse ensaio. Portanto, vamos apenas sinalizar seus núcleos centrais.

Quanto a Mariategui , indicamos nosso ensaio “ “Anarquismo ,autogestion y socialismo em “Nuestra America” (Economia social y solidaria em movimento.Coraggio – org-2016.p.101),onde expomos a visão do argentino Miguel Mazzeo sobre a idéia de “Socialismo prático”.

Milton Santos em sua análise da “A geografia das redes” , definiu duas grandes matrizes:

- 1) Uma que leva em conta apenas a realidade material. Toda infraestrutura, transporte, matéria, energia, informação, território.
- 2) Outra em que também é levado em conta o dado social. “A rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam”.

Já com Pierre Bourdieu, encontramos uma concepção , que pode incorporar as duas matrizes traçadas por M. Santos ,e que aprofunda a análise. Ao analisar os “empreendimentos dos campos” político cultural e econômico, nos diz que: “Esses campos são o lugar da coexistência antagônica de dois modos de produção e de circulação que obedecem à lógicas inversas”.

Em um polo, a “economia ‘antieconômica’ da arte pura que, baseada no reconhecimento indispensável dos valores de desinteresse e na denegação da ‘economia’ (do comercial) e do lucro ‘econômico’ (a curto prazo),privilegia a produção e suas exigências específicas;

Em outro polo, a lógica ‘econômica’ das indústrias literárias e artísticas que, fazendo do comércio dos bens culturais um comércio como os outros, conferem prioridade a difusão, ao sucesso imediato e temporário.

Mas, se o campo cultural constitui um ‘mundo econômico ao contrário’, a lógica da economia mercantil não está ausente dele. Por isso, a ideia de ‘coexistência antagônica’ dos dois modos de produção-circulação.

São dois Modos de Produção (capitalista e pré-capitalista)interdependentes mas com lógicas diferentes.

Bourdieu chegou a essas ideias a partir de seus estudos sobre a sociedade da Argélia. Em termos gramscianos, a Argélia nos anos 50/60, apresentava uma sociedade tipo ‘oriental’, ‘gelatinosa’ frente a robustez do Estado. As estruturas econômicas apresentam uma coexistência de Modos de Produção, pré-capitalista e capitalista.

Estas ideias de Bourdieu podem nos ajudar a entender o campo da economia solidária, sobretudo a complexidade da construção das REDES, como cooperação de trocas materiais (um polo) e trocas simbólicas (outro polo).

Material e simbólico fazem parte de cada campo, tal qual a ‘lógica não-econômica’ e a ‘lógica mercantil’. Nesse sentido, a economia solidária é composta por vários campos de economia, uma pluralidade de economias como vimos nas ‘trocas materiais’. Cada uma tem uma lógica e interesses próprios, mas formam uma Totalidade.

A integração de EES em Redes Solidárias implica articular estes dois Polos, as questões de ordem econômica e as questões de ordem político e cultural.

As redes são formas de articulação dos empreendimentos econômicos solidários que apesar de possuírem forte vínculo familiar, territorial e comunitário, ultrapassam essa dimensão ao se articularem regionalmente e reunirem diferentes setores da produção, comercialização e consumo. O aspecto econômico é uma característica relevante das redes, pois num primeiro nível elas estão ligadas à segmentos econômicos específicos, mas há muitos casos de redes que articulam diferentes segmentos econômicos em seu interior e conectam diversos elos de cadeias produtivas.

As redes estão em constante formação e sua experiência é um aprendizado permanente de construção de novas relações humanas baseadas no compartilhamento e na solidariedade. A cultura organizacional das redes de empreendimentos econômicos solidários representa uma prática política transformadora, reveladora da forma de organização autogestionária própria dos empreendimentos, mas vivenciada em uma escala mais ampla, de expansão ilimitada, com estrutura descentralizada. As redes revelam outra forma de convívio político, não baseada na representação, mas nos diferentes focos de participação e responsabilização compartilhada. O exercício de aprofundamento democrático próprio das redes ocorre ao integrar mobilização social com organização política.

Já vimos que, na reflexão sobre os “pressupostos das trocas materiais”, “a economia solidária não se restringia unicamente à gestão econômica, financeira e operacional das

unidades produtivas, ou seja:

As experiências de redes de cooperação ultrapassavam ações restritas às unidades produtivas para articular o espaço político no território de atuação, preservação da expressão cultural das comunidades, construção coletiva de novos conhecimentos técnicos e a transmissão dos seus “saberes” entre gerações (idem).

Desse espaço das redes faz parte “a política”, como o lugar da ação simbólica. Nesse sentido, o campo temático do Projeto Redes, que corresponde às ‘trocas simbólicas’ é composto por:

Formação Social, análise de Conjuntura, Estado e Espaço Público, Políticas Públicas e controle social, construção de Hegemonia, Território e Territorialidades, Autogestão territorial.

-O Debate Sobre os Modos de Produção

Esse debate foi muito forte entre teóricos da economia solidária. Podemos rastreá-lo a partir da iniciativa da CAPINA* com a UCSAL* , de realização de vários seminários temáticos. A CAPINA e a UCSAL desenvolviam ações educativas em torno do eixo “Viabilidade econômica e gestão democrática de empreendimentos associativos”.

O primeiro seminário foi realizado em Salvador-Bahia, entre os dias 8 e 9 de novembro de 1999. Assim, anos antes de Singer se tornar secretário de economia solidária no Governo Lula (2003-2010). Teve por tema “Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia”.

Outros seminários se seguiram , com outras temáticas. ”Economia dos setores populares: sustentabilidade e estratégias de formação” 2007, entre 5 e 6 dezembro de 2006, na UCSAL.

”Economia dos setores populares: pensamentos, ferramentas e questões”, Salvador, 2008.

“Economia popular solidária: indicadores para a sustentabilidade”. Salvador , entre os dias 02 e 03 de dezembro de 2010.

Portanto foram 4 Seminários realizados entre 1999 e 2010. O primeiro realizado em 1999 , foi marcado pelo debate entre Singer e Coraggio. Na Introdução ao livro publicado pela editora VOZES em 2000, Fco. Lara e Beatriz Costa situam o debate:

“Seguindo os rumos de Coraggio, acabamos por mudar o foco do olhar: a referencia de analise deixa de ser a empresa ou o estado e fazemos alinhar nossos conceitos àquela instancia do real que se põe como suporte para todo o real.É o conceito que ele propõe como “unidade doméstica” e que poderíamos traduzir como núcleos de sustentação da vida ou unidades domiciliares de sustentabilidade humana(...).O objetivo fundamental dessa verdadeira economia do trabalho ? – A reprodução ampliada da vida”(Vozes.2000.pg.11-12).

Lara e Bia prosseguem:”Mas nem tudo são flores...Paul Singer,em “Economia dos setores populares:propostas e desafios”, não faz concessões a Coraggio. E questiona-o em um debate aberto e franco – como poucos se tem visto nos últimos tempos.É claro, pois seu enfoque é diverso: ele enxerga esse movimento de hoje como o resultado da construção bicentenária da classe trabalhadora que, no mundo inteiro,, vem formando empresas autogestionárias: as cooperativas. Singer nos fala do vigor do movimento cooperativista e de suas virtudes, em especial igualdade e democracia, que, não por acaso, representam também o seu maior desafio”(idem).

Luiz Alberto Gomes Souza, no final, sistematizou o seminário.E, também, aborda o debate Coraggio- Singer.

“Entramos assim no debate seguinte, que foi extremamente rico. Fiquei muito feliz quando houve um debate entre o Coraggio e o Singer.” Para Luiz Gomes, “o que me pareceu heurísticamente da maior importância no que nos colocou o José Luis Coraggio, e que para mim ajudou bastante, foi quando ele indicou que tínhamos que tomar não o individuo como unidade – e eu diria, nem apenas o produtor como unidade- mas a unidade doméstica.Na unidade doméstica entra não só o mundo da produção, mas também o mundo da reprodução, o mundo da vida.E ele deixou claro que, com isso,não estava querendo criar uma economia familiar, mas tomar o domestico como espaço de analise.Assim, ele foi nos abrindo para todo o mundo da economia do trabalho onde se deveria dar, ou se vai dando, uma reprodução ampliada da vida, que deveria ser uma reprodução ampliada de todos”(Vozes.pg.2321-232).

“Aqui nós passamos à reflexão do Paul Singer que diretamente nos veio propor uma economia não-capitalista, uma proposta socialista a partir da experiência das cooperativas.Confesso que fiquei muito feliz.Vou voltar ainda sobre o tema do socialismo(...).O Singer nos mostrou,então, a experiência de empresas que, num primeiro momento, ele chamou de igualitárias.Depois matizou dizendo ‘relativamente

igualitárias', porque há umas certas desigualdades dentro delas, inevitáveis. Mas trata-se de empresas relativamente igualitárias e democráticas. Ele insistiu muito sobre essa dimensão do democrático, do participativo nas decisões, do consensual, do discutido: o que ele chamou, também, de economia autogestionária” (idem.pg.235)

Ao retomar o tema do Socialismo, Luiz A. Gomes :” Reforço-me na opção pelo socialismo. Retomando a fala do Paul Singer.... Antes diz que , “Só para dar um exemplo, podemos recuperar nos próximos anos, toda uma série de reflexões e intuições de ROSA LUXEMBURGO. Eu tenho um grande amor e carinho pela Rosa”. Mais um ‘luxemburguista’ brasileiro ! (idem,pg.237)

A sequência desse debate temático viria a ocorrer em 2007, com um seminário na Argentina, e com seus conteúdos publicados na obra coletiva organizada por CORAGGIO, “La economía social desde la periferia. contribuciones latino-americanas” (2007).

Desse modo, por exemplo, na obra coletiva organizada por Coraggio, “La economía social desde la periferia, contribuciones latino-americanas” (2007), Coraggio põe na apresentação da obra: “não vamos assumir um **nome comum** (embora às vezes usamos “Outra Economia”), mas vamos procurar respeitar os vários nomes usados pelos autores. E, enumera as denominações:

Economia social (ES), economia solidária (Ecosol), economia da solidariedade (EDs), economia social e solidária (ESS), economia popular (EP), economia associativa e autogestionária (EPA), economia ‘realmente existente’, socioeconomia solidária, economia do trabalho, economia da vida.” (2007. p.18).

Coraggio situa os vários pensamentos presentes no debate: “No fundo dos trabalhos estarão o pensamento crítico de raiz marxiana, dos diversos socialismos, da teologia da libertação, da pedagogia da libertação freiriana...”. (Idem. p.17).

E, que, “O pensamento latino-americano sobre a economia solidária registra duas correntes teóricas fortes: a tópica marxista e o projeto socialista, por um lado, e a teologia da libertação, por outro(...). A primeira tópica aparece explicitamente quando alguns autores se perguntam se a Es, Ecosol, a ESS ou a EP é um novo modo de produção, e que relação tem com o Modo de produção Capitalista” (Idem. p.20).

Na coletânea, o ensaio de Singer intitula-se exatamente “Economia solidária. Um modo de produção e distribuição”.

Coraggio situa a questão:

É evidente que, nas análises e propostas dos autores latino-americanos, dificilmente separável do pensamento político, temos que diferenciar se estão pondo o papel da ECOSSOL no momento atual –dentro de um sistema com hegemonia do Modo de Produção Capitalista /MPC-, em uma etapa de transição contra hegemônica, ou se estão pensando em suas características intrínsecas como um eventual Modo de Produção dominante”. (2007. p. 22).

Sobre a proposta de Singer, Coraggio afirma: “Singer estabelecendo que ‘a autogestão generalizada da economia e da sociedade – **que constitui a essência do programa econômico e político do socialismo, marca provavelmente o principal papel da Ecosol na luta pelo socialismo**”. O capital só pode ser eliminado quando os trabalhadores estejam preparados para praticar a autogestão, o que exige um aprendizado longo só proporcionado pela prática (Idem. p.22).

“Que consequências tem de adotar uma ou outra tese? ”, pergunta Coraggio, para quem “este debate, que deverá continuar, tem a nosso ver outras consequências para a compreensão do papel histórico das lutas por outra economia”. (Idem. p.24)

A questão, para Coraggio, é se o modo de produção capitalista se desenvolveu totalmente sobre suas próprias bases, se esgotou o processo de acumulação primitiva: se incorporou ao processo de acumulação do capital as instituições, recursos, capacidades geradas por outros modos de produção. O próprio Coraggio, seguindo a ideia de Claude Meilllasoux, afirma que ‘a acumulação originária do capitalismo é algo permanente, e, até a atualidade, crescente, não tem deixado de alimentar a economia capitalista desde o começo de sua existência”. (Idem. p.24)

Enfim, o velho debate aberto por Rosa Luxemburgo na “Acumulação de Capital”.

A ‘questão prática” segundo Coraggio, toma duas vias, a saber, “se no período recente de emergências reativas ou de ações conscientes dirigidas ao desenvolvimento de formas de outra economia.

1. Estamos experimentando uma etapa inicial de surgimento de um novo modo material de produção e distribuição com um potencial ainda não determinado;
2. Se é apenas uma novidade histórica (embora importante) que pode ser uma onda

conjuntural de ressurgimento de formas não capitalistas de trabalho (como o cooperativismo ou as comunidades indígenas) como resposta para paliar a crise de inclusão dos trabalhadores no modo capitalista, porém, terminará perdendo autonomia, porque não será vantajosa para a reprodução da vida ou porque será refuncionalizada pelo processo de reprodução do capital.

Isto traz a pergunta: é capaz o modo ou as formas de produção que denominamos “outra economia” de reproduzir-se sobre suas próprias bases? ” (Idem. p.25).

Todavia, adverte Coraggio:

Que isto possa ou não ser teorizado coerentemente dentro da tópica marxiana e suas diversas correntes, não faria muita diferença quanto a validade destas lutas, a certeza de cujo final seja decidida aprioristicamente, menos ainda com base a uma teoria geral da história da humanidade. ” (idem.p.25)

Enfim, conclui que “Esta linha de pesquisa teórica não está fechada e sem dúvidas vai crescer na medida em que a esquerda de vertente marxista se interesse e comece a debater (...). (Idem. p. 25).

Nesse debate a posição de Coraggio não se baseia na teoria dos modos de produção para sustentar sua ideia de Economia do Trabalho. Toda economia é uma economia mista composta de três sistemas: economia empresarial capitalista, economia pública e a economia popular. Trabalha com a ideia de ‘reprodução ampliada da vida humana’. (Idem. p.34)

A estratégia posta por Coraggio implica que “enquanto não se passe de experiências micro a um projeto de classe trabalhadora organizada como tal, tais experiências podem ficar em meros intentos de adaptação à economia de mercado regida pela lógica capitalista... A gestão do conjunto das forças produtivas que Singer vê como projeto do socialismo não ocorrerá pela somatória nem pela articulação de empresas solidárias, requer avançar na democracia participativa para assumir funções estatais, o controle dos sistemas de ciência e tecnologia, educativo, de seguridade social, etc. E não pode separar-se (embora haja contradições conjunturais) da luta dos trabalhadores assalariados (...) O significado e o possível desenvolvimento desta ‘outra economia’ fica codeterminado pelo contexto, pelo campo de forças sociais, políticas e ideológicas, pelas transformações culturais associadas a

aprendizagem coletiva com base nas experiências concretas vividas em cada realidade concreta(...).Seus sujeitos se constituem em um amplo campo de movimentos, sujeitos e agentes sociais que lutam por outra economia e outra sociedade, centrada na reprodução da vida de todos e lutam(...)" (Idem. p.28).

Por sua parte, Quijano lembra que a questão dos modos de produção alternativos tem somente dois séculos e que surgiu como discussão do padrão europeu moderno de capitalismo. No século XIX surgiram duas respostas: a estatização da economia e o cooperativismo. Quijano ressalta as contribuições de MARIATEGUI sobre o papel e o lugar da 'comunidade indígena' em uma revolução de trajetória socialista" (Idem. p.31).

3. ECOSSOL: UM MODO DE VIDA

Nesse sentido, uma das principais contribuições nos chega da obra do mexicano Armando Bartra . Em uma de suas principais e mais recente obra (Hacia um Marxismo mundano.2016), Bartra debate com Linera sobre a aplicação do método usado por Marx em sua análise de "O Capital", em relação ao Modo de Produção capitalista, quando é aplicado para análise de Comunidades. Enfim, a questão da Rosa sobre a Coexistência de modos de produção, e que SINGER trouxe para o campo da economia solidária, vendo-a como um 'modo de produção.

Vejamos as ideias de Armando Bartra. Em sua obra "Hacia um marxismo mundano. La clave está en los Bordes" (2016), o teórico mexicano comentou o ensaio de Linera incluído na volumosa Coletânea publicada na Bolívia, " Karl Marx. Escritos sobre la Comunidad Ancestral" (2015). Linera faz uma introdução ao texto "Cuaderno Kovalevsky", e traz um ensaio sobre "La forma comunidade", que é o capítulo sexto de sua obra "Forma Valor y Forma Comunidad" (2009).

Bartra inicia caracterizando o objetivo de Linera:

Estamos frente a uma construção dialética que não ocorre por soma de dados, mas pelo desdobramento dos conceitos, uma construção intelectual que vai do simples ao complexo e do abstrato ao concreto-pensado. Como Marx em sua obra principal fez

com o modo de produção capitalista, aqui Garcia Linera busca construir o conceito de comunidade mostrando sua lógica imanente: não o que há nela de fático, mas se necessário(...). O texto segue o método de O Capital de Marx. (2016-p.123,124).

Mas, marca uma diferença entre os métodos de Linera e Marx: “A diferença de O Capital. Garcia Linera não se limita aí, pois se ocupa também dos processos de **dissolução da comunidade** e de seu transito a outras formas em que o trabalhador e seu ‘laboratório natural’ já não estão unidos, mas separados” (Idem)

Bartra destaca em Linera a busca de uma ‘outra possível transição da comunidade que mediante a revolução alcança uma forma superior, o comunismo. E, abordando a comunidade como forma social, Linera destaca a produção e reprodução físicas e também a produção simbólica, determinações econômicas e culturais, que remetem ao imaginário coletivo dos povos andinos. (Idem)

Contudo, destaca suas discordâncias com o método do boliviano: “a comunidade parece estar no princípio e no final, ser origem e destino “. Bartra critica sua ‘imagem teleológica”. (Idem).

“A comunidade não está só no passado que imaginamos e talvez no futuro que sonhamos. **As comunidades existem e resistem no presente**. E não só as de base agrícola, mas também todo tipo de coletivos. Então, mais que um estudo científico sobre as premissas imutáveis do que algum dia foi e algum dia será, estudar a forma comunidade é empreender uma reflexão sobre o que hoje é e luta fortemente para seguir sendo”. (Idem p. 124,125. Grifos nossos).

Bartra vai a questão central de seu raciocínio:” o método de Marx em O Capital funciona para um tipo de sociedade como a capitalista em que, mediante um salto transcendente que transformou sociedades com mercados em sociedades de mercado e para o mercado, a economia se impôs sobre o resto das relações sociais fazendo da ordem do grande dinheiro ‘um modo de produção’ em sentido estrito.(...).certamente, é um modelo cuja reprodução é intrinsecamente contraditória, que contém o germen de sua própria negação, mas que é um modelo econômico.”(p.125)

E põe sua principal conclusão:

As sociedades não capitalistas – justas ou injustas fraturadas ou coesivas- **não são só modos de produção ou formas de produção ou formas de produção, são modos de vida em que o simbólico e o material, o físico e o metafísico, a razão e o sentimento, o sonho e a utopia não estão cindidos**” (idem. Grifos nossos).

Adverte, também, “que não é impertinente abordá-las como modos ou formas econômicas – que também o são – e, seguindo um método comparativo e, às vezes, histórico genético, estudar seu parentesco com o capitalismo. Tarefa que fez Marx. ” (P. 125).

E que,

O impertinente nestes casos, e que ao contrário, é válido para o caso do capitalismo, **é buscar a chave explicativa das sociedades em um modelo econômico sobre o qual se apoia tudo o mais.** Se a metáfora estrutura-superestrutura funciona mal para a sociedade burguesa funciona pior para as outras”, conclui Bartra. (P. 126).

Afirmando que ‘as comunidades são muito mais que formas econômicas’, Bartra é de acordo que “Se pode fazer a ‘economia política’ da comunidade, e que é útil fazê-lo. A questão está em que “o caminho metodológico de O Capital pode resultar **uma camisa de força**, pois a sequência e mediações lógicas que valem para uma ordem essencialmente econômico podem não servir para uma que não o é. Ou mais bem, podem dar-nos **uma imagem falsa, ou ao menos unilateral e distorcida destes complexos e polifônicos mundos da vida.** Vida que se faz opaca quando a miramos pelo estreito olho da fechadura econômica”. (Idem. Grifos nossos).

Enfim, destaca a carta de Marx a populista Vera Zasúlich, sobre o papel da Comuna russa: “a comunidade estava ali resistindo, era uma força revolucionária e seu comunismo prefigurava o futuro” (p. 127).

Em outro ensaio mais recente, intitulado “Desde adentro y desde afuera de la utopia”, Bartra se remete a A. Gorz e define as chamadas sociedades pré-capitalistas como “Pré-capitalista e não, porque na realidade, estes microcosmos socioeconômicos camponeses em que o desdobramento do valor de uso em valor de troca não se impõe intrinsecamente como inversão e como predomínio do mercado e o lucro não são pré-capitalistas, mas

metacapitalistas ou transcapitalistas. Não reminiscências ou herança de outros modos de produzir, mas **sistemas de relações contemporâneas(...)** Espaços atípicos em que os camponeses, os artesãos, as comunidades indígenas e outras quimeras preservam e reinventam a diversidade produtiva, **consultiva** cultural como única estratégia viável de sustentabilidade e até de simples sobrevivência” (Revista ‘La Migrana’. num.19.Bolivia.2016. p.97. Grifos nossos).

No mesmo ensaio, a partir da reflexão de E. Mancel, Bartra traça outra reflexão fundamental sobre a proposta de uma Rede Global de Ecosol :

A diversidade convergente de **múltiplas práxis sociais**, de modo que **a construção das redes de economia solidária é compatível com a mais ampla pluralidade de perspectivas** (Idem. p.99).

Linera : **As Teses de POULANTZAS sobre o Estado Ampliado**

Vamos ao final de nossa viagem pela obra do boliviano A.G.Linera. Podemos abarcar os últimos ensaios de Linera a partir da Coletânea de ensaios publicada por Edición Txalaparta em outubro de 2016: “Democracia, Estado ,Revolución.Antologia de textos políticos”.No ensaio “Socialismo Comunitario,um horizonte de época” ,Linera apresenta 9 Teses, muitas delas , sobretudo a ultima, portam afinidades com as idéias de Singer.

A 2ª tese, de fundo luxemburguista denomina-se “ A acumulação primitiva perpetua”:

“Esta acelerada mundialização da produção tem dado lugar à subsunção formal, externa, dos processos de trabalho agrário comunais, não capitalistas ou pré-capitalistas,sob o mando da acumulação capitalista que se reproduz de modo contínuo –como um tipo de acumulação primitiva perpetua – empurrando de forma explosiva `as nações e classes indígenas de África, América Latina e Ásia, a ser forçosamente nações, classes e saberes “no” capitalismo, embora não sejam nações, classes e saberes “do” capitalismo. O indianismo político estatal, o indianismo resistente no México ou no Brasil e as lutas camponesas e indígenas em outras partes do mundo, são uma visibilização ativa desse pilar e contradição da nova etapa do capitalismo” (2016.pg.62)

E ,conclue na Tese 9 , “A comunidade universal: síntese de potencialidades objetivas e vontades intersubjetivas” , que :

“ Atrás do decadente poderio de um capitalismo planetário triunfante está o **poderio latente de um comunitarismo técnico**, ORGANIZATIVO E MORAL das nações e classes subalternas , porém unicamente COMO POTENCIA, TENDENCIA E POSSIBILIDADE MATERIAL .Para que essa potencia torne-se insurgência social se requer UM LONGO E SISTEMATICO ATIVISMO MOLECULAR COM VONTADE DE PODER; UM ATIVISMO INTERSTICIAL capaz de tecer vontades crescentes e materialmente sustentadas de lutas pelo poder; capaz de criar relações comunitárias expansivas, primeiro nacionais, depois continentais e por fim planetárias, que impulsionem o acúmulo de forças pressionadas e subsumidas pelo capitalismo. Ao final , a comunidade real será universal, planetária ou não será nada (*idem.p.70-71*).

NIKOS POULANTZAS : “Implantes” e “Estado ampliado”

Em outro ensaio, Linera resgata a obra de POULANTZAS: “Estado , Democracia y Socialismo”. Trata-se de conferencia no “Coloquio Internacional dedicado a obra de Poulantzas: um marxismo para o século XXI”, realizado em janeiro 2015 em Paris.

Vimos que SINGER , sem dúvidas , teve acesso a obra de Poulantzas “ , “ L’Etat, le Pouvoir le Socialisme”, publicada em Paris em 1978, e traduzida no Brasil pela Graal em 1980, ano em que Singer lançou sua brochura pela Vozes, “O Que é o Socialismo Hoje ?”.As 9 Teses de Linera, que se apoia em 7 Teses de Poulantzas portam profundas afinidades com as 8 Hipóteses de Paul Singer. Vejamos:

Linera inicia seu ensaio assinalando uma “trágico paradoxo” na obra de Poulantzas: um marxista que pensou sua época à luz da revolução, mas numa época em que o capitalismo estava estabilizado e o horizonte socialista se fechava. Linera aborda dois conceitos de Poulantzas, “Estado como relação” e “a via democrática ao socialismo”.O objetivo central de Linera é, a partir da caracterização do Estado como relação, traves do que chama de ‘A SUBVERSÃO INTERSTICIAL’ , apontar a via democrática ao socialismo.

Quando Poulantzas nos diz que o Estado é uma relação entre as classes possuidoras e uma relação com as classes populares, não só está criticando a leitura do Estado como coisa, como aparato externo à

sociedade, que foi a que deu origem às fracassadas estratégias elitistas ou reformistas de destruição ou de ocupação do Estado que supuseram, em ambos casos, a consagração de novas elites dominantes, seja pela via armada ou pela eleitoral(2016.pg.112).

Aqui, já estamos frente a afinidades profundas com a leitura de Singer da experiência do 'socialismo real'.

Segue Linera,

Porém ademais, Poulantzas também nos está convidando a refletir sobre o Estado como uma relação que busca a dominação, e não como o ponto de partida para explicar as coisas e estabelecer estratégias revolucionárias; mais bem como o ponto de chegada de complexos processos e lutas sociais que dão lugar, precisamente, à dominação. Então, a dominação não é o ponto de partida para explicar a sociedade, pelo contrário, o processo, o vir a ser, O CONTÍNUO ARTIFÍCIO SOCIAL CHEIO DE POSSIBILIDADES ,as vezes, de incertezas táticas, de ESPAÇOS VAZIOS DA DOMINAÇÃO, que são precisamente os espaços que habilitam a possibilidade da emancipação ou resistência (idem.pg.112-113).

Vemos a idéia dos IMPLANTES e das possibilidades e incertezas de ação, que Singer tratou em sua análise.

Ainda com Linera:

“Se a dominação não é o ponto de partida para explicar o mundo, mas um processo que se está criando dia-a-dia, que precisa atualizar-se e verificar-se no cotidiano, isto significa que ela não é um destino fatal ou inelutável. Justamente, é nos VAZIOS DA DOMINAÇÃO, NOS INTERSTÍCIOS DO ESTADO e na sua incerteza de realização, que se encontra latente no ninho , e surge a POSSIBILIDADE DA EMANCIPAÇÃO. Como o mostra a história das verdadeiras revoluções (...) (idem.pg.114).

No ponto sobre “A via democrática ao socialismo”, Linera traça algo como Teses de Poulantzas. “

(...).O socialismo entendido como a transformação estrutural das relações de forças entre as classes sociais, necessariamente tem que atravessar o próprio Estado, que por outra parte não é mais que a institucionalização material e ideal, econômica e cultural, dessa correlação de forças. E o atravessa justamente como a democratização substancial das decisões coletivas, da gestão do comum , como desmonopolização crescente da produção dos universais coesinadores; ou seja, como irrupção da democracia nas condições materiais e simbólicas da existência social”(idem.pg.

Linera nos apresenta “de acordo com Poulantzas, 7 características desta via democrática ao socialismo:

- 1) é um processo ,em que (...)
- 2) As lutas populares desenvolvem sua intensidade nas próprias contradições do Estado ,modificando as relações de força em seu próprio seio (...)
- 3) As lutas transformam a materialidade do Estado (...)
- 4) As lutas reivindicam e aprofundam o pluralismo político ideológico(...)
- 5) As lutas aprofundam as liberdades políticas, o sufrágio universal da democracia representativa.
- 6) Desenvolvem-se novas formas de democracia direta e de focos autogestionários.
- 7) Tudo isto acontece na perspectiva da extinção do Estado”.(idem).

Linera cita a obra de Poulantzas : “Estado ,poder y socialismo”.sigloXXI.México.2005.pp. 307-326).

Para Linera, a ‘via democrática’ por Poulantzas é um ‘longo processo’ e não se trata de um golpe de tomada do poder,assalto ao Estado, vitória eleitoral ou armada,muito menos um decreto.Cita Gramsci da ‘hegemonia’, Ernst Bloch do ‘principio esperança’ , e conclui:

Desde essa perspectiva, o socialismo não está associado à estatização dos meios de produção –que ajuda a redistribuir riqueza, mas que não um tipo de propriedade social nem o início de um novo modo de produção- ou a um partido único (que no caso de Lenin , foi uma excepcionalidade temporal frente a guerra e a invasão de sete potências mundiais).O socialismo não pode ser algo menos que a ampliação irrestrita dos espaços deliberativos e executivos da sociedade na gestão dos assuntos públicos e, com o tempo, na produção e gestão da riqueza social”(idem.pg.129).

Linera finaliza marcando um “tema central pendente” nos escritos de Poulantzas.Justamente, por ele não ter vivenciado uma experiência de construção socialista.mas, remarca que Poulantzas se antecipa 30 anos a seu próprio tempo,”soube ver além da derrota temporal que se aproximava para propor os pontos nodais do ressurgimento de um pensamento socialista”.

A lacuna é constituída pela “questão das FORMAS DE PROPRIEDADE dos recursos econômicos no socialismo, e da complexidade e dificuldade na CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS para implementar FORMAS DE PROPRIEDADE SOCIAL que vão além da propriedade estatal e privada capitalista (idem.pg.129-130).

Linera precisa melhor este último ponto em um ensaio de maio 2016, intitulado “Fim del ciclo progressista o processo por oleadas revolucionarias ? “ :

Trata-se da emergência de inéditas formas de democratização/dissolução do Estado e da dissolução de poder econômico nos setores subalternos, que são capazes de CRIAR NOVOS MODOS DE TRABALHO, DE GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO COMUNITARIOS/ UNIVERSAIS DA RIQUEZA. Nesta capacidade de auto-determinação da própria sociedade, e não mais do estado, se acha a chave que decidirá, no futuro, a possibilidade do passo do pósneoliberalismo ao póscapitalismo”.(Emir Sader etc.”Las Vias Abiertas de América Latina (2016.pg.33)

Sem dúvidas , são muitas as afinidades com as ideias de Singer expostas em suas 8 Hipoteses e na brochura “O que é o Socialismo hoje?”.

4. M.Lowy: pensar o Socialismo no Século XXI

Voltemos a Michael Lowy (junto com Samuel Gonzalez), em “ Apuntes para el socialismo del siglo XXI” (2012) afirma que “ A crise de civilização que vivemos hoje é o resultado de mais de dois séculos de modernidade capitalista, um processo histórico que nos conduziu a um panorama de miséria social e a uma temível crise ecológica que ameaçam a vida no planeta, que anuncia uma verdadeira crise de sentido para a vida e para história de nossas sociedades(...).Nos parece frente às experiências de luta social e política em nível mundial da última década, que hoje mais que nunca é necessário e coerente o horizonte socialista para este século, pois, frente à crise de civilização, o socialismo continua propondo e impulsionando a criação de um mundos em opressão nem exploração, sem propriedade privada nem Estado(...)A pergunta ,claro, ‘é que tipo de socialismo construir e sob quais supostos históricos e teóricos, o qual constitui o desafio que supera a uma única corrente teórica, a uma única corrente política, a um só autor. Por isto é importante ressaltar a

necessidade de consolidar um ambiente de diálogo permanente entre autores com a intenção de recriar nossos horizontes práticos e teóricos(...).Com a intenção de impulsionar um socialismo revolucionário e libertário, ao longo deste ensaio nos propomos uma abordagem e um resgate crítico, desde uma perspectiva marxista, de **três correntes teóricas e práticas** que na atualidade gozam de um peso significativo para as lutas das classes subalternas em nível mundial: **o Romantismo revolucionário, o Anarquismo e o Ecosocialismo**. Tudo isso com a intenção de construir uma perspectiva criativa para o socialismo do século XXI”. (<http://marxismocritico.com.2012/04/18>. Grifos nossos).

Sem dúvidas, a obra de Paul Singer faz parte desse resgate crítico! E, uma troca de saberes entre as obras de M. Lowy e P. Singer traria elementos fundamentais para o socialismo auto gestor.

Por exemplo, definindo o ‘ecosocialismo’ Lowy faz referências ao campo da economia solidária, além de se sustentar na perspectiva da autogestão. “Contra o fetichismo da mercadoria e a autonomização reificada da economia pelo neoliberalismo, o jogo do futuro está, para os eco socialistas, na **'implantação de uma economia moral'** no sentido que E.P. Thompson dava a essa expressão, ou seja, **uma política econômica fundada em critérios não-monetários e extra econômicos**: em outras palavras, a” reimplantação” do econômico no ecológico, no social e no político” (M. Lowy. Cortez. p.51.2005. Grifos nossos).

Mais adiante, Lowy volta ao tema: “Uma reorganização de conjunto do Modo de Produção e de consumo é necessária, fundada em critérios **exteriores ao mercado capitalista**: as necessidades reais da população (não necessariamente ‘pagáveis’) e a preservação do meio ambiente. Em outras palavras, **uma economia de transição para o socialismo, reinserta**” como diria Karl Polanyi (Idem. p.52. Grifos nossos).

E, retorna ao Thompson de “Costumes em Comum”: ” As primeiras reações, não apenas operárias, mas também camponesas e populares contra a mercantilização capitalista ocorreram em nome de alguns valores sociais, de algumas necessidades sociais consideradas mais legítimas do que a economia política do capital. Estudando esses movimentos de massa,

greves de fome e revoltas do século XVIII inglês, o historiador E.P. Thompson fala do confronto entre a “Economia Moral” da plebe e a economia capitalista de mercado(...) O socialismo moderno é herdeiro desse protesto social, dessa’ economia moral” (. Idem. p.70).

Lowy ainda em 2003, definia os ecos socialismo em um ensaio intitulado “Progresso destrutivo, Marx, Engels e a ecologia” (incluído depois na obra de 2011): ” Enfim, o eco socialismo implica uma radicalização da ruptura com a civilização material capitalista. Nessa perspectiva, o projeto socialista visa não apenas uma nova sociedade e um novo modo de produção, mas também um novo paradigma de civilização” (M.Lowy/J.M.Harribey.2003. p. 22).

Na ‘corrente luxemburgista’ brasileira, há três gerações marcadas por figuras como Mario Pedrosa, Paul Singer e M.Lowy. O pioneiro principal é Mario Pedrosa, quem também desde cedo despertou para a crise ecologia.

Em suas “Teses para o terceiro Mundo” (1978), Pedrosa inicia o ensaio com uma visão radical:

A crise atual é literalmente mundial [...] A obra do mundo sobre o planeta está em pane. Consertá-la, salvá-la, só será possível desta vez pelos grandes meios: uma Revolução de ordem total, global, universal e radical. Radical, porque descera até às raízes das coisas; universal, porque não poupará nenhum canto da terra; global, porque não era somente política ou social, mas científica, ecológica, ética. Ela deverá ser a última, porque, se não ocorrer, significará a abertura da crise em toda a sua potencialidade destrutora, cujas transformações sociais, políticas, físicas, ecológicas em seu seio terminarão por levar a humanidade ao fundo do abismo (Perseu.p.150.).

O contexto em que Mario Pedrosa escreveu suas Teses para o Terceiro Mundo, foi o da terceira fase do capitalismo, iniciada nos anos 1960, ele interrogava: “Mas de que são orgulhosos os imperialismos?”

No "Discurso aos Tupiniquins ou Nambas" (1975), afirmava:

“Na fase histórica em que estamos vivendo, o Terceiro Mundo, para não se marginalizar completamente, para não derrapar da estrada do contemporâneo, tem de construir seu próprio caminho de desenvolvimento que é forçosamente diferente do que tomou e toma o mundo dos ricos do Hemisfério Norte. A história cultural do Terceiro Mundo já não será uma repetição em *racoourci* da história recente dos EUA, Alemanha ocidental, França, etc. Ela tem que expulsar do seu seio a mentalidade "desenvolvimentista" que é a barra em que se apoia o espírito

colonialista” (p.). A civilização burguesa imperialista está num beco sem saída. Deste beco não temos que participar os bugres das baixas latitudes e adjacências. As populações destituídas da América Latina carregam consigo um passado que nunca lhes foi possível sobrepujar ou sequer exprimir, quer dizer, fazê-lo teoricamente [...] as vivências e experiências destes povos não são as mesmas dos povos do Norte. São muito diferentes, ainda que suas aspirações sejam contemporâneas [...] os pobres da América Latina vivem e convivem com os escombros e os cheiros desconfortáveis do passado [...], mas é aí que se passa o futuro (idem.p144.).

Além disso, Pedrosa que tinha escrito dois livros nos anos 60, ” A opção brasileira” (1966) e “A opção imperialista” (1966), assinala mais uma opção:

Aqui está a opção do Terceiro Mundo:

Um futuro aberto ou a miséria eterna [...] A tarefa criativa da humanidade começa a mudar de latitude. Avança agora para as áreas mais amplas e dispersas do Terceiro Mundo [...] existe mesmo em processo, em andamento um pouco por toda parte, um projeto a realizar, condição *sine qua non* para conceber o futuro [...] A única positivamente concebível como a tarefa histórica do vigésimo primeiro século [...] (IDEM.p.).

Talvez possamos pensar que Mario Pedrosa estava sonhando. Entretanto, as transformações globais ocorridas, sobretudo, na década de 1980, assinalando de vez uma crise de transição paradigmática, de esgotamento do processo civilizatório da modernidade – que Mario Pedrosa expressou nos seus textos dos anos 60! – Trouxe à tona muitas análises na mesma perspectiva de Pedrosa (NASCIMENTO. 2017. p.).

(Nascimento, Claudio. ” M.Pedrosa: a opção do terceiro mundo”. In: claudioautogestao.com.br ; ou: ” Revolução e Arte”. Revista Perseu.2017)

Vamos trazer algumas ideias recentes de M. Lowy sobre socialismo/autogestão. Três livros são importantes neste sentido:

1. “Écosocialisme. l’Alternative à la catástrofe écologique capitaliste”.Mille et une nuits.Paris.mai 2011);

Ou: “Ecosocialismo. A alternativa radical à catástrofe ecológica capitalista.ediciones Herramienta.Buenos Aires.2011)

2. “Affinités Révolutionnaires.Nos étoiles rouges et noirs”. (Com Olivier Besancenot).Mille et une nuits.Paris.aout 2014.

Ou: “Afinidades Revolucionarias. Nossas estrelas vermelhas e Negras”. Editora Unesp.2015.

3. “La Journée de Travail et le ‘Régne de la Liberté’.”. (Com O.Besancenot). fayard.Paris.avrill 2018.

Também alguns ensaios anteriores a esses acima:

4.” Capital contre nature” .M.Lowy/J.M.Harribey (orgs.). Actuel Marx.puf.Paris.2003.

5.” Ecologia e Socialismo” Cortez editora.SP.2005

A obra sobre “Ecosocialisme...”, é importante porque nela M.Lowy trata da autogestão e fornece exemplos concretos da planificação democrática. Deste modo, no Capítulo dois, sobre “Ecosocialismo e planificação democrática”, “Lowy trata dos temas que abordamos nesse ensaio sobre a obra de Paul Singer. Inicia por definir o ecosocialismo: “tem por objetivo prover uma alternativa de civilização radical ao que Marx denominou de “o progresso destrutivo do capitalismo” (Lowy.2011. p.41).

Vimos que Singer tratou dessa questão no estudo sobre o surgimento das cidades, apoio do nos Grundisse de Marx.

O sistema produtivo deve ser transformado em seu conjunto. O controle público dos meios e uma planificação democrática que leve em conta a preservação dos equilíbrios ecológicos são indispensáveis. Constituem os dois pilares do eco socialismo” (Idem. p.43).

Prossegue Lowy:

No Capital, livro III, Marx define o socialismo como uma sociedade em que ‘os produtores associados regulam racionalmente suas trocas com a natureza’. No livro primeiro, ele amplia sua visão: o socialismo é concebido como “uma associação de seres humanos livres que trabalham com os meios comuns de produção” (Lowy. 2011. p.44).

Para Lowy, a planificação democrática é associada à redução do tempo de trabalho, na perspectiva que Marx chamou do “reino da liberdade”: “o aumento do tempo livre é uma condição da participação dos trabalhadores na discussão democrática e na gestão da economia

e da sociedade”. (...) A concepção socialista da planificação é a democratização radical da economia” (Idem.p.45 e 46).

Segue Lowy: “É importante sublinhar que a planificação não é contraditória com a **Autogestão dos trabalhadores em suas unidades de produção**” (Idem. p.47. Grifos nossos).

E que, “A planificação socialista deve ser fundada sobre um debate democrático e pluralista, em cada nível de decisão. Indos de partidos ou de plataformas políticas, os delegados dos órgãos de planificação são eleitos e as diversas propostas são apresentadas a todos os que elas dizem respeito. Deste modo, a democracia representativa deve ser enriquecida –e melhorada- pela democracia direta, que permite as pessoas escolherem diretamente – ao nível local, nacional e, em último lugar, internacional- entre várias propostas. (Idem. p.48)

Sobre a participação de ‘técnicos ‘e ‘experts’, teriam sua participação limitada pelo controle permanente e democrático exercido pelos níveis inferiores, ali onde a **autogestão dos trabalhadores** se realiza no processo de administração democrática”. (Idem. p.50. Grifos nossos).

Lowy entra no tema tão caro à Singer, a UTOPIA. Trata-se de uma utopia? “A utopia socialista e ecológica é uma **possibilidade objetiva**”. Uma utopia militante, sem dúvidas!

E também aborda o tema da disputa pela hegemonia:

Não haverá transformação radical nem transição para o ecosocialismo enquanto as forças engajadas em um programa radical, socialista e ecológico, não se tornem hegemônicas, no sentido em que entendia o teórico italiano Antônio GRAMSCI” (Idem.p.56e 57).

Uma das questões principais que servem de exemplo para Lowy é dentro do campo da economia solidária: “La planificação democrática deverá tornar-se sua, como prioridade, a questão alimentar –tão crucial no Norte como no Sul e a **agricultura biológica camponesa, organizada em unidades familiares, cooperativas ou granjas coletivas**, com o objetivo de terminar com os métodos destrutivos e antissociais da indústria dos agronegócios” (Idem. p.

53. Grifos nossos).

Estas questões serão retomadas por M. Lowy junto com Besancenot no livro “Afinidades Revolucionarias” em 2014.

Na última obra dos dois teóricos, “A redução da jornada de trabalho e o Reino da Liberdade” (2018), temos uma análise de um século e meio de lutas dos trabalhadores, e a visão do tema da ‘redução da jornada de trabalho’ nos dias atuais de hegemonia neoliberal.

9. Algumas Hipóteses à Modo de Conclusão:

No ensaio escrito nos inícios da SENAES, intitulado “Do beco dos sapos aos canaviais de Catende” (2005), desenvolvi a ideia de uma **corrente autogestionária brasileira**, a partir de alguns elementos que poderiam constituir uma corrente no **campo da economia solidária**. Para elaborar estes elementos tomei como base a experiência da autogestão na França.

Estes elementos seriam:

- A existência de um forte movimento social de base, mesmo que fragmentado;
- Um campo de intelectuais críticos, dentro e fora das Universidades;
- Um campo cultural / editorial, interno e externo sobre autogestão/ecosol;
- Grupos de esquerda de variantes diversas;
- Um novo tipo de sindicalismo;
- Um campo legislativo sobre ecosol;

Hoje, acresceria, apoio de governo com sensibilidade democrática (políticas públicas).

Na época recorri a obra de Antônio Candido, “Formação da Literatura brasileira” para caracterizar a formação de um “sistema/corrente autogestionária”.

“Como no caso do Brasil poderíamos falar da existência de uma ‘corrente autogestionária’? Nos parece que tivemos muito mais, na linguagem de Antônio Candido, algumas ‘manifestações decisivas’ para o que, atualmente, poderíamos chamar de um ‘sistema ou rede’ (intelectuais, movimentos, políticas públicas etc.) com base na autogestão, ou, uma ‘corrente autogestionária’.

E, também, não havia na época que escrevi, o que Cândido chama de ‘causalidade

interna’, intelectuais ou movimentos que passem a tocha para os que vêm em seguida, caracterizando uma “tradição ou uma herança “sistemática. Outro elemento importante é a definição das fontes e matrizes destas primeiras manifestações. Em que experiências de outros países se inspiraram seus militantes”. E assinalávamos algumas ‘manifestações decisivas’ no Brasil, abordando uma ‘onda de longa duração’, desde os anos 20 até os anos 1990.

Retomava trabalhos de anos anteriores: primeiro, da brochura “Autogestão e economia solidária” (Revista ‘cidade futura’, Florianópolis.2000), especialmente da parte “A sensibilidade autogestionária”. Segundo, da brochura publicada pelo CEDAC em 1986, “As lutas operárias autônomas e autogestionárias”.

São questões postas na primeira metade dos anos 2000. O “Beco dos Sapos” é de 2005. Hoje, em 2018, com a experiência da SENAES (2003-2016), ou seja, 13 anos dos governos Lula/Dilma, como podemos responde-las? Antes de chegarmos a algumas conclusões, passemos um breve olhar nos debates e questões da experiência da França:

- A experiência da ‘corrente autogestionária francesa’

No que diz respeito as transformações sociais, isto é, as revoluções, o campo socialista sempre foi marcado pela discussão sobre a sua estratégia, principalmente, como articular dialeticamente “Reforma e Revolução”, título de uma obra fundamental de Rosa Luxemburgo. No campo da autogestão, esta questão tem suas particularidades, sua própria história.

Neste sentido, vamos buscar este debate tal qual se deu na Europa, especialmente na França. É rara a obra sobre Economia Solidária ou sobre Autogestão, que não se debruce sobre a questão:

A autogestão é possível apenas numa sociedade socialista ou pode existir dentro do capitalismo; e, se pode, que sentido tem, para qual horizonte deve apontar? Vimos que, Paul Singer, em seu “Utopia Militante” pôs esta questão em forma do que chamou de ‘implantes de socialismo’.

Eis um dos principais dilemas da autogestão:

- Trabalharmos a ‘experimentação autogestionária’ do dia a dia,

- Ou construirmos a “barca de Noé”, aguardando o “Grande Dia”, a Revolução?

Reforma ou Revolução, diriam outras; tudo ou nada? Nas palavras de Mothe: ‘diluvio’ ou ‘gota a gota’?

Entre as várias experiências históricas da autogestão, podemos assinalar duas que são paradigmáticas:

1) a da Iugoslávia, por seu caráter institucional; vimos o peso que teve nas ideias de Singer;

2) a da França, por seu caráter de movimento (não entendemos que o primeiro Governo Mitterrand signifique uma chegada ao poder da chamada ‘corrente autogestionária’).

A experiência Iugoslava, não fosse o grau de dilaceramento deste país ocorrido no início da década de 90, sem dúvidas seria o principal campo de pesquisas para aprofundamento de um série de aspectos do socialismo auto gestionário.

Penso, sobretudo, no campo da formação e da aprendizagem dos ‘produtores associados’, pois este regime durou algumas décadas, ao contrário de outras experiências que foram de curta duração. Albert Meister, pesquisador profundo desta experiência, destacou a importância do trabalho da formação realizado nos conselhos operários neste país.

Também, no campo da Pesquisa houve um trabalho profundo. Meister, em sua pesquisa, iniciada em 1959, um convenio realizado entre a “Ecole Pratique des Hautes études-Paris e o Institut des Sciences Sociales da Universidade de Belgrado, Meister dizia que:

“Diversas instituições de pesquisa –notadamente em Zagreb, em Ljubljana e em Belgrado – foram criadas para responder as necessidades de uma observação contínua do funcionamento dos organismos da autogestão”.

Por sua parte, a experiência francesa nos interessa de perto, seja por termos vivido uma parte dela (estágio de 3 anos na CFDT), seja por termos aprofundado teoricamente a política da autogestão. De certa forma, neste país houve uma convergência de ideias oriundas de vários países e experiências, por seus intelectuais e militantes terem fundado instituições de pesquisa, debates e estudos sobre a autogestão. O exemplo principal, foi o CRIDA* e sua Revista “Autogestion et Socialisme”. E, por ser palco dos debates entre diversas correntes marxistas. Portanto, foi dessa experiência que extraímos alguns elementos.

Esse processo francês chegou a constituir uma “Corrente Autogestionária”.

Esta experiência francesa, marcou profundamente a obra de Mothé, militante de

“Socialismo e Barbárie”, que nos anos 2000 visitou nossas experiências, ao participar de Seminário do grupo NESOL-USP.

A obra de Daniel Mothé, um dos mais fecundos militantes, e teórico da autogestão na França, é importante para nosso objetivo pois reconstruiu a história da ‘corrente autogestionária’ francesa.

Em um capítulo pequeno de sua obra “L’autogestion goutte à goutte” (1980), significativamente intitulado “A estratégia do tudo ou nada”, Mothe repõe o debate francês:

“Pensamos que a corrente autogestionária apareceu entre os anos 60 e 70, buscando uma resposta original ao problema da democracia e da centralização. Mas essa corrente não conseguiu suficientemente se separar de suas origens marxistas para oferecer uma resposta pertinente”.

Para Mothé, a ‘corrente pela autogestão’ nasce nos anos 60/70, mas isso não exclui uma ‘onda de longa duração’ dos embriões dessa ‘corrente’, já nos anos 40/50 com as lutas operárias, greve e ocupação de fábricas, que assinalavam a proposta da Socialização dos Meios de Produção, como por exemplo na História da metalurgia. E, a existência de uma crítica teórica através de publicações, tipo a Revista “Reconstruction”, que existiu de 1946-1972, que teve papel destacado na disputa de hegemonia no processo da CFTC para CFDT. (Vide :história da FGM,em:claudioautogestão.com). Várias outras revistas, tipo “Socialisme et barbárie”, “Sous le drapeau du socialisme”, etc. E, sobretudo, a famosa revista “Autogestion et Socialisme” com seus 40 títulos, de 1966 até os anos 80.

Façamos um breve parêntesis para contextualizar o debate na França.

Já no início dos anos 60, por iniciativa de G. Gurvitch, foi fundada a Revista **“Autogestion et Socialisme” (1966)**, neste mesmo processo, cabem a realização de duas Conferências famosas:

- 1) **A primeira “Conferência Internacional dos sociólogos sobre a autogestão e a participação”**, realizada em DUBROVINIK – Iugoslávia- em dezembro de 1972.
- 2) A segunda **“Conferência internacional sobre a autogestão”**, realizada em Paris, em setembro de 1978.

Esta segunda foi decorrência da primeira. Na Iugoslávia, houve a decisão de fundação de um centro internacional da autogestão, tarefa que coube ao Grupo de Estudos da Autogestão de Paris. Este Centro foi fundado em novembro de 1976, com o nome de **CICRA**

(centre international de coordination des recherches sur l'autogestion), agregado ao CNRS de Paris. Tendo toda documentação arquivada na Biblioteca da “Maison des Sciences de l'Homme”.

O que nos interessa, particularmente, em relação à ‘corrente autogestão da França, é que Yvon Bourdet, sem dúvidas o principal animador destas Conferências, junto com o Iugoslavo Rudi Supek, escreveu ensaio para Revista “Autogestion et Socialisme” (cahier n.22-23, Jan-Mars 1973), pondo em pauta a seguinte questão: “Autogestão, objetivo longínquo ou meio imediato da revolução”?

E, afirma: ” devemos diferenciar os que vêm a autogestão enquanto **objetivo final**, dos que a entendem e praticam imediatamente como **meio eficaz das lutas atuais**”

Este dilema será enfrentado por Daniel Mothe.

Bourdet, em seu relatório, na Revista “autogestion et socialisme”. (N.41-42, juin-sept. 1978), da 2ª Conferência analisa a questão:

À primeira vista, os ‘reformistas’ das condições de trabalho nas fábricas, não parecem poder dialogar utilmente com os ‘revolucionários’ da autogestão maximalista’ que rejeitam tanto o capitalismo privado quanto o modo de produção estatal dos países do Leste em favor de uma ‘utopia’ que, tudo indica, recusa todo paradigma. Todavia, uma compreensão mais modesta (e mais sociológica) do que ocorre atualmente nas sociedades industriais em evolução permite uma relativização dos pontos de vista que conduz as interrogações comuns” .

Os que fazem profissão de ‘revolucionários’ não deixam de defender que a participação e a democratização das relações de trabalho são os meios de tornar tolerável a exploração o capitalista e, portanto, de a perpetuar .

Mas, podemos igualmente dizer, no sentido inverso, (sem mais, nem menos meios de verificação) que os operários graças à participação, tomam pouco a pouco consciência de suas capacidades auto organizativas e correlativamente, da inutilidade dos atores e mais geralmente das estruturas hierárquicas do Saber-Poder de todas as minorias dirigentes.

Pode-se saber “para quem trabalha a velha toupeira” e essa tomada de consciência auto organizacional não constitui, pouco há pouco, uma acumulação primitiva que permitirá

uma mutação radical? “. (Grifo nosso).

E, conclui Bourdet:

A autogestão generalizada supõe um longo processo de transformação dos instrumentos, isto é, de todas as condições de trabalho E E' NESTE SENTIDO que o revolucionaríssimo radical não pode ser separado de um reformismo ilimitado

Enfim, Bourdet segue a linha de Rosa Luxemburgo, para quem: **“Os trabalhadores devem aprender a usar o poder usando o poder. Não há outro modo”**.

A “Autogestão Homeopática”

Voltando a Daniel Mothé, que em sua obra tentou superar o dilema ‘reforma x revolução’, através da ideia da ‘autogestão gota a gota’. Refletia sobre a ideia dominante nas esquerdas de que a autogestão é algo apenas para o Grande Dia da Revolução, a Grande Alternativa, só podia existir no Socialismo. Mothé contrapunha a esta visão, a ideia das experiências realizadas no cotidiano, a **“Autogestão Gota a Gota”**.

Seria uma espécie de dialética luxemburgiana de ‘reforma e revolução’? Muitos a dialetizam diabolicamente como ‘reforma ou revolução’? Tudo ou nada? Ao que a própria Rosa respondia: quem quer tudo ou nada, termina com nada!

Voltando ao Brasil, as experiências recentes de economia popular e solidária, em toda sua diversidade e extensão geográfica, parece-nos trazer à tona a dialética apontada por Mothe, traduzida em:

Por um lado, a autogestão é uma ideal e também uma estratégia e, como tal, realiza-se engravidando os processos históricos através de ‘experimentações’, articulando as experiências cotidianas com os sonhos e as utopias. Ou, por outro lado, é apenas uma política voltada para ‘amaciar’ os danos do capitalismo; ou mesmo, mais um elemento do ‘terceiro setor’.

Voltaremos as ideias de Mothé.

Vimos que a reflexão de Paul Singer, a partir de nossa experiência brasileira, retoma ou vai no mesmo sentido, quando nos fala de ‘implantes de socialismo’ ou de ‘utopia militante’. A autogestão trabalha em torno do “Real”, isto é, de sua totalidade enquanto ‘realidade’ e ‘possibilidades’. E que, há uma profunda diferença entre o que temos como ideia de socialismo/autogestão e sua aplicação como política pública no campo da economia solidária. Qual a natureza dessa diferença? É interna à teoria depende do tipo de Governo existente, a relação de forças dentro e fora do aparelho de Estado?

Nesse sentido, pensando num horizonte de longo prazo, articulando o movimento social da ecosol, suas experiências, com um horizonte utópico, como também coloca Singer, Thomas Coutrot analisou a experiência brasileira, para extrair uma estratégia política da autogestão.

T. Coutrot, que tem acompanhado a experiência brasileira de economia solidária, desde os tempos do Governo Olívio Dutra no RS (1999-2002), em sua obra “Democratie contre Capitalisme” (2005) aponta uma estratégia similar. Retoma o título da obra de P. Rosanvallon (A época da autogestão) .

Estas ideias sobre a autogestão nos remetem a obra de Miguel Abensour sobre “O novo Espírito Utópico”. Enfim, uma nova época da autogestão em correspondência à um novo espírito utópico: renascimento da autogestão e da utopia.

É muito interessante que na França, país em que a autogestão se tornou quase um ‘senso comum’, um militante marxista retome a questão, desta vez, relacionando-a com os debates que estão se processando sobretudo no Brasil.

Em finais de 2004, um grupo de sindicalistas, militantes e outros setores da ‘esquerda francesa’ se reuniu sob o nostálgico título de “A autogestão: o que sobrou de nossos amores”, (inspirados em uma música clássica e popular francesa dos anos 40-50, “que reste-y-til de nous amours? Cantada por Charles Trenet), para tentar entender o porquê do ‘abandono’ por eles mesmos da autogestão, no momento em que ela ‘renasce’ em várias experiências em

curso em diversos países.

Apesar desse sentimento melancólico, da ‘velha guarda’ francesa ligada à autogestão, a partir do seu renascimento via economia solidária nos países do que se chamava ‘terceiro mundo’, novos pensadores estão abordando estas questões. Por exemplo, T. Coutrot do-lhe um novo sentido: “A nova época da autogestão.

Retomando a obra de Pierre Rosavalon, intitulada “A idade da autogestão” (“L’ age de l’ Autogestion”, 1976), Thomas Coutrot nos traz um capítulo intitulado “A Nova Idade da Autogestão”.

E, o principal capítulo em que aborda uma estratégia autogestionária atual, intitula-se “A Democracia Econômica Participativa”:

“A renovação da democracia só poderá ocorrer com um movimento de responsabilização dos indivíduos em suas atividades cotidianas de trabalho: os cidadãos devem poder tomar as decisões elementares frente à produção, as condições de trabalho e de remuneração, o emprego, as relações de trabalho, etc. A autogestão é o horizonte deste movimento de responsabilização – é fundamental ter um horizonte...A renovação sindical, a ação de negociação coletiva sobre uma base de relação de forças, o desenvolvimento de novos direitos e de alianças sociais, são objetivos mais imediatos e operacionais para avançar. Mas, a perspectiva autogestionária pode ser o horizonte destas lutas. Com a condição de superar o nível da empresa, para oferecer à democracia política um projeto credível de controle do desenvolvimento social em seu conjunto.

A questão é de saber qual modelo econômico e social global pode dar corpo à este triângulo pós-liberal que religaria socialismo autogestionário, liberdades políticas e democracia substancial”.

Para Coutrot, ‘esboça-se uma possível estratégia de transformação social global com base em uma complementariedade dos papéis de diversos atores: poderes públicos nacionais e internacionais; ONGs de vários tipos; assalariados, movimento ‘altermundialista’ etc. Esta estratégia está em curso nas orientações atuais do movimento social mundial e pode ter uma grande adesão popular. Vista isoladamente, ela não questiona a fundo o capitalismo, é mais um tipo de restrição aos limites do capital. Ela requer uma forte mobilização popular, uma onda de politização e de contestação social ainda mais forte que a de 1968. A hipótese é que, as atuais manifestações ‘altermundialistas’ são apenas as premissas deste movimento.

Esta perspectiva tem originalidades em relação as estratégias clássicas socialistas e comunistas. Nenhuma força social específica detém a hegemonia: assalariados e organizações têm um papel decisivo, mas lado a lado e igualmente com os movimentos camponês, ecológico, feministas, culturais, unidos em uma aliança com base em consensos. Ela porta uma dimensão mundial.p.192,193

Para Coutrot,

Nesta guerra de posição, a economia solidária e o controle cidadão combinam suas conquistas para limitar o poder do capital. Poderiam, desta forma, por suas ações complementares, fazer emergir uma alternativa à hegemonia capitalista no campo econômico. Trata-se de uma alternativa anticapitalista: não se trata de reformar este ou aquele ponto. Trata-se de germinar hoje um modo alternativo de funcionamento da economia e da sociedade (p.194).

O socialismo autogestionário significa, então, para Coutrot, uma democracia econômica socialista caracterizada pela autogestão das empresas, pela propriedade social, pela politização dos mercados e pela socialização das decisões de investimento. Podemos chamar de “democracia econômica participativa” (p.).

“Na esfera econômica dois movimentos são decisivos: as resistências contra as empresas multinacionais e seus laços políticos; a emergência de uma economia solidária, expressando à aspiração popular pela autogestão.

Frente à questão da ‘propriedade privada do capital’, não há outra resposta para o movimento social que aprofundar as exigências de democracia em todos os domínios, e incluindo a economia. Apropriação social dos principais meios de produção e definição democrática das prioridades de investimento; é um projeto socialista.p.222

“Mas, diz Coutrot:

A gramática socialista-comunista está em profunda crise e não é seguro que será reapropriada pelos movimentos sociais no futuro. De toda forma, o projeto socialista deve ser profundamente renovado à luz da experiência das lutas atuais e passadas (p. 222

Por fim, Coutrot analisa a obra do Secretário da Ecosol no Governo Lula, Paul Singer:

“Propõe-nos uma reflexão fundada sobre a história do movimento operário internacional e dos avanços da economia solidária no Brasil e na América Latina. Sua concepção de uma “transição para economia solidária” me parece particularmente pertinente:

“A conquista de uma economia socialista será provavelmente o fruto do avanço do movimento operário e socialista em várias frentes: a extensão da democracia do domínio político ao domínio econômico e social:

1. A participação da população organizada na elaboração de orçamentos públicos e na gestão de equipamentos escolares ou sanitários;
2. A conquista de governos locais e regionais pelas coalizões de esquerda que executem imediatamente políticas socialistas, notadamente, de apoio e de incentivo à criação de empresas autogeridas;
3. Novos direitos para a representação operária nos locais de trabalho, como, por exemplo,
4. O direito ao exame das contas das empresas e a participação nos seus centros de decisão;
5. Enfim, a construção de um setor de economia solidária na cidade e no campo, principalmente nas terras conquistadas com a reforma agrária, ou a produção, a distribuição e o consumo, o crédito e a previdência, formando um conjunto harmonioso em que os diversos elementos se reforçam mutuamente”.p.222-223

Frente a um capitalismo mundializado, tentei mostrar neste trabalho que esta estratégia participativa não pode, entretanto, confinar-se em um quadro nacional nem depender só do movimento operário e socialista, mas deve ter uma visão internacionalista e uma base social muito ampla (p.223).

Assim, ‘ emerge uma verdadeira ‘estratégia participativa’ para sair do capitalismo e construir um socialismo democrático”, conclui Coutrot.P.223

Sobre a possibilidade de uma ‘corrente autogestionária’, voltemos a Daniel Mothé. Ele divide a ‘Corrente Autogestionária’ em duas categorias de população:

1. Os Intelectuais de Origem Marxista, que viviam fora dos aparelhos políticos e que criticavam o leninismo com o objetivo de elaborar um projeto de funcionamento auto gestionário. Era uma corrente maximalista que pôs muito alto seu ideal.

Neste sentido, Mothé cita Bourdet e Guillerme:

Ao passo que a participação, o controle operário e as cooperativas apenas dizem respeito a produção e a economia, a autogestão é uma transformação radical, não apenas econômica, mas da política (como gestão reservada à uma casta de políticos), para criar um outro sentido da palavra política: a saber, a tomada em mãos sem intermediários e em todos os níveis de todos os ‘negócios’ para todos os homens(p. 33)

Os maximalistas construíram seu projeto autogestionário, polindo sua utopia até à perfeição. A revista “Socialismo ou Barbárie”, em seus últimos anos dedicou uma parte de sua pesquisa a este respeito.

Na mesma linha de abordagem, Mothe cita, além de Bourdet et Guillerme (Cleps pour l’autogestion”), as obras de Castoriadis (“Lê Contenu du Socialisme”); e, Daniel Chauvay (“Autogestion”). Todas dos anos 70: 1977, 1979 e 1970, respectivamente.

A outra categoria que formava a corrente autogestionária será sobretudo composta de **Militantes Sindicais ou Políticos**, Uma grande parte de origem cristã, buscando construir um caminho entre o totalitarismo estaliniano do PCF e o oportunismo da SFIO.

As ideias expressas pelos maximalistas lhes ajudaram a formular sua orientação, tanto na CFDT quanto no PSU. Mas a fraca margem política na qual se engajaram estes militantes, limitou consideravelmente o rigor e a originalidade de sua política”.(idem)

A CFDT é um caso à parte. Para Mothe, que militou nesta Central Sindical, buscando

se diferenciaram da política da SFIO, e se aproximando da CGT, levou a CFDT a buscar uma linha própria de ruptura com o capitalismo; “O que conduziu em definitivo os militantes da CFDT a se proibirem toda dinâmica reivindicativa que permitisse a realização dos princípios auto gestionários que defendiam” (p.34)

Se, os maximalistas recusam o reconhecimento de quaisquer experiências de autogestão no capitalismo, como poderiam estes militantes sindicais se lançar em experiências de autogestão? Pergunta Mothe.

Deste modo, não podiam levar em conta os problemas concretos dos militantes nas empresas nem a necessidade que tinham de construir uma nova estratégia.

Os maximalistas ficaram presos à ideia de uma ruptura brutal com o sistema capitalista e, assim, retomaram a ideia da “Grande Noite”. Como consequência, ninguém podia ajudar o pragmatismo dos militantes da CFDT a sair do campo teórico do leninismo; nem os reformistas nem os autos gestionários maximalistas.

O que explica, mas não desculpa, que a corrente autogestionária tenha ficado apegada ao leninismo e que não deu origem a nenhuma estratégia política verdadeiramente nova na França.

A racionalidade da sociedade autogestionária era pensada para além do capitalismo e, assim, virou uma utopia abstrata. A autogestão foi concebida para uma economia totalmente socializada: propriedade privada e autogestão eram consideradas como totalmente incompatíveis, o que levou o projeto à uma etapa distante e interditou toda experimentação .

A autogestão ficou como uma teoria universal que somente poderia existir fora da influência do capitalismo. Pouco se poderia ajudar os militantes dentro das fábricas, nas seções sindicais; pois, a única resposta ao sistema global do capital era outro sistema também global”. Conclui Mothé (p.34).

A retomada das práticas de autogestão, na década de 90, em muitos países, significa a abertura de um campo imenso de ‘experimentações’, sob o nome de economia popular e solidária. Sem dúvidas, isto se passa em um novo ciclo do sistema capitalista e das lutas.

Como nestas novas ‘experiências’, articulam-se estes dois espíritos: o do projeto

estratégico a longo prazo, a utopia concreta; e, a ‘experimentação’ cotidiana de milhares de cooperativas, associações, redes, cadeias produtivas, etc. São muitas as questões:

Estas experiências em curso portam a radicalidade de lutas antagônicas ao capital? São lutas que apontam para “Além do Capital”? Questionam radicalmente os três eixos do sistema do capital: o próprio Capital, o Trabalho Assalariado e o Estado?

Em caso contrário, pelo menos portam ‘potencialidades’ nesta perspectiva. Podemos mesmo afirmar que a Ecosol ‘engravidou’ a história de elementos da autogestão.

OS CICLOS DA ECOSOL E SUAS FASES (de 1974/78 até 2016/18)

Vamos abordar a ecosol numa teoria de ciclos de ‘longa duração’, mas não levando em conta uma temporalidade que chamamos de ‘ancestral’, de comunidades afro-quilombolas, feministas e indígenas.

Podemos apresentar uma **primeira hipótese**: extraindo dos elementos que compõem o que chamamos de corrente pela autogestão, é possível afirmar que no Brasil, **superamos um primeiro ciclo**, baseado em ‘momentos decisivos’ da Ecosol, com as experiências dos anos 80/90. Abriu-se um segundo Ciclo que foi de 2003/2016, com uma inflexão em 2013.

E, nossa **hipótese número um**: nesse ciclo se formou, ainda não consolidada, processual, mas irreversível, uma corrente pela autogestão.

O fim desse segundo ciclo, que foi baseado em sistematização político-orgânica e teórica de movimento social e políticas públicas, ocorre com o Golpe de 2016, que instalou uma primeira curta etapa de um “Estado de exceção”, estabelecendo um ‘equilíbrio catastrófico’ de curta duração, e consolidando dois anos, depois o “Estado de exceção” (que pode derivar , a depender da luta de classes, para um regime militar, um bonapartismo reacionário ou mesmo um regime de tipo fascista) com a eleição do Governo Bolsonaro em 2018.

É muito importante ressaltar que a duração deste segundo ciclo (de início da ecosol como sistema/projeto), foi de apenas 14 anos (2003-2016), do ponto de vista da História é muito curto.

Por exemplo, o ciclo anterior , que chamamos de ‘momentos decisivos’ , (experiências da origem da ecosol), teve duração de duas décadas: segunda metade dos anos 70 (74/78), quando se iniciou o ciclo de fluxos das lutas sociais, que marcou os anos 80, (na Europa se encerrou com as lutas na Polônia, em 1981), retardando a implantação do neoliberalismo no Brasil, (iniciado no Chile em 1973, na Europa/EUA em 1979), e foi até 1988/89, quando teve seu ápice com a Constituição de 88, e o ‘quase lá’ de Lula à Presidência.

Então, após a eleição de 89, se inicia o ciclo de refluxos das lutas sociais, abrangendo todo os anos 90 até as eleições de 2002. Houve então a quebra da onda liberal conservadora, não por um fluxo das lutas sociais, mas pela eleição presidencial de Lula, 13 anos após o 89.

Portanto, um Ciclo com duas fases: a fase de fluxo de 1975-1988 (13 anos), e uma fase de refluxo de 1989-2002 (14 anos), ao todo são 13 mais 14 anos: 27 anos.

No ciclo seguinte, a fase de fluxo vai de 2003 até 2016, isto é, 13 anos; a de refluxo se inicia em 2016/18 ... (pela nossa frente mais 14 anos ?!).

No ‘momento atual’, em 2018, uma **segunda hipótese**, o Estado de Arte da ecosol no país porta alguns elementos que significam conquistas em vários campos para as lutas de resistência a curto e médio prazo, e, para retomada de um horizonte estratégico também a médio (acumulando forças) e longo prazo. E que esta retomada de um ciclo de fluxo das lutas sociais e democráticas, no campo da ecosol sinaliza um ciclo superior ao dos ‘momentos decisivos’.

Uma **terceira hipótese** e um desses elementos é a ‘existência de uma corrente pela autogestão’, que na conjuntura em curso ficou desprovida de um dos seus pontos de apoio, o das políticas públicas em nível federal, mas que continua a sua existência subterraneamente, através de centena ou milhares de ‘experimentações’ em todos os campos da vida social e por todo o país.

Uma **quarta hipótese**, apontar alguns exemplos, do findo segundo ciclo, que ainda demandam uma mais profunda sistematização teórico-política, mas que, são estruturantes de um “acúmulo de classe” (Rene Zavaleta), e “Recursos para contra-hegemonia” (R. Williams), ou seja:

A existência, em primeiro lugar, de um amplo movimento de base na economia solidária/autogestão, talvez disperso/fragmentado; uma pluralidade de tipos de economia com existência histórica diversa (modo de produção ou modo de vida); a formação de Redes e cadeias; a ecosol desenvolvendo experiências em todos os níveis do “metabolismo Social”, desde a produção, consumo, educação, tecnologias, até as finanças solidárias;

A existência fundamental de um Projeto estratégico da ecosol, elaborado em várias Conferências e Plenárias realizadas no ciclo 2005/2016;

A Existência de inúmeros acúmulos teóricos sobre temas como, Educação e Autogestão, Território etc., resultado de Conferências Temáticas e oficinas de formação;

A existência de intelectuais, na academia ou fora, que trabalham temas do campo da ecosol/autogestão; nesse sentido, recuperar o legado de Paul Singer é fundamental;

A existência de militantes sindicais (sobretudo no campo da CUT e Conlutas e Nova central), de instrumentos da CUT no campo da ecosol, tipo ADS, UNISOL. E de Militantes políticos, dentro ou fora dos parlamentos em níveis local, estadual e federal;

A existência de estruturas políticas da Ecosol, tipo Fóruns em todos os níveis, que, apesar de muitas debilidades, são instrumentos de luta que podem ser empoderados;

A existência de legislação aprovada em alguns níveis, sobretudo local e estadual; permanece a lacuna de uma legislação em nível federal;

A existência de uma produção teórica de peso; hoje, temos o que Antônio Cândido chamou de ‘causalidade interna’, teóricos e militantes que portam uma chama para passar adiante, seja produção teórica ou exemplo de vida (como o de Sandra Magalhães e Ademar Bertucci e outras);

A existência no campo da **educação** de um conjunto de documentos sobre a pedagogia da autogestão/ecosol, produzido nas Universidades (em quantidade e qualidade de grande valor), mas, sobretudo, nas redes do próprio movimento da ecosol, como as sistematizações da Rede CFES;

A existência na própria obra de Singer, com destaque para o período da SENAES, de ideias fundamentais para construção/aprofundamento da ‘educação na economia solidária’;

A existência de correntes no campo das esquerdas marxistas relacionadas a ecosol (por exemplo a DS, a mais antiga delas, mas não a única);

A existência de estruturas de nível superior, órgãos como a COBAS, articulando coordenações nacionais; e também, no aparato de governo/Estado, como os Conselhos, em nível nacional o CNES e, em nível estadual e municipal;

A existência de uma produção teórica sobre o Socialismo/Autogestão no PT, como vimos Singer salientar em sua obra; para ela contribuíram teóricos de gerações passadas, mesmo que isolados, como Mario Pedrosa, Mauricio Tragtember etc.;

A existência de um campo crítico à ecosol; na bibliografia apontei algumas obras; sem dúvidas, é fundamental o diálogo e debate nesse campo;

A existência em nível internacional de uma REDE, a Riless;

A existência, por último, mas não menos importante, um Conjunto de experiências de políticas públicas em todos os níveis.

Paul Singer pautou o desafio que temos pela frente:

O movimento da economia solidária tem sido guiado, sobretudo, por necessidades imediatas. **Agora ela precisa ser analisada criticamente** para que teorias bem fundamentadas permitam delinear sua **possível trajetória futura** e a transformação social e econômica que poderá induzir. Em analogia a um celebre debate, há necessidade de uma teoria de transição para a ‘economia solidária’ como modo de produção dominante (NASCIMENTO.2018. Grifos nossos).

Enfim, sobre esse ‘acumulo de classe’, não prevalecerão as portas do inferno!

BIBLIOGRAFIA

ALVES e SINGER. Mario Alves e Paul. Análise do Plano Trienal. Editora Universitária da UNE. Rio de Janeiro.1963

SINGER, Paul. Aprender Economia. Ed. 01. Editora contexto. São Paulo.1998

_____. Dinâmica de La Poblacion Dessarollo. Siglo veintiuno editores. Buenos Aires.1971

_____. Economia política da urbanização. Editora brasiliense. São Paulo.1973.

_____. Desenvolvimento econômico e evolução urbana. Cia. Editora nacional. São Paulo.1977

_____. Economia política do trabalho. Hucitec. São Paulo.1977

_____. Curso de Introdução a Economia Política. Forense universitária.1979

_____. O Socialismo. Em: Aprender Economia. Editora brasiliense.sp.1983

_____. O que é o Socialismo hoje? Vozes.Petropolis.1980

_____. Uma utopia militante. Repensando o socialismo. Vozes. Petropolis.1998

_____. Introdução à Economia Solidária. Editora Fundação Perseu Abramo.São Paulo.2002

-Um Governo de esquerda para todos. Luiza Erundina na prefeitura de São Paulo (1989-1992). Editora brasiliense. São Paulo.1996

- -Oito hipóteses sobre a implantação do socialismo via autogestão. Revista Temporaes.fflch/Usp.1999

-Economia Socialista. (com João Machado). Edit.f, Perseu abramo.sp.2000

Outras obras/Ensaio:

-O feminino E o feminismo. Em: O Povo em Movimento. Vozes/Cebrap.1980

-São Paulo 1975, crescimento e pobreza. Edições Loyola.1981

-Economia Solidária no Brasil.CUT.2000

-Desafio à solidariedade. Unitrabalho.sd

-A cooperativa é uma empresa socialista. Em; Sindicalismo & Cooperativismo.Unitrabalho.sd

- Desemprego e exclusão social. Em: Um olhar que persiste. Ensaio crítico sobre o Capitalismo e o Socialismo. Anita Garibaldi.sp.1997

-A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. Em: Boaventura de Souza Santos (org.). Produzir para viver. Civ.brasileira. Rio.2002

-Economia Solidária (verbete). In: A outra economia. Veraz editores.RS.2003

-Crise do trabalho e economia solidária (Seminário em Recife).1998

-Prefácio à “Empresa social e globalização”. ANTEAG. sp.1998

2.Coletaneas:

- Paul Singer. Ensaio sobre economia Solidária. Edições Almedina. Coimbra.jan. 2018

- Paul Singer. Urbanização e Desenvolvimento. Fundação P. Abramos/autentica. São Paulo.2017

- Paul Singer. Desenvolvimento e Crise. Difel.São Paulo.1968/1977

3.Outros livros:

-A formação da classe operária. Atual editora. São Paulo.1985

-O Capitalismo. Editora moderna. São Paulo.1987

-Globalização e desemprego. Contexto. São Paulo.1999

- Guia da inflação. Vozes. Petrópolis .1982
- Ensaio em revistas:
- Novos Estudos Cebrap. N. 48. Julho 1997
- Estudos avançados.vol. 2-Num 3.set-dez-1998
- Revista economia política.vol. 2, n.3-julho-setembro/1982
- =====. Vol. 1, n.1, janeiro-março 1981
- Revista Debate & Critica, número 1-1973
- =====
=====
=====número 3-1997
- =====
=====número 4.1974
- Revista civilização Brasileira. Número 2- maio 1965

Para **fazer referência** de um **livro** deve-se escrever da seguinte forma: **SOBRENOME DO AUTOR, Prenome. Título: subtítulo. Edição. Local de publicação: Editora, ano de publicação.**

4. Introdução/apresentação

- Luxemburgo, Rosa. “A acumulação do Capital”. Abril Cultural.SP.1984
- Mandel, Ernst. “O capitalismo tardio”. Abril Cultural.SP.1982
- Marx, Karl. Editora Atica.SP. 1983

5. na SENAES:

- A Economia Solidária no Governo Federal. Em: Gestão pública e sociedade. Outras Expressões. Sp.2011
- Os oito primeiros anos da Secretaria Nacional. Em: A economia solidária na América Latina.Soltec/Riless.Rio.2012
- Economia Solidaire et parti des Travailleurs au Brésil (com V.Schiochet).em: Mouvements sociaux et économie solidaire.D.de Brouwer.Paris.2017
- La construcción de La economia solidária como alternativa ao capitalismo.(com V.Schiochet).B.Aires.2016
- Silva, Roberto Marinho Alves. “A economia solidária e os novos paradigmas de desenvolvimento:sustentabilidade, solidariedade e territorialidade” Texto para debate na SENAES. Versão março 2004.

6. Entrevistas/Biografias

- Paul Singer.militante por uma utopia (Memorial/USP).Edusp.2013

- Costa-Filho, Alfredo. "Paul Israel Singer". Estudos Avançados/USP. N.43. 2011
- Agnaldo dos Santos. "Paul Singer, um militante por uma utopia". Mouro-revista marxista. Número 7. Set.2012.
- Paulo de Salles Oliveirais: Uma outra economia é possível. Editora contexto.sp.2003
- Fernando Haddad. Em: Desorganizando o consenso. Editora Vozes/fundação P. Abramo.Petropolis.1998
- Isabel Loureiro (org.): Socialismo ou Barbarie. Rosa Luxemburgo no Brasil. Instituto Rosa Luxemburgo.sp.2008
- Joel Guimaraes/PP.Quintal, em portal Brasil Debate, 2014
- Egeu Esteves e Cris Andrada. Revista Estudos Avançados/Usp.2018
- Boletim "Catende se comunica".2009
- Paul Singer e a economia solidária. Ricardo Souza, A./Cunha Gabriela/Dakuzaku, Y. Regina. Editora Contextos. 2003.
- Mantega,G./Jose Marcio: conversas com economistas brasileiros vol.2.Editora 34.São Paulo.1999
- Rovai,Renato/Anselmo Massad.disponivel em <http://www.revistaforum.com.br>.2004
- Vannuchi, Paulo/Rose Spina.Revista Teoria & Débate.2005.
- Oliveira, Paulo de Salles.Estudos Avançados. Setembro 2008
- Aline Mendonça. Entrevista para o Projeto ALICE Interview n.12. 2014
- "Nós que amávamos tanto O Capital.Leituras de Marx no Brasil".Boitempo.2017
7. Sobre o "DROR" (Kibutz) , PSB , Yugoslavia e Solidarnosc (Polônia)
- Pinsky, Carla Bassanezi. "Passaros da Liberdade.jovens,judeus e revolucionários no Brasil".Contexto/Fapesp . 2000
- Iokoi, M.G. Zilda. "intolerância e resistência.a saga dos judeus comunistas entre a Polônia,a Palestina e o Brasil (1935-1975).Humanitas/Univale.2004
- Pinsky, Jaime. "Sionismo:ideólogos e ideologia".Revista debate & critica.n. 2. 1974
- Spindel, Cheywa R.: "Homens e Máquinas na Transição de uma Economia Cafeeira".editora Paz e Terra .1980.São Paulo.
- Vieira, Matos Luiza Margarida."O Partido Socialista Brasileiro e o Marxismo(1947-1965).em:História do Marxismo no Brasil.Volume V. editora Unicamp.2002

=====”Semeando democracia.A trajetória do socialismo democrático no Brasil”.editora Palesa.sp.1995

-Hecker, Alexandre. “Socialismo Sociavel.História da esquerda democractica em São Paulo (1945-1965).

-POLOP. Centro estudos Victor Meyer.2009

-Desroche, Henri.” Au pays du Kibboutz”.USC.Balê.1960

-Desroche, Henri. “ Opération Mochav”.Éditions Cujas. Paris. 1973

-Meister, Albert. “Socialisme et Autogestion.L’Expérience Yugoslave”.éditions du Seuil.Paris.1964

-Nascimento, Claudio. “ Rosa Luxemburgo e Solidarnosc”.Loyola. 1986

-=====”As lutas operárias autônomas e autogestionárias.Cedac.Rio. 1986

8. Entrevistas com Michael Lowy.

- “Um intelectual marxista”. Revista TEMPO.Relume Dumara.UFF. vol.1-n. 2.dezembro 1996

- Revista “Margem Esquerda”n. 4. Boitempo editorial.sp.2004

- Isabel Loureiro (org.). socialismo ou barbarie.Rosa Luxemburgo no Brasil.2008.Saõ Paulo

-

9. Ensaio de/sobre M. Lowy:

-Judeus heterodoxos, messianismo, romantismo e utopia.Perspectiva.SP. 2012

- Sobre o livro de Loureiro /em: ” Rosa Luxemburgo e os dilemas da ação revolucionaria”. Editora Unesp.1995.

-Querido, Fabio Mascaro. “Michael Lowy.marxismo e critica da modernidade”.Boitempo.sp. 2016

- “As utopias de Michael Lowy.reflexões sobre um marxista insubordinado. Boitempo. 2007

.Lowy,M. “Écosocialisme”.éditions Mille.et.Une.Nuits.Paris.2011

. Lowy,M. ”Affinités Révolutionnaires” (com Besancenot).Idem.2014

.Lowy, M. “La journée de travail et le ‘régne de la liberté’.(com Besancenot).fayard.paris. 2018

-Lowy,M. "Ecologia e Socialismo".Cortez.sp. 2005

.Lowy,M. "La alternative radical a la catástrofe ecológica capitalista".Herramienta.el Colectivo.B.Aires.2011

.Lowy.M. "Progrés destructif.Marx,Engels et lécologie".em: "Capital contre nature".M.Lowy –Harribey,Jean-Marie (direction).ActuelMarx/Puf.Paris. 2003

10. Biografias de Singer:

-Aline Mendonça. "Paul Singer, uma vida por outra economia".2018 (primeira biografia

Sobre Singer).2017

-Biografia intelectual. Disponível no Site de Singer (paulsinger.com.br)

11. sobre Educação:

-Singer ."E´possivel levar o desenvolvimento a comunidades pobres(agentes desenvolvimento solidários).SENAES.2004

-Singer . " A economia solidária como ato pedagógico".em: Economia solidária e educação de jovens e adultos". Sonia Kruppa(org.). INEP. Brasilia.2005

-Nascimento, Claudio. "Experimentação autogestionária: autogestão de pedagogia e pedagogia da autogestão". Em: "Trabalho, educação e reprodução social". Editorial Práxis /Ret.Bauru.2013

==== . "Uma mutação cultural: de 'celetista' e/ou 'sindicalista' para 'auto gestor'". Coleção do PNQ.volume 2. Brasilia.2005.

==== . "Autogestão na Pedagogia". ensaios.IEEP.sp. 2011

- ==== . "Autogestão e economia solidária". Cadernos 'cidade futura'. n.2.florianopolis. 2000

==== . "A autogestão reinventando Paulo Freire". Em: em: claudioautogestao.2017

.==== . "Economia solidária: uma economia 'abigarrada'. Em: (claudioautogestao.com.br).2016

.==== ."Poder Auto gestor e Comunal na América Latina". "Massa Critica" n. 56. PACS.Rio.2011

.==== . "A educação em economia solidária (pedagogia e autogestão) ". Texto para debate em Oficina do Projeto Redes de Cooperação solidária. ADS-CUT/SENAES.2014. (Disponível em: www.claudioautogestao.com.br)

- Mendonça, Aline/Adams, Telmo. "Economia Solidária: um espaço peculiar de educação popular". Em: Streck, Danilo/Esteban, Maria Teresa. "Educação Popular". Vozes. Petropolis. 2013

- "Referenciais metodológicos de formação e assessoria técnica em economia solidária". Rede

Cfes. Brasília 2016.

- Balizamento conceitual e metodológico de redes de cooperação solidária. ADS. 2018.

- Projeto de promoção do desenvolvimento local e economia solidária. MTE/Senaes. 2006

- Manual para formadores. MTE/SENAES. sd

- Projeto Brasil 3 tempos. Cadernos NAE. Julho 2004. SECOM. Brasília.

12. Outras obras sobre o tema.

- Paquot, Thierry. "Rosa Luxemburg et les marxismes français. 1909 -1939. em : "Rosa Luxemburg aujourd'hui". Vincennes. 1986

- Holloway, John. "Agrietar el Capitalismo". Ediciones Herramienta. B. Aires. 2011

====="Fissurar o capitalismo". Publisher Brasil. sp. 2013

- Bartra, Armando. "Hacia um marxismo mundano". Itaca. México. 2016

====="El capital em su labirinto". Itaca. México. 2006

. O.F. Borda. Antologia: "Una sociologia sentipensante para América Latina". Clacso. Siglo veintiuno. B. Aires. 2015.

. O.F. Borda. "El socialismo raizal y la gran Colombia bolivariana". El perro y la rana. Caracas. 2008

. O.F. Borda. Antologia. "Ciencia, compromiso y cambio social". Editorial El Colectivo. Montevideo. 2014.

. Gallo, Ana Maria. "O.F. Borda y la Comunidad". Universidad de Chile. 2015

- La Migrana. el marxismo de nuestro tempo. Revista, n. 19. Bolivia. 2016.

- Marx, Karl. "Escritos sobre la Comunidad ancestral". Vice-presidencia Estado-Bolivia. 2015.

- Musto, Marcelo. "O vleho Marx". Boitempo. 2018

- Shanin, Teodor. “Marx tardio e a via Russa”.expressão popular.2017
- Bernardo, João. “Economia dos conflitos sociais”.Cortez. 1991
- Luxemburgo, Rosa. “A Acumulação do Capital”.Zhar editores.rio.1970
- Santos, Milton. “O espaço dividido”.Fco.Alves editora.Rio.1979
- Eley, Goef. Forjando a democracia.a história da esquerda na europa , 1850-2000.fundação p.abramo.2005
- La economia social desde la periferia.Coraggio,J.Luis(org.). editorial Altamira/ UNGS. Buenos Aires.2007
- Kraychete G./Lara,F./Costa,B.(orgs):”Economia dos Setores populares:entre a realidade e a utopia”.editora Vozes/UCSAL/CAPINA/CESE.Petropolis. 2000.
- Economia dos setores populares: sustentabilidade e estratégias de formação. Capina/Oikos. 2007
- Economia dos setores populares: pensamentos, ferramentas e questões.Capina/KNH.editora Catarse.Porto Alegre.2009
- Economia popular solidaria: indicadores para a sustentabilidade. UCSAL/TOMO editorial.porto alegre.2012
- Nascimento, Claudio. “Revolução e Arte”(Mario Pedrosa).Revista “PERSEU”.Dossiê “revolução e Cultura”.n.14,Ano II, set. 2017.
- Sader, Eder. “Quando novos personagens entraram em cena”.Paz e Terra.1991
- Cunha Bocayuva,C.Pedro. “As metamorfoses do trabalho e da cooperação produtiva: a economia popular e solidria na perspectiva da nova centralidade do trabalho”.FASE.Rio.2007
- Novaes,T.henrique/ Batista,Eraldo L. / Rodrigues,C.Fabiana.”Movimentos sociais, trabalho associado e educação para além do Capital”.Outras expressões.2012
- Novaes,H.T./ Schmidt,Carlos.”Economia solidária e transformação social”.UFRGS.porto alegre.2013

13.Obras/pesquisas da Arquidiocese de São Paulo :

- São Paulo: o Povo em Movimento.Vozes/Cebrap.São Paulo.1980.
- São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza.edições Loyola.são Paulo.1981
- São Paulo,Trabalhar e Viver.editora brasiliense.são Paulo.1989

13. Obras com críticas/análises da Economia Solidária/Singer:

- J.Gorender. Marxismo sem Utopia.editora Atica.1999
- H.Wellen.Para a Critica da “Economia Solidária”. Outras expressões.2012
- Maria Thereza C.G.Menezes.Economia Solidária:Elementos para uma critica marxista.Gramma.2007
- Jacob C.Lima(org.).Ligações Perigosas.Annablume.2007
- Henrique T.Novaes(org.).O retorno do Caracol e sua concha.expressão popular. 2011
- Novaes,H./Batista,Leme Eraldo.: “Trabalho , educação e Reprodução Social”.editorail práxis/RET.Bauru.2013
- Faria, Mauricio Sarda: ‘Autogestão,cooperativa,economia solidária.Avatares do trabalho e do capital’.UFSC.Florianopolis..2011
- Germer, Claus. “A ‘economia solidária”:uma critica marxista’.Revista ‘Outubro”.n. 14-2006.
- Arantes, Paulo Eduardo. “ Zero À esquerda”.Conrad livros.2004
- Marinho, Roberto: “A economia solidária e os novos paradigmas de desenvolvimento: sustentabilidade, solidariedade e territorialidade”. Texto para debate na SENAES.versão março 2004).

14.Autogestão e Corrente autogestionária na França;

- Mothe, Daniel:l'autogestion goute à goute.le centurion.paris.1980
- Bourdet, Yvon:Por l'autogestion.éditions anthropos.paris.1974
- =====: La délivrance de prométhée.pour une théorie politique de l'autogestion.éditions anthropos paris.1970
- .Naville, Pierre. Le temps , la tecnica, l'autogestion.Syros.paris.1980
- .Leduc,Victor. Aliénation ou autogestion.la Breché.paris.1989
- .Rosanvallon,Pierre: L'âge de l'autogestion.éditions du Seuil .paris.1976
- Vignaux,Paul: “de la CFTC à la CFDT,syndicalisme et socialism (Reconstruction , 1946-1972).éditions Ouvrieres.paris.1980
- Piaget , Charles: LIP.stock 2.paris.1973

- Georgi, Frank: “Soufflons nous-meme note forge. Une histoire de la federation de la metallurgie CFTC-CFDT. 1920-1974”. les éditions Ouvrières. Paris. 1991.
- Cour-Salies , Pierre: “La CFDT. Un passé porteur d’avenir. pratiques syndicales et débats stretégiques depuis 1946”. la Breché. Montreuil. 1988
- Krumnow, Fredo: CFDY au coeur. Syros. paris. 1977
- Bourdet/Guillerm: Clefs pour l’autogestion. Seghers. paris. 1977
- Georgi, Frank (direction): autogestion, la dernière utopie ?-la Sorbonne. paris. 2003
- Collonges, Lucien (coord.): Autogestion, hier, aujourd’hui, demain. Syllepse. paris. 2010
- Autogestion. L’Enciclopedia Internazionale. Éditions Syllepse. paris. 2015
- www.autogestion.asso.fr
- Borrits, Benoît: Cooperatives contre capitalisme. Syllepse. paris. 2015
- Azellin, Dario/Ness, Immanuel (editors): Ours Master. And to Own. Worker’s Control from the Commune to the present. haymarket Books. Chicago. 2011
- Nascimento , Claudio: “História da FGM , em: “A Oposição Sindical no Exilio”. (www.claudioautogestao.com.br)

